



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE –  
PPGCOM**

**LENICIO DA SILVA NASCIMENTO**

**NARRATIVAS DE LUTO NA PANDEMIA DE COVID-19 EM PALMAS-TO:  
COSTURANDO RETALHOS DE PERDAS EM BUSCA DE RESSIGNIFICAÇÃO**

**PALMAS/TO  
2023**

**LENICIO DA SILVA NASCIMENTO**

**NARRATIVAS DE LUTO NA PANDEMIA DE COVID-19 EM PALMAS-TO:  
COSTURANDO RETALHOS DE PERDAS EM BUSCA DE RESSIGNIFICAÇÃO**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCom), da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liliam Deisy Ghizoni.

Coorientador: Prof.<sup>o</sup> Dr. José Fernando Patiño Torres.

**PALMAS/TO  
2023**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- N244n Nascimento, Lenício da Silva.  
NARRATIVAS DE LUTO NA PANDEMIA DE COVID-19 EM PALMAS-TO: Costurando retalhos de perdas em busca de ressignificação. / Lenício da Silva Nascimento. – Palmas, TO, 2023.  
100 f.  
  
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Comunicação e Sociedade, 2023.  
Orientadora : Liliam Deisy Ghizoni  
Coorientador: José Fernando Patiño Torres  
  
1. Covid-19. 2. Luto. 3. Narrativas. 4. Comunicação. I. Título

**CDD 302.2**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**LENICIO DA SILVA NASCIMENTO**

**“Narrativas de luto na pandemia de Covid-19 em Palmas-TO:  
costurando retalhos de perdas em busca de ressignificação”**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 10/03/2023.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liliam Deisy Ghizoni  
Universidade Federal do Tocantins  
Orientadora

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. André Luís Campanha Demarchi  
Universidade Federal do Tocantins  
Primeiro Avaliador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Irenides Teixeira  
CEULP/ULBRA  
Segundo Avaliador

*Dedico esse trabalho a todas as pessoas que perderam seu ente querido dentro do período Pandêmico da COVID 19 e ainda hoje buscam formas de narrar e ressignificar essa dor.*

*A essas pessoas e familiares que buscam suporte em meio ao vazio e desalento que se causou pela falta de rito, de despedida e descaso de todos os meios.*

*A vocês enlutados pela COVID 19 especialmente às participantes desse trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

A vida devia ser uma arte de Gratidão, nessa gratidão requer reconhecer que há um sistema que nos ajuda a estar onde estamos e buscar o que queremos buscar.

Esse projeto nasce de um grande desafio que é lutar com as percas de quem amamos e como expressar isso.

Primeira gratidão a todos os enlutados que lutam para narrar suas experiências seja qual forma ou símbolo usam para ressignificar.

Gratidão ao PPGcom, a Coordenação desse programa, seus professores e colaboradores que de forma singular nos apoiam incentivam, encorajam e estimulam a sermos colaboradores de pesquisa na construção do saber.

De forma especial ao professor José Fernandes que inicialmente apoio e me aceitou na co-construção desse desafio trazendo correções e ajustes importantes para a melhoria desse trabalho. Esse projeto tem muito de você.

Gratidão a Irenides e André por aceitar participar desse projeto, pela paciência em receber o texto com pouco tempo e ainda se implicar de forma amorosa com ele! Suas contribuições e participação imprescindíveis foram importantes para chegar aonde chegamos! Vocês marcaram também esse processo.

A Liliam que bravamente abraçou esse desafio no caminho e com muito carinho e amorosidade se implicou nesse projeto, te levarei para a vida, gratidão!

Aos colegas que do programa que se tornam pontes e suportes nesses árduos processos de projeto de pesquisa, com vocês o peso de torna mais leve.

Aqui uma gratidão mais que especial, a posso dizer amiga e colaboradora Janete, esse veio do céu para me ajudar, sem palavras por tudo que fez gratidão, esse projeto é só o início de vários trabalhos.

Aqueles que em meio ao silêncio, distantes, próximos, perto, dentro, os que chamam de amigos e que contribuiu e acreditou e ainda acredita que podemos sempre ir além, gratidão pelo gesto de incentivo de cada um.

Vou parecer narcisista mais o auto agradecimento é necessário para reconhecermos as forças que temos e que em meio aos grandes desafios vamos superando, gratidão a mim!

Por fim, Gratidão Aquele que é a razão de tudo, e de todas as coisas aquele, que inventou o céu como suporte para nossas experiências de perca: Deus meu tudo, suporte, força, conflito e fé a Você Deus muitíssima Gratidão.

## **Perdas Necessárias**

Deixa partir  
O que não te pertence mais  
Deixa seguir o que não poderá voltar  
Deixa morrer o que a vida já despediu  
Abra a porta do quarto e a janela  
Que o possível da vida te espera  
Vem depressa que a vida precisa continuar  
O que foi já não serve é passado  
E o futuro ainda está do outro lado  
E o presente é o presente que o tempo quer te entregar

Fala pra mim  
Se achares que posso ouvir  
Chora ao teu Deus se não podes compreender  
Rasga este véu do calvário que te envolveu  
Tão sublime segredo se esconde  
Nesta dor que escurece o horizonte  
Que por hora impedem os teus olhos de contemplarem  
O eterno presente do tempo  
O ausente o presente em segredo  
Na sagrada saudade que deixa continuar

Deixa morrer o que a morte já sepultou  
Deixa viver o que dela ressuscitou  
Não queiras ter o que ainda não pode ser  
É possível crescer nesta hora  
Mesmo quando o que amamos foi embora  
A saudade eterniza a presença de quem se foi  
Com o tempo esta dor se aquieta  
Se transforma em silêncio que espera  
Pelos braços da vida um dia reencontrar.

**(Padre Fábio de Melo)**

## RESUMO

Este estudo teve por objetivo descrever como três mulheres que perderam familiares próximos, para o novo coronavírus em 2021 compreendem o processo de luto. Especificamente buscou-se narrar a experiência de luto na pandemia pela COVID-19 das participantes, identificar as narrativas usadas por elas na busca pela resignificação desse luto e delinear as consequências do luto na vida dos participantes. Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo. Voluntariaram-se a participar três mulheres, com idade entre 27 e 75 anos de idade, residentes em Palmas-TO e que perderam entre 1 e 2 membros da família por morte em decorrência da COVID 19. Realizamos entrevista individual, construíram-se diários de campo e fez-se análise das narrativas. Obtivemos os seguintes resultados: a) As narrativas do luto decorrente da pandemia da COVID-19 são permeadas de *idas e voltas*, não obedecendo uma linearidade, pois são relatos que extravasam os mais diversos sentimentos de forma introspectiva; b) O processo de resignificação do luto decorrente da pandemia da COVID-19 é afetado não somente pela ausência dos relacionamentos antes construídos com o sujeito falecido, mas também pela impossibilidade de realizar os rituais fúnebres nos moldes como se encontram estabelecidos, fato que causa uma desaceleração no processo de superação do luto; c) As consequências do luto na vida das participantes trouxeram grandes impactos em suas relações sociais, tanto positivos como se aproximar mais dos familiares quanto negativos como o isolamento, advindo da dificuldade de sua superação. Concluímos que ao narrar a experiência do luto na pandemia das três participantes compreendemos que falar sobre o processo de luto pode ser um bálsamo para quem se encontra submerso nesse pântano. Desta forma, identificamos as narrativas usadas pelas participantes na busca pela resignificação. O uso dessas metáforas nas narrativas de luto na pandemia da COVID- 19 deu uma certa leveza ao fardo que colocamos sobre nossas costas ao tratar de um assunto de tão complexo, mas que nos permitiu compreender o paradoxo advindo da consequência do luto na vida das colaboradoras desta pesquisa. Assim, nos valemos das metáforas da ONÇA, FORTALEZA e ÀRVORE para identificar e analisar as narrativas das participantes.

**Palavras-chave:** COVID-19. Luto. Narrativas.

## ABSTRACT

This study aimed to describe how three women who lost close family members to the new coronavirus in 2021 understand the grieving process. Specifically, we sought to narrate the experience of grief during the COVID-19 pandemic of the participants, identify the narratives used by them in the search for a new meaning of this grief and outline the consequences of grief in the lives of the participants. This is a qualitative and descriptive study. Three women, aged between 27 and 75 years old, residing in Palmas-TO and who lost between 1 and 2 family members due to death due to COVID 19, volunteered to participate. field and the narratives were analyzed. We obtained the following results: a) The narratives of mourning resulting from the COVID-19 pandemic are permeated with comings and goings, not obeying a linearity, as they are reports that go beyond the most diverse feelings in an introspective way; b) The process of reframing the mourning resulting from the COVID-19 pandemic is affected not only by the absence of relationships previously built with the deceased subject, but also by the impossibility of carrying out the funeral rites in the manner in which they are established, a fact that causes a slowdown in the process of overcoming grief; c) The consequences of mourning in the lives of the participants had great impacts on their social relationships, both positive, such as getting closer to family members, and negative, such as isolation, arising from the difficulty of overcoming it. We conclude that by narrating the experience of grief in the pandemic of the three participants, we understand that talking about the grief process can be a balm for those who are submerged in this swamp. In this way, we identified the narratives used by the participants in the search for resignification. The use of these metaphors in the mourning narratives in the COVID-19 pandemic gave a certain lightness to the burden we placed on our backs when dealing with such a complex subject, but which allowed us to understand the paradox arising from the consequence of mourning in the lives of the collaborators of this research. Thus, we use the metaphors of ONÇA, FORTALEZA and ÁRVORE to identify and analyze the narratives of the participants.

**Keywords:** COVID-19. Grief. Narratives.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Símbolo do luto - fita preta.....	36
Figura 2 - Símbolo do luto - bandeira meio mastro.....	37
Figura 3 - Instrumento de coleta de dados.....	43
Figura 4 - Passos para a realização das entrevistas.....	45

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tempo de cada entrevista (em minutos).....	45
--	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fases do luto.....	27
Quadro 2 - Dados das participantes.....	44
Quadro 3 - Descrição das entrevistas.....	44
Quadro 4 - Eixos norteadores da entrevista.....	47
Quadro 5 - Proximidade com a pessoa que se perdeu na pandemia da COVID-19.....	50
Quadro 6 - Marcadores de relacionamento/proximidade com o sujeito falecido.....	50
Quadro 7 - Arquétipos de identificação das participantes.....	73
Quadro 8 - Fase do luto em que se encontra os sujeitos da pesquisa.....	74

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AC	Análise do Discurso
TCLE	Termo Consciente de Livre Esclarecido
UFT	Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
1.1	Problema da pesquisa	17
1.2	Justificativa	19
1.3	Objetivo geral	20
1.4	Objetivos específicos	20
1.5	Estrutura da Dissertação	20
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>22</b>
2.1.	A construção simbólica do luto e suas manifestações na esfera familiar	22
2.2	As fases do luto	27
2.3	O luto e a pandemia da covid-19	29
2.3.1	Negação do velório na pandemia da COVID-19	35
2.3.2	O símbolos do luto no Brasil	36
2.4	A construção da Narrativo e o Luto	38
<b>3</b>	<b>JORNADA METODOLÓGICA: O ENREDO DE UMA CAMINHADA</b>	<b>41</b>
3.1	Participantes do Estudo	42
3.2	Instrumento Coleta de Dados	43
3.3	Procedimento de coleta de Dados	44
3.4	Estratégias para análise dos dados	46
3.5	Aspectos éticos	48
3.6	Riscos	48
3.7	Devolução aos participantes da pesquisa	49
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>50</b>
4.1	Resumo das narrativas das participantes	51
4.2	Análise das Narrativas das participantes	52
4.2.1	Narrativas sobre o processo de (re) florescimento de uma árvore	53
4.2.2	Narrativas sobre os tijolos que compõem uma muralha de fortaleza	56
4.2.3	Narrativas sobre os sinais contidos no rugido de uma onça	58
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO</b>	<b>62</b>
5.1	Prólogo: a vida antes do luto	62
5.2	Narrativas do luto: uma árvore sem folhas, uma muralha em ruínas e o rugido triste da onça	64
5.3	Costurando retalhos de perdas: a busca pela resignificação	72
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>76</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>81</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>90</b>
	Apêndice A: Termo de Consentimento Livre Esclarecido	90
	Apêndice B: Roteiro de Entrevista Semiestruturada	92
	Apêndice C: Diário de Campo-ÁRVORE	93
	Apêndice D: Diário de Campo- FORTALEZA	97
	Apêndice e: Diário de Campo-ONÇA	99

## 1 INTRODUÇÃO

A palavra “luto” representa uma mistura complexa de pensamentos e sentimentos. O luto é tudo o que pensamos e sentimos depois que alguém que amamos morre ou vai embora ou algo a que nos apegamos e desaparece de nossas vidas. Em outras palavras, o luto é a resposta humana instintiva à perda (LUKACHAKI *et al.*, 2020).

O luto não é algo que escolhemos. É a jornada normal e necessária em que embarcamos depois que algo que valorizamos não existe mais. Lamentamos e sentimos o luto quando alguém que amamos morre, quando um animal de estimação morre, se alguém que nos amamos deixa, se algo que valorizamos é tirado de nós. Se as circunstâncias com as quais estávamos confortáveis ou apegados muda, lamenta-se a ponto deste sentimento se tornar um luto. Em geral, quanto mais forte for o apego à pessoa ou ao objeto amado, mais forte será esta dor. O amor e a tristeza são dois lados da mesma moeda preciosa. Um não existe – e não pode – existir sem o outro. As pessoas às vezes dizem que a dor é o preço que pagamos pela alegria de ter amado. Se nos permitimos a graça do amor, devemos também nos permitir a graça da dor e do luto (WOLFELT; DEBERRY, 2021).

O luto é o que pensamos e sentimos por dentro; é a expressão externa da nossa dor. O luto é chorar, é falar sobre a perda, registrar no diário, compartilhar memórias e contar histórias. Outras maneiras do luto incluem orar, participar de cerimônias e participar de grupos de apoio. O luto é como, com o tempo, começamos a nos curar. É por meio do luto ativo e honesto que se reconstrói a esperança e o sentido da vida (LUKACHAKI *et al.*, 2020).

Assim, o luto também faz parte da forma como o narramos e vivenciamos essa narrativa pois, por mais introspectiva que seja a pessoa, até mesmo no chorar ela está narrando seu sentimento com o mundo externo. Toda expressão de luto é uma forma de narrar o que se sente, inclusive o silêncio. Ao se retrair ao silêncio e à quietude, o indivíduo enlutado se comunica com o mundo, pois o não agir e o entristecimento é um meio de narrativa importante. Muitas vezes o silêncio é parte de um outro sentimento, como a profunda tristeza, o fato de estar chocado, a inconformidade, estes são elementos que podem compor o luto.

Mas há um paradoxo no conceito de compreender o luto. É possível que, quando o momento parece certo e os enlutados estão abertos a aprender com aqueles que trilharam o caminho da perda antes deles, é possível compartilhar experiências e informações que os ajudem a entender e afirmar o que estão vivenciando (WOLFELT; DEBERRY, 2021). Isso significa que, no luto, é possível aprender algo com aqueles que já vivenciaram tal sentimento complexo. O paradoxo está neste fator, aprender com o luto.

Nos últimos dois anos e meio, o mundo se envolveu em um luto coletivo com precedentes raros. Um vírus altamente contagioso e muitas vezes letal assolou quase todos os cantos do mundo, causando uma crise sanitária que alterou a rotina das pessoas. Só no Brasil, até de 2022, foram mais de 688 mil mortes decorrentes de reações ao novo coronavírus, a COVID-19 (CORONAVÍRUS//BRASIL, 2022). A vacina levou 1 ano para chegar no Brasil, ocorrendo em janeiro de 2021, sendo que a primeira dose da vacina foi aplicada no dia 17 de de janeiro de 2021. Até esta data, segundo a mesma fonte, o Brasil já tinha contabilizado 8.843.105 milhões de casos e 209.868 óbitos. Segundo a última atualização do Conselho Nacional dos Secretários da Saúde (CONASS) que ocorreu em 23 de fevereiro de 2023, o número de casos era de 36.953.492 e 697.762 óbitos.

Os coronavírus fazem parte de uma velha conhecida família de vírus, responsáveis por infecções respiratórias em seres humanos e em animais. O SARS-CoV-2, também conhecido como novo coronavírus, é uma cepa identificada em 2019 que tem algumas características genéticas que o tornam mais transmissível e capaz de causar quadros clínicos mais graves. A partir daquele ano, o mundo todo está tendo de lidar de forma intensa com esse novo vírus. O problema se tornou tão sério que foi decretado que seus efeitos no globo todo haviam se tornado uma pandemia, que é quando ocorre uma enfermidade epidêmica amplamente disseminada (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020).

De fato, existe um problema sanitário que traz à população desespero, especialmente porque, não raramente, as pessoas que sobrevivem têm uma ou mais perdas de entes ou amigos próximos desde 2019. Isso significa que é comum que uma ou mais pessoas próximas de qualquer brasileiro tenha falecido de COVID-19. Desta forma, além do problema de saúde pública, há o que se chama de luto coletivo. Oliveira (2020) ao discorrer acerca do luto coletivo mediante a Covid-19, o define como um acontecimento que pode estar relacionado a tragédias que levam a mortes de muitas pessoas de forma inesperada e abrupta.

Se por um lado existe uma frente de médicos, enfermeiros e demais trabalhadores da saúde lutando para evitar novos casos e o tratamento daqueles que já se infectaram, por outro existem psicólogos, médicos psiquiatras, religiosos e todos aqueles profissionais que lidam com o luto tratando de pessoas deprimidas, inconformadas, lamentando a morte de milhões de pessoas próximas ou não.

A preocupação com o luto de pessoas que perderam entes queridos ou pessoas próximas e a forma como esse luto é narrado é o foco principal deste trabalho, que almeja a compreensão aprofundada desses casos. Serão investigados os meios que o luto foi narrado, como o enlutado se comunicou com seu exterior desde o início, se houve demonstração de seus sentimentos em

forma de ação, quais foram as maneiras de lidar com tamanho sentimento negativo, descrever os processos narrativos da pessoa em relação ao luto e como sua família experienciou a narrativa do luto.

Esta temática toca o pesquisador a partir das atividades desempenhadas em seus dois ofícios: o de psicólogo, padre e, também, de suas atividades acadêmicas, enquanto mestrando em Comunicação e Sociedade, fatores que despertou o interesse de pôr em evidenciar tal problemática, entendendo que, esse caminho aponta muitas direções no sentido acolher os sujeitos que cotidianamente os procure em busca de apoio. O fato de que durante a pandemia se percebeu uma maior carência desses sujeitos no que diz respeito ao acolhimento também contribuiu com a eleição desse tema enquanto objeto de estudo.

Nesse sentido, abordar os relatos de luto foi uma oportunidade para que o pesquisador (re)pensasse seus ofícios e, a partir disso, buscar novas formas de acolhimento diante dos sujeitos que buscam ajuda quando se depararem com a complexa e inevitável situação de luto. Assim, os relatos das narrativas consideradas neste estudo foram pensadas como uma forma de comunicação com seus elementos verbais e não verbais. Quanto a esses elementos narrativos, Brunner (1997) ressalta que as pessoas vão organizando suas experiências no mundo social e individual, seu conhecimento sobre ele e as trocas que ele mantém. As narrativas do sujeito representam a constituição de si mesmo. Com suas narrativas pode ser percebida a maneira como esses sujeitos se comunicam com a sociedade e realidades em que vivem (BAKHURST; SHANKER, 2001).

Para Martino (2016, p. 44) “o estabelecimento de um vínculo comunicacional existe, dentro dessa perspectiva, quando algo é efetivamente compartilhado com o outro: é a partir desse princípio que a narrativa se desenha como um elemento por excelência do ato comunicacional”.

Este projeto terá o foco na narrativa de três sujeitos que passaram pela experiência do luto mediante o Covid-19, utilizando a entrevista como um instrumento de coleta de dados das narrativas dos sujeitos. Este pesquisador atua em dois campos de saberes: como sacerdote e como psicólogo. Foi dentro desses dois sistemas que acabei realizando muitas escutas e fazendo muitos acolhimentos para pessoas enlutadas diante das perdas de familiares pela COVID-19 entre os anos de 2020 e 2022.

Assim, foi possível se adentrar no processo narrativo de cada um e fui observando muitas questões, dentre elas a dor dos sujeitos diante da inexistência da despedida, devido o impedimento dos funerais. Dentro desse contexto percebi a importância do acolhimento, mas também da comunicação, da fala, do processo narrativo como um todo.

## 1.1. Problema de pesquisa

O luto é caracterizado como um estado emocional, que ocorre após o fim de um vínculo estabelecido com outra pessoa, ou mesmo com objetos. É, portanto, uma situação passageira que faz parte do cotidiano do sujeito e dentro de determinadas condições e com limites de tempo rígidos para seu diagnóstico. Sendo que cada sujeito pode viver de maneira diferente e tempos diferentes (KAMENS, 2010). Para os propósitos desse estudo, se considera o luto advindo da perda de um ente querido.

As reações de luto influenciam os sujeitos ao longo de seu processo de desenvolvimento. Os efeitos das reações de luto são um assunto especial de avaliação. Nestas situações, as pessoas utilizam uma ou mais estratégias de *coping* (conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de stress e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais), mas as estratégias que utilizam não são idênticas (BONANNO, 2004; TOTH; STOCKTON; BROWNE, 2000).

Escutar as narrativas sobre o luto é um tema complexo, visto que, falar do luto dentro da pandemia da Covid-19 ainda é uma experiência que a sociedade está vivenciando. Além disso, o luto corresponde a um fenômeno individual e social, que pode se manifestar em diferentes formas de narrativas.

Existe uma relação direta entre luto e resiliência, e os indivíduos que vivenciaram uma perda apresentam mais resiliência do que pensavam (BONANNO, 2005). O trabalho de Vickio, Cavanaugh e Attig (1990) investigou percepções de luto entre estudantes universitários (123 voluntários de graduação de classes introdutórias do curso de Psicologia). Surpreendentemente, os resultados deste estudo exploratório revelaram que muitos estudantes universitários possuem uma consciência substancial das várias facetas do processo de luto, incluindo as características emocionais, físicas, interpessoais e temporais. Muitos também demonstraram sensibilidade à ampla diversidade que pode existir nas reações de luto, em vez de ter uma visão estreitamente circunscrita do que o luto implica (VICKIO; CAVANAUGH; ATTIG, 1990).

Talvez a compreensão dos alunos sobre o processo de luto possa ser atribuída (pelo menos em parte) à crescente atenção que tem sido focada no luto e na morte nos últimos anos, não apenas por cientistas sociais e médicos, mas também pela mídia. Outra possibilidade é que as percepções precisas de muitos participantes sejam amplamente explicadas pelo fato de que o luto é uma experiência que eles mesmos vivenciaram – em alguns casos, muitas vezes (VICKIO; CAVANAUGH; ATTIG, 1990).

Mesmo aqueles poucos que relatam nunca ter experienciado a morte de um amigo ou ente querido provavelmente passaram por perdas significativas de outros tipos e podem refletir em uma compreensão dos processos de luto porque eles, como todos nós, sofreram de alguma forma (VICKIO; CAVANAUGH; ATTIG, 1990).

O sofrimento apresenta grande visibilidade na esfera pública contemporânea, especialmente pela emergência de novos espaços de comunicabilidade, como a Internet, e pelo surgimento de uma nova economia moral das emoções, que confere autenticidade aos sofreres e favorece a proliferação de narrativas autobiográficas de cunho testemunhal (FARIA, 2017). O sofrimento do qual se trata aqui é o relacionado à perda de um ente querido e, desse modo, a questão da narrativa mediante a morte a partir da COVID-19 torna-se central para as problematizações.

O Brasil foi afetado de forma drástica pela Covid-19 em todos os âmbitos: econômicos, sociais, culturais e familiares. “No momento, a falta de emprego torna-se radicalmente estrutural, em meio ao ‘apagão de informações’ oficiais, estima-se um índice superior a 16%, tornando-se o mais elevado da história” (LUCENA; PREVITALLI; BRETTAS; 2020).

O descaso do Governo federal (gestão 2019-2022) e de forma especial do então Presidente da República contribuiu de forma drástica para o aumento da Pandemia. Segundo Mota e Ginach (2021), o “Presidente Jair Bolsonaro produz falas e gestos que materializam uma política de negação da pandemia e do trabalho de luto coletivo”. Os autores ressaltam ainda: “as restrições sanitárias dificultam ou impedem as despedidas dos entes queridos e os velórios. As autoridades deveriam considerar o problema e buscar atenuar a dor dos enlutados, mas, aparentemente, isso é secundário para elas” (MOTA; GINACH; 2021).

As negligências em torno das vacinas, sua aquisição, distribuição, entre outros fatores, fizeram com que as mortes e a experiência de dor mediante a Covid-19 aumentassem no Brasil. A Ascom Sindsep-PE ressalta:

O resultado do corte de orçamento para a saúde e do atraso na compra de vacinas, devido a tentativa de corrupção, foi o aumento de contagiados e do número de mortes no Brasil, que se tornou um dos piores exemplos mundiais no combate a Covid-19. No final do ano passado, o Brasil registrou 655 mil óbitos provocados pela pandemia, enquanto o mundo registrava mais de 6 milhões. Ou seja, sozinho, o país tinha cerca de 10,5% das vítimas fatais da infecção, apesar de representar apenas 2,7% da população do planeta. Hoje, já são mais de 682 mil mortes. Pesquisas constataram que se o Governo Federal tivesse tomado as providências necessárias, o país poderia ter tido um desempenho dentro da média mundial, o que evitaria a metade das mortes pela doença (SINDSEP-PE, 2022).

Mediante tal contexto de sofrimento, precisa-se abrir espaço para que o sujeito manifeste sua dor diante dos seus lutos. Destarte a pergunta que move este estudo é: como sujeitos que

perderam familiares próximos, para o novo coronavírus, entre 2020 e 2022 vivenciam o processo de luto?

## 1.2 Justificativa

Após o surgimento da pandemia de COVID 19 já foram feitas muitas publicações nestes três anos. Numa pesquisa simples no google acadêmico, com o descritor “luto *and* pandemia” surgiram em 03 de novembro de 2022, 10.100 resultados. Ao passo que o mesmo descritor na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) as produções de dissertações e teses foram de 59 estudos. E na mesma data, com os mesmos descritores observa-se que no *Scielo* apareceram 19 estudos. Este cenário mostra a crescente discussão em torno do tema, que carece de aprofundamentos.

É do conhecimento de todos que pessoas enlutadas pela COVID-19 enfrentaram momentos difíceis porque, além de perderem o seu ente querido, não conseguem ultrapassar a angústia, por não poderem assistir o seu parente, e muito menos despedir-se e prestar-lhe as últimas cerimônias fúnebres. Os autores sugerem a promoção de serviços sociais e de atendimento psicológico aos parentes enlutados, como forma de prevenir casos de luto complicado e transtornos mentais.

Vale lembrar que, por conta das medidas de prevenção contra a contaminação, decretadas em muitos países, as cerimônias de sepultamentos seguem inúmeras recomendações, desde a restrição de visitas hospitalares pelos parentes, limitação na participação e manejo dos corpos e celebração de cerimônias fúnebres; Desse modo, o luto tende a ser mais duro e insuperável. Esta realidade faz com que muitos parentes passem a cada momento por angústia, dor e sofrimento pelos procedimentos que seu familiar vai enfrentar no hospital e no sepultamento.

Trata-se de uma pesquisa de grande relevância, pois se busca trabalhar com questões que são do espectro interior de cada sujeito, mas que possivelmente interferem e afetam sua narrativa, o âmbito exterior ao sujeito, gerando efeitos na configuração social de comportamento, sociabilização de uma forma geral.

Falar sobre a perda de um ente querido é adentrar em uma narrativa de dor que remete ao passado, mas sempre com o olhar do presente e, por isso, a memória também é discutida. Ao construir informações sobre a experiência do luto do público em estudo, será possível verificar como a forma de narrar sua experiência de enlutado ajudou no processo de ressignificação e

como isso pode contribuir para auxiliar a tantos sujeitos que ainda sofrem. Além disso, a presente pesquisa apresenta relevância quando, a partir dos resultados construídos possam ser geradas ações sociais com a finalidade de promover um ambiente acolhedor e humano, aqui dando ênfase ao fator luto.

Vale salientar que a comunicação faz uso de uma linguagem interna sobre as coisas, mas ela é também moldada pelo social. Assim, as diversas formas de narrar não são apenas uma construção cultural, mas sim, são muito diferentes entre as culturas. Com base nisso, pode-se dizer que a forma de se narrar o luto dentro da Pandemia está sendo conhecida e experiência.

Justifica-se também este estudo, devido a estreita ligação do pesquisador com o tema, o que acabou me motivando a entrar na academia, como já dito na introdução deste estudo. Afinal realizar funerais totalmente adaptados aos rituais tradicionais, foi impactante para as pessoas enlutadas e também a mim como padre. O acolhimento e a escuta qualificada, sejam no espaço da igreja ou no consultório foi permeado de muitos casos de pessoas enlutadas.

### **1.3 Objetivo geral**

Descrever como sujeitos que perderam familiares próximos, para o novo coronavírus, entre 2020 e 2022 vivenciam o processo de luto.

### **1.4 Objetivos Específicos**

- Favorecer a narração da experiência de luto na pandemia pela COVID-19 de três sujeitos residentes em Palmas - TO;
- Identificar as narrativas usadas por esses sujeitos na busca pela resignificação desse luto;
- Delinear as consequências do luto na vida dos participantes.

### **1.5 Estrutura da Dissertação**

Primeiramente, precisamos esclarecer que optamos pela estrutura tradicional de elaboração e apresentação do texto dissertativo, entendendo, assim, que tal modelo é o mais adequado para o tipo de estudo pelo qual nos enveredamos. Posto isto, antecipamos que depois do necessário apontamento introdutório, partimos para a revisão da literatura, espaço que nos permitiu uma imersão nas bibliografias que se concentraram nas conceituações do luto e suas principais bases teóricas, voltamos nossa atenção, também, para a questão do luto no contexto

da pandemia da COVID-19, assim, como para as referências pertinentes as narrativas do luto, tendo como campo de estudo o período pandêmico.

Em seguida, nos ocupamos em discorrer sobre os procedimentos metodológicos, momento em que apontamos quais caminhos percorremos para chegar aos nossos objetivos, assim como destacamos os cuidados éticos que foram tomados diante da realização da pesquisa.

Logo após, fizemos, primeiramente uma exposição das informações levantadas, para na etapa seguinte, analisarmos essas informações fazendo uso de metáforas como ONÇA, FORTALEZA e ÁRVORE e, também, retomamos aos principais pontos da fundamentação teórica, no sentido de estabelecer um diálogo entrelaçado entre o que já se estudou sobre o tema e o que encontramos neste estudo.

E, por derradeiro, nas considerações finais, destacamos os resultados alcançados, assim como os percalços que, via de regra, foram inevitáveis no decorrer da realização deste trabalho dissertativo.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

Nesta parte deste estudo, primeiramente, abordamos sobre a construção simbólica do luto e suas implicações na esfera familiar, em seguida fez-se uma breve explanação referente as fases do luto e como ele se caracterizou no contexto da pandemia da COVID-19, oportunidade em que se discorreu sobre as fases do luto e sobre a negação do luto neste período. E, por fim, adentramos na questão da construção da narrativa do luto, entendendo tais considerações como primordial para o entendimento do objeto de estudo.

### **2.1 A construção simbólica do luto e suas manifestações na esfera familiar**

A perda é um fenômeno que atinge tanto aquele que morreu quanto os que sobreviveram, de modo que permite o reconhecimento do objetivo da morte e a continuação da vida. Entretanto, alcançar um tipo de equilíbrio nesse processo é uma das coisas mais complexas e difíceis que uma família pode passar, o que se torna um problema de cunho social (WALSH; MCGOLDRICK, 1998).

De acordo com Kastenbaum (1983), conforme cada indivíduo teme a morte de um modo diferente, devem ser levantadas duas concepções: na primeira é sobre a morte do outro indivíduo relacionado ao desamparo, ao abandono e à consciência a respeito da ausência e da separação do outro. Na segunda concepção, existe a ligação entre a própria morte. Há consciência sobre o próprio fim, da criação de como poderá ser e quando irá ocorrer.

O luto é uma resposta à quebra do vínculo importante e significativo para alguém (BOWLBY, 1997) e trata-se de uma resposta natural e prevista depois que ocorre uma perda de ordem concreta ou simbólica, mas que possuía grande importância (PARKES, 1998). As perdas estão intimamente ligadas às mudanças e necessitam que ocorra uma nova organização individual e também familiar interior e exterior, com o objetivo de criar maneiras novas de lidar com as situações que irão se apresentar.

Segundo Parkes (2009), o processo de luto pode ser conceituado como uma transição gradativa de adaptação a uma realidade e a um mundo modificado pela morte de alguém. Diante disso, as pessoas enlutadas formam gradativamente alterações secundárias à perda numa nova perspectiva da realidade.

O ato de pensar sobre a morte de forma direta ou pensar sobre permanecer vivo e desviar-se da morte de forma indireta já acompanha o homem por muitos séculos. Existe uma

grande parcela de pessoas que morrem sozinhas, imersas nos próprios pensamentos, que não podem externalizar para o mundo.

Desse modo, pode-se perceber dois processos operando nesse caso, um deles é o intrapsíquico do *self*, que é possível perceber que sempre há a negação da morte, o que se torna um problema na esfera realística; e o outro sistema é fechado de relações, a pessoa não pode informá-lo às outras pessoas para não gerar incômodo ou preocupação na família ou em outras pessoas (WALSH; MCGOLDRICK, 1998).

Conforme Shapiro (1994), o luto corresponde a uma crise de apego e identidade, que afeta e interfere na estabilidade familiar nos componentes interrelacionados de papéis sociais, interações, significados e emoções. Trata-se de uma crise paradoxal que abrange o desenvolvimento dentro do contexto familiar em um momento que é necessário haver equilíbrio das oscilações relacionadas à perda.

Shapiro (1994) ainda denota um modelo sistêmico de desenvolvimento do luto. Ele é visto como um processo particular e individual na família, e como um processo que se desenvolve e avança no contexto familiar de forma interdependente. Assim sendo, é notável a importância da experiência subjetiva singular em contrapartida a co-construção do luto dentro da família e na esfera social. A autora diz que a finalidade do luto familiar é provocar restabelecimento do fluxo desenvolvimental e o desenvolvimento constante dessa família.

Reações de pesar saudáveis envolvem estratégias de aumento de crescimento para restabelecer estabilidade; reações de pesar problemáticas envolvem estratégias de restrição ao crescimento para estabilidade que interferem no desenvolvimento contínuo da família (SHAPIRO, 1994, p. 18).

Bowen (1998) descreveu o impacto perturbador da morte ou da ameaça de perda sobre o equilíbrio funcional de uma família, entendendo a intensidade da reação emocional enquanto governada pelo nível de integração emocional da família no momento da perda e pela importância funcional do membro perdido. Uma família mais integrada pode mostrar mais reações explícitas no momento, mas se adaptar rapidamente, em contraste com uma família menos integrada, que pode demonstrar pouca reação imediata, mas responder posteriormente com problemas físicos ou emocionais. Bowen (1998) ainda descreveu a onda de choque emocional que pode reverberar por todo o sistema familiar muito depois da perda de um membro importante da família.

Mais tarde, Brown (2001) ponderou que o luto é visto como um fenômeno relacionado, ao passo que a perda provoca um desajuste no sistema familiar e em seguida uma carência de ajustamento, que pode ocorrer a partir de elementos do próprio contexto familiar. Pois, de

acordo com Nadeau (1998), a perda faz com que um membro da família tenha novos papéis e atribuições, o que poderá provocar mudanças dentro da estrutura e dinâmica familiar.

A maneira pela qual cada sujeito dependerá dos nossos padrões desde a infância: a personalidade, modelos internos de funcionamento do apego e *self*, rede social que criamos e habilidades intelectuais (BEE, 1997). Vai depender das formas narrativas que emergem no enfrentamento da situação de luto. Nesse sentido, a pessoa enlutada está exposta a gerar vias alternativas de narrativa que lhe permitam abrir caminhos novos para lidar com a perda da pessoa amada, ao tempo que projetar a vida é uma forma de desenvolvimento possível.

A necessidade de reorganização familiar e a elaboração do luto necessita de forma direta da elaboração do luto na esfera individual e na sua ligação com o todo (BROWN, 2001), o que requer um espaço para que sentimentos possam ser expressos, e que haja a interpretação do acontecimento (NADEAU, 1998).

Segundo Walsh e McGoldrick (1998), dentro da ótica familiar, a perda possui uma ordem transacional, que relaciona a pessoa que morreu e os que continuam vivos, de forma onde é reconhecida a finalidade da morte e da continuação da vida, onde os processos são considerados como determinantes primordiais no ajuste funcional e disfuncional inerente à perda.

O processo de luto já foi encarado como doença a partir de sintomas que foram manifestos e identificados e, conforme Kovács (2008), esse processo já foi aceito como grandes proporções de crise depois de uma perda, e a expressão do luto está ligada aos costumes que aquela sociedade possui e os costumes do grupo familiar envolvido.

A separação de entes queridos pode causar ansiedades, consternação, profundo e prolongado pesar, constituindo-se riscos para a saúde mental (BOWLBY, 1985). Segundo Bowen (1998), as reações emocionais dos membros da família são controladas através do nível de funcionamento e integração que a família possui, ou por meio do significado que o ente possuía para o sistema.

As reações que envolvem a manifestação da perda possuem muitas formas e, em grande parte das vezes podem ser classificadas como sintomas, torpor, ansiedade, medo, insônia, raiva, choque, falta de concentração, atenção e memória; pensamentos intrusivos, tristeza profunda, sensação da presença da pessoa falecida, falta de apetite, dentre outros sintomas (BROMBERG, 2000).

Essas manifestações da perda podem surgir de forma sobreposta simultaneamente ou então num intervalo curto de tempo. Mazorra (2009) adiciona outras manifestações, tais como

a suscetibilidade a doenças, ideação suicida e a morte. Essas reações podem ser vistas em mais de um membro da família, num grau mais elevado ou menos elevado.

Na família enlutada, existem movimentos de ordem individual e da totalidade dentro da família, visto que nem sempre existe um padrão entre os processos de luto que estão sendo vivenciados individualmente pelos membros da família, pois cada membro pode manifestar fases em momentos diferentes ou de forma sobreposta (SILVA, 2008).

Parkes (1998) classifica a reação individual à perda com relação estreita a temporalidade que existe, mas sem usar a quantificação do tempo, onde o luto crônico corresponde a extensão prolongada de maneira indefinida das reações de luto, e o luto adiado como o processo definido por reações atrasadas ou tardias de luto, onde o sujeito vive de modo normal a vida após a perda, o que é muito parecido com o processo de negação. Parkes (1998) também define o luto inibido como aquele onde os sujeitos não emitem nenhum tipo de reação ao decorrer do tempo.

Conforme Rando (1998) afirma, a utilização do termo luto é complexo, e possui relação com o tempo desde a perda e a existência de algum fracasso ou alteração de etapas do processo de luto. São definidas duas categorias que apontam o luto como sendo complicado. A primeira abarca questões relacionadas a morte em si, trata-se de uma morte inesperada, violenta, traumática, decorrente de doença, se de acordo com a visão do enlutado se foi uma morte que poderia ser evitável. A segunda categoria do luto complicado é quando existem variáveis que antecedem e que são posteriores ao falecimento, se havia conflitos na relação com o morto, sentimentos de raiva, dependência ou ambivalência, ou perdas anteriores que ainda não haviam sido elaboradas, problemas de saúde mental, falta de apoio etc.

A terminologia ‘complicado’ é utilizada devido a tentativa de adequar o termo à necessidade de não patologizar o luto, pois, desse modo, é possível analisar o termo e perceber inúmeros fatores que influenciam o luto e que devem ser analisados dentro do contexto dos fatores que permeiam a perda em questão para a pessoa enlutada individualmente e dentro das circunstâncias que ocorreu a perda (RANDO, 1998).

Mazorra (2009) considera a relevância de reconhecimento das reações comuns ligadas às complicações do luto, onde o luto normal e o luto complicado devem ser analisados e examinados, principalmente quando há risco de a pessoa enlutada desenvolver o luto complicado.

McGoldrick (2001) denota que ao decorrer a vida, a família experiencia mudanças comuns e naturais, que são pertencentes a sua história, seu desenvolvimento, e que produzem perdas normativas em cada fase. Cada alteração de fase na vida de uma família produz a vontade de uma nova forma de se adaptar nas relações entre os membros, conforme cada papel e

atribuição que deve ser desempenhado em cada fase. Esse processo de perdas que são consideradas comuns, como a morte, possibilita à família a manutenção e desenvolvimento dos seus membros simultaneamente.

Na transição entre as fases, a família pode viver e enfrentar processos de lutos diversos, que não se relacionam com o falecimento, mas que podem ocorrer de forma não esperada. Essas perdas não esperadas ou não naturais podem não ser identificadas nas suas consequências, e incluem atividades como divórcio, mudança de cidade, estado, país e etc, (McGoldrick, 2001).

McGoldrick (2001) reforça que independentemente do tipo de perda, é inevitável que todos os componentes da família sejam atingidos, porém é nítido que cada membro poderá ser afetado de um modo diferente do outro, pois não há um padrão definido ou pré-estabelecido. É comum que ocorram momentos que os membros se afastem, se realinhem, alterem papéis, passem por novas atribuições e enfrentem as mais variadas dificuldades que podem gerar um movimento disfuncional na família.

Independente da morte ter sido inesperada ou não, ela é encarada como um evento pertencente ao ciclo natural da vida, porém isso não impede que ocorra um rompimento da estrutura que equilibra a família, e logo após surgirá uma necessidade de ajustar-se a esse novo momento e realidade (BROWN, 2001).

Esse momento que provoca o ajustamento da família também pode gerar diversas reações no processo de luto individual e no luto familiar, pois a morte produz a necessidade de comportamentos de adaptação, que pedem uma nova organização (MCGOLDRICK, 1998). A família deverá se adaptar à nova realidade; porém, esse processo adaptativo diante da perda não acontece sozinho, mas a partir de outras interferências, como o modo no qual a morte ocorreu, quem era a pessoa falecida, se existiam questões não resolvidas com ela, qual fase do ciclo vital a família está naquele momento, se existem lutos anteriores, se existe rede de apoio para a família e outros fatores (MCGOLDRICK, 1998).

Diante desses fatores, Brown (2001) ainda mostra outros pontos, tais como a história transgeracional das perdas, a função e a posição da pessoa morta na família e também o ato de abrir o sistema familiar. O processo adaptativo não quer dizer que todas as questões relacionadas às perdas serão resolvidas e que irá ocorrer a aceitação da perda por completo e de forma definitiva, porém trata-se de um processo de vislumbrar outras possibilidades de seguir em frente.

Para Silva (2005) o luto dentro da família pode tornar-se um processo mais árduo quando ocorre nas etapas de transição dentro do ciclo vital, e necessita de grande atenção quando acontece dois anos antes ou depois que uma criança na família nasceu, pois é habitual

que a família deposite nessa criança todas as expectativas com a intenção de reparar a perda ou substituir a pessoa falecida. Essa criança poderá receber significados dados conscientemente ou não, de forma coletiva ou individual pela família, como alguém que irá salvar, incomodar, substituir ou herdar.

Freud considerou o luto “um grande enigma, um desses fenômenos a que se relacionam outras coisas obscuras”. Porém, apesar da obscuridade do sentimento, é fácil problematizar o luto em relação à família e o sentimento de vazio. Aqui, o luto é tratado como um sentimento que pode alterar o comportamento de uma pessoa. Como lidar com esse luto é um dos pontos problemáticos, visto que o cidadão pode vivenciar qualquer prejuízo traumático decorrente do enlutamento.

## 2.2 As fases do luto

O luto percorre um processo de adaptação cujo temporalidade não é a mesma para todos os indivíduos, razão pelo qual não se pode determinar precisamente o período do luto. Para a pesquisadora Elisabeth Kubler-Ross (1926/2004), o luto está dividido em 5 fases, a saber: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação.

Com base Kubler-Ross (1982) *apud* Macedo (2004), o quadro abaixo traz as cinco fases do luto com suas respectivas características:

Quadro 1: Fases do luto.

Negação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manifesta-se como uma defesa psíquica, onde a pessoa se nega a acreditar no que ocorreu e de alguma forma, tenta não entrar em contato com a realidade e prefere não falar sobre o assunto.</li> <li>• É uma fase de dor intensa e dificuldade para lidar com a perspectiva da ausência.</li> </ul>
Raiva	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracteriza-se pelo sentimento de revolta com o mundo e todos, onde o indivíduo se sente injustiçado e não se conforma pelo o que está passando.</li> <li>• Ocorre a conexão com a realidade e a percepção que não é possível reverter a situação</li> </ul>
Negociação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A pessoa negocia consigo mesma. É uma tentativa de aliviar a dor e ponderar possíveis soluções para sair daquela circunstância.</li> <li>• Normalmente, relaciona-se a uma conjuntura religiosa e promessas a um Deus.</li> </ul>
Depressão	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ocorre a reclusão da pessoa para o seu mundo interno, onde ela passa a se isolar e a se considerar impotente frente ao ocorrido.</li> <li>• Geralmente, é a fase mais duradoura do processo do luto, caracterizada por um sofrimento intenso.</li> </ul>
Aceitação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O indivíduo não se sente mais desesperado e já consegue enxergar a realidade como ela é.</li> </ul> <p>Ocorre assim, a assimilação e aceitação por completo da perda ou morte de forma consciente.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Kubler-Ross (1982) *apud* Macedo (2004)

Por outro lado. Arantes (2019) traz uma outra perspectiva diante da morte, o que foge a questão das fases do luto, tão bem exploradas por Kubler-Ross (1982) *apud* Macedo (2004). Para a autora, a morte não deveria assustar, mas, sim, o fato de chegar ao fim da vida sem aproveitá-la, ou seja, de não ter vivenciado todas as experiências que se almejou. Por essa ótica, o a morte de um ente querido é uma oportunidade para aqueles que ficam refletirem sobre seus modos de vida, tendo em vista que, ainda lhes restam tempo reescreverem suas histórias.

Seja qual for o tipo de comportamento adotado pelos sujeitos, o luto deixa marcas no indivíduo, impulsionando um turbilhão de sentimentos que, aos poucos, vai sendo substituído por outro, até que se atinja o patamar de aceitação diante da morte. Ainda segundo Kubler-Ross (1982) *apud* Pacheco (2011) as fases do luto exigem das pessoas enlutadas que a manifestação de um mecanismo de defesa que é caracterizado pelas seguintes características:

- agressividade e indiferença, que colaboram para a desvalorização, desidentificação e desidealização do objeto perdido, abrindo passagens para sentir-se melhor e minorar o sofrimento e a ânsia de conservar a todo custo aquele que se foi. Estes tipos de sentimentos dirigidos ao objeto perdido deixam transparecer a identificação, o valor e a idealização projetados nele, borrando a necessidade dele e tornando mais suportável prescindir de sua presença;
- manifestações de ódio, de raiva contra aquele que abandonou também são alternativas de defesa reativa. Sua expressão necessita acontecer e sua repressão pode implicar somatizações. Ademais, a separação pode despertar reações de desorganização, como no luto, pela ruptura de uma relação de apego. As formas de defesa e proteção podem alternar-se, complementar-se e serem paradoxais;
- fuga para frente é um mecanismo de defesa de preservação do ego e de manutenção das atividades, numa tentativa de livrar a autoestima e a autoavalia dos abalos e do desespero causados pela separação;
- a empreitada de manter o ego forte constitui-se em um outro mecanismo defensivo, o estoicismo, sedimentado pela conformação, resignação e a almejada força e silenciamento frente a dor. Esse mecanismo é singularmente esperado e incentivado na cultura moderna em relação às expressões de luto e pesar. E, naturalmente, pagamos o ônus da expressão interdita (KUBLER-ROSS, 1988 *apud* PACHECO, 2004, p. 51)

Os mecanismos de defesa se manifestam de forma inconsciente e involuntária, formando um conjunto de elementos imbricados que dão ao enlutado a força necessária para o enfrentamento da perda. É importante frisar que os mecanismos de defesa são manifestados dentro de círculo cultural, por essa razão, os circunscrevem dentro de uma gama de fatos sociais percebidos como um comportamento legitimado dentro de uma dada sociedade.

Nessa mesma perspectiva, Tada e Kovács (2007), lecionam que o luto ocorre a partir de perdas repentinas, embora os autores também enfatizam que o momento seja perpassado pela dor, lembram que a partir dessa experiência, é possível se tirar aprendizados que contribuem com a superação de obstáculos. Assim, se percebe que mesmo diante da dor da perda de um ente querido, é possível se seguir adiante, buscando, dessa maneira, novas ressignificações.

### 2.3 O luto e a pandemia da Covid-19

A doença causada pelo novo coronavírus, COVID-19, foi reportada primeiramente na China, no final do ano de 2019. Em poucas semanas, a Organização Mundial da Saúde caracterizou a doença como uma pandemia. Embora grande parte dos infectados apresente sintomas leves ou moderados, um número importante de casos requer internação hospitalar e, até mesmo, tratamento de terapia intensiva (COSTANTINI *et al.*, 2020; FERGUSON *et al.*, 2020).

O processo de terminalidade e morte tem sofrido mudanças durante a pandemia em função das medidas de distanciamento social adotadas, segundo Walker *et al.* (2020). Nesse contexto, torna-se mais complexa a realização de rituais de despedida entre doentes na iminência da morte e seus familiares, bem como de rituais funerários, o que pode dificultar a experiência de luto (CREPALDI *et al.*, 2020).

Ademais, múltiplos casos de infecção e óbito em uma mesma família gera lutos sequenciais, trazendo desafios adicionais à forma de se adaptar e lidar com as perdas, conforme relato de Wallace *et al.* (2020).

Existem alguns trabalhos encontrados na literatura sobre o luto nessa fase crítica da história da humanidade, empreendidos por autores dos quais vale citar Abrahan e Torok (1968, 1872/1995), Bowlby (1990) e Parkes (1998). Todos esses autores contribuíram para o (re)pensar sobre crise sanitária global provocada pela COVID-19. Um dos principais pontos críticos dessa reflexão se caracteriza pela impossibilidade de se realizar os ritos de sepultamento necessários para o trabalho de luto.

Entre muitos trabalhos, o de Dantas *et al.* (2020) discutiu aspectos universais e peculiares da vivência de luto no contexto da pandemia a partir da escuta clínica de familiares que perderam seus parentes que se encontravam internados no Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas (HC-Unicamp). Uma das ações destacadas foi a de ampliar a disponibilidade e o acesso dos pacientes à rede de internet sem fio e o estímulo aos pacientes internados em isolamento a permanecer com seus telefones celulares para realizarem videochamadas e manterem contato mesmo que virtual com familiares e amigos.

Dantas *et al.* (2020) também abordam uma vertente política desse problema pandêmico e destacam que as perdas pelo novo coronavírus no Brasil têm como pano de fundo um cenário de acentuada polarização político-ideológica. Rapidamente a pandemia foi apropriada por discursos que se opõem e, em pouco tempo, produziram narrativas conflitantes sobre praticamente tudo que se relaciona à COVID-19: gravidade da pandemia, necessidade de

medidas de isolamento social, utilidade do uso de máscaras, possibilidade de tratamento e prevenção pelo uso de medicações específicas, número de fatalidades e etc. Como era de se esperar, tal conflito de narrativas vem tendo reflexos também nas vivências de luto em meio à pandemia (DANTAS *et al.*, 2020).

Silva *et al.* (2020) verificaram as ações possíveis para ajudarem crianças a enfrentarem o luto pela perda de pessoas significativas nesta pandemia. Foram propostas estratégias lúdicas, como a criação e a contação de histórias na comunicação com as crianças. Destacou-se que, diante de diversas mudanças, incertezas e perdas, é indispensável garantir à criança espaços seguros para o diálogo. E para aquele que estabelece o papel de conversar com a criança, torna-se importante ter à sua disposição um instrumento que possibilite a fluidez da comunicação acerca de temas delicados, como a morte e o luto, de forma a permitir que a criança expresse suas dúvidas, seus medos e suas angústias em uma abordagem que esteja centrada no cuidado à criança e à família.

Quando efetivamente há perdas próximas, de morte de um familiar por exemplo, experimenta-se o sofrimento. As implicações psicológicas desencadeadas pela COVID-19 podem ser mais prevalentes e duradouras que o próprio acometimento pela doença (ORNELL *et al.*, 2020; SCHMIDT, *et al.* 2020; CREPALDI *et al.*, 2020). Isso sugere a relevância de intervenções psicológicas tanto durante quanto após a vigência da doença, com destaque às demandas relacionadas aos processos de terminalidade, morte e luto (TAYLOR, 2019; WEIR, 2020).

É importante destacar que, ambas as narrativas verbais e não verbais se mostram essenciais nos rituais de despedida, conforme expressam Lisbôa e Crepaldi (2003). Uma pandemia impõe desafios adicionais aos rituais de despedida em situações de morte. Na iminência da morte, muitas dessas pessoas têm estado isoladas, sem a possibilidade de interações, contato, proximidade, conforme destacou Pattison (2020).

O artigo de Gonçalves e Souza (2021) apresenta inquietações referentes à necessidade de um novo olhar sobre o processo de elaboração do luto no período de pandemia. Os resultados mostraram como as privações de contato físico interferem na elaboração do luto no contexto de pandemia. Foi possível observar que o sofrimento não é decorrente apenas da perda do ente querido, mas a perda de momentos de despedida deste.

Como se não pudesse ser pior, ainda foi possível visualizar uma situação mais trágica. Foi o que abordou o trabalho de Gomes, Rodrigues e Silva Neto (2022) sobre possíveis impactos na saúde mental da população pobre na pandemia. Buscou-se refletir sobre o sistema necropolítico brasileiro e suas interferências no processo de luto da população pobre, tendo em

vista a relevância de se discutir as consequências para a saúde mental decorrentes da desumanização e negligência em relação à população vulnerável durante a pandemia.

Para isso, autores fizeram uma pesquisa bibliográfica nas obras de Foucault, Agamben, Mbembe, Bowlby, Worde, Stroebe e Schut e Butler. Observou-se que, em decorrência de processos históricos que permeiam as raízes coloniais aliadas ao abandono de políticas públicas e ao negacionismo do sistema necropolítico, a vulnerabilidade é vivenciada de forma mais aguda e específica por parte da população, assim, dividem-se os indivíduos em virtude do poder, delimitando quem vive e faz com que as vidas mais empobrecidas tenham a sua existência negada. Isso, somado aos outros mecanismos discriminatórios, faz com que a morte se apresente como uma marca que evidencia a desigualdade, pois se trata de perdas de vidas invisíveis que alguns julgam não merecer existência, corroborando para o desenvolvimento do luto complicado e influenciando diretamente a saúde mental dessa população.

Os autores enfatizam que é preciso uma responsabilidade ética para com as vidas que estão em maior risco de contaminação na pandemia e para com as mortes, reconhecendo-as socialmente como sujeitos. Além disso, são necessárias políticas de cuidados que permitam e reconheçam o luto público, a expressão de dor dos enlutados e facilitem a organização da dinâmica familiar, auxiliando neste novo modelo de vida (GOMES; RODRIGUES; SILVA NETO, 2022).

No trabalho de Wang *et al.* (2022) foi discutido o luto de pessoas que perderam seus cônjuges devido ao surto do novo coronavírus. Destacou-se que a morte de um cônjuge é um preditor estabelecido de declínio da saúde mental que prenuncia piora da saúde física. Os milhões de viúvos da COVID-19 em todo o mundo podem experimentar resultados de saúde ainda piores do que os viúvos pré-pandemia, dadas as particularidades do contágio definidas por isolamento social prolongado, precariedade econômica e incertezas, de uma forma geral. Se o luto em razão da COVID-19 estiver mais fortemente associado a desafios de saúde mental do que o luto pré-pandemia, as viúvas 'pandêmicas' podem estar em grande risco de problemas de saúde.

Utilizando uma abordagem qualitativa, o estudo de Hamid e Jahangir (2020) teve como objetivo examinar a natureza mutável da morte e o luto entre os muçulmanos da Caxemira (região do norte do subcontinente indiano, hoje dividida entre a Índia, o Paquistão e a China) devido à pandemia de COVID-19. Dezesete participantes, cujos entes queridos morreram após o surto, foram ouvidos. Os resultados do estudo revelaram que os falecidos morriam principalmente isolados, sem ninguém por perto. O luto pela perda também foi altamente desafiador, com os entrevistados recebendo menos apoio pessoal, levando ao luto isoladamente.

A incapacidade de realizar os últimos ritos acrescentou mais uma camada de luto que resultou em luto prolongado entre os enlutados e impactou seu bem-estar geral. Os resultados ainda revelaram que o apoio social é importante para aqueles que estão de luto e pessoas como parentes, amigos, colegas e outros conhecidos precisam saber que, apesar de não poder ter interações face a face com os enlutados, existem maneiras de estar em contato contínuo com a família da pessoa falecida através de espaços online. Embora falar por telefone e interagir por meio de espaços virtuais nunca possa substituir as interações presenciais, no entanto, pode ser uma forma eficaz de demonstrar carinho e amor e isso também pode ajudar os enlutados a entender que não são esquecidos (HAMID; JAHANGIR, 2020).

Aguiar *et al.* (2020) tiveram como tema de seu estudo a angústia e o luto durante a pandemia de COVID-19 em Portugal. Os pesquisadores salientaram que é de suma importância oferecer as informações de contato de serviços de apoio psicológico de alta acessibilidade para pessoas que vivenciam a perda de um ente querido. É necessário trabalhar coletivamente para melhorar o acesso a intervenções psicológicas, incluindo apoio presencial, quando possível, ou apoio psicológico remoto através de telemóveis ou em formato online.

Uma abordagem estruturada do cuidado do luto de forma integrada tem grande potencial para reduzir os estressores dos familiares diante da morte súbita e inesperada de um ente querido. Um profissional treinado e certificado pelo conselho português de psicologia deve ser considerado. Concluiu-se, à época, que seria necessário considerar mudanças nos procedimentos, regras e estratégias personalizadas que pudessem facilitar o ajuste funcional à perda, além de promover a saúde mental e o bem-estar durante a pandemia de COVID-19 aos que sobreviveram (AGUIAR *et al.*, 2020).

O luto por COVID-19 foi avaliado em dez países da América Latina no trabalho de Caycho-Rodríguez *et al.* (2021). Especificamente, foi analisada, com aparatos estatísticos, a invariância de medição da escala de luto pandêmico e sua relação com ideação suicida. O índice utilizado foi o *Pandemic Grief Scale* (PGS). O PGS é um instrumento simples e fácil de rastrear a presença de luto disfuncional relacionado à pandemia de COVID-19, tornando-se uma ferramenta útil para a avaliação de indicadores de saúde mental. Participaram 2.321 pessoas que perderam um familiar ou outro ente querido por COVID-19, com média de idade de 34,22 anos.

Um único item usado no estudo de Lee e Neimeyer (2020) foi usado neste trabalho (CAYCHO-RODRÍGUEZ *et al.*, 2021) para avaliar a ideação suicida durante as últimas 2 semanas. O conteúdo do item único é “Eu gostaria de estar morto para não ter que lidar com

essa perda”. Originalmente, o item tinha quatro opções de resposta (0 ¼ nada, 1 ¼ vários dias, 2 ¼ Mais da metade dos dias, 3 ¼ Quase todos os dias).

Entretanto, no presente estudo, as respostas foram dicotomizadas da seguinte forma: a primeira opção foi recodificada como sem ideação suicida, enquanto as três restantes foram codificadas como presença de ideação suicida. O modelo unidimensional do PGS teve ajuste adequado na maioria dos países e boas estimativas de confiabilidade. Houve evidência de invariância de medição por país e gênero. Além disso, um aumento de um ponto no PGS foi associado a um aumento de quase duas vezes nas chances de ideação suicida. Escores maiores ou iguais a 4 no PGS são propostos como ponto de corte para identificar indivíduos com ideação suicida. Foi concluído que o suicídio e a ideação suicida são uma preocupação da América Latina, especialmente durante uma pandemia.

Por fim, concluiu-se que o estudo pode ser útil para avaliar quais intervenções tiveram efeito no gerenciamento do luto relacionado à pandemia e na possibilidade de crescimento. Circunstâncias altamente estressantes são conhecidas por contribuir para mudanças positivas e profundamente significativas na maneira como as pessoas veem o mundo. No geral, as porcentagens de luto disfuncional relacionadas ao COVID-19 variaram de 7,3% (Brasil e Chile) a 14,6% (El Salvador), que são menores do que as relatadas em indivíduos dos EUA que variaram de 56,6% a 66% (LEE; NEIMEYER, 2020).

O aumento das queixas psiquiátricas, incluindo ansiedade e depressão, é comum entre a população de áreas afetadas mais gravemente por COVID-19 (CAO *et al.*, 2020). Embora o aumento dos problemas de saúde mental após desastres naturais e surtos virais tenha sido documentado anteriormente, historicamente há menos atenção para respostas de lutos graves, incapacitantes, prolongados ou perturbados (EISMA *et al.*, 2019). Isso se deve, pelo menos em parte, ao fato de que, até recentemente, o luto perturbado não era considerado como transtorno nos sistemas de classificação psiquiátrica. Em 2018, isso mudou quando o transtorno do luto prolongado (TLP) foi adicionado à Classificação Internacional de Doenças (CID-11). O TLP é caracterizado por anseio angustiante e incapacitante pelo falecido e/ou preocupação com a pessoa que morreu, acompanhado de raiva, culpa e outros sintomas indicativos de intensa dor emocional experimentada por pelo menos seis meses após a perda (EISMA *et al.*, 2020).

Conforme destacou Crepaldi *et al.* (2020), rituais alternativos têm sido seguidos em alguns países. Na Espanha, o governo propôs um minuto de silêncio e as bandeiras são hasteadas a meio mastro todos os dias; policiais italianos saúdam veículos funerários transportando falecidos devido ao novo coronavírus; famílias holandesas têm solicitado às pessoas da rede socioafetiva que enviem cartões-postais, cartas e fotos do falecido, para serem

apresentadas em uma cerimônia posterior. Segundo os destaques de Hernández e Berman (2020), rituais alternativos relacionados à espiritualidade também têm ocorrido, como celebrações religiosas virtuais (cultos, missas e velórios).

Walsh (2016) e Castle e Phillips (2006) já salientavam que a espiritualidade tende a ser um recurso importante para o enfrentamento na adaptação e na resiliência às perdas. Desta forma, a espiritualidade costuma favorecer a maneira de lidar com situações adversas, como o luto, de modo que pode ser fortalecida nesse contexto. Nos casos em que a família menciona ter uma fé, estabelecida anteriormente à pandemia, é possível recomendar o contato com líderes religiosos de referência, visando apoiar os enlutados em sua jornada espiritual na busca de maior significado e conexão. Deve-se ter o cuidado de incentivar as famílias a realizar rituais alternativos sem, contudo, pressioná-las, tendo em vista que não há procedimentos certos ou errados (CRESPALDI *et al.*, 2020).

De uma forma geral, as ações de amenização dos sentimentos doloridos do luto durante a fase de resposta e recuperação, decorrente de mortes como as decorrentes de uma pandemia, devem considerar especialmente a promoção de autocuidado (CAO *et al.*, 2020; HO; CHEE; HO, 2020; VICTOR; AHMED, 2019; WADE *et al.*, 2015; DESAI *et al.*, 2011), para auxiliar os enlutados a lidar com as adversidades desse período. Isto inclui a orientação para pausas e se desconectar da pandemia (WALLACE *et al.*, 2020; JOHANNSEN *et al.*, 2019); cuidados com sintomas específicos como insônia, estresse, ansiedade e depressão (ZHANG *et al.*, 2020; WORDEN, 2018; LOBB *et al.*, 2010); promover estratégias de enfrentamento, como manejo de estresse (BOELEN; LENFERINK, 2020; TAYLOR, 2019); a escuta empática e atenciosa, bem como a oferta de apoio psicológico e prestação ou o encaminhamento para intervenções psicológicas mais específicas (SHOJAEI; MASOUMI, 2020; SCHMIDT *et al.*, 2020).

### 2.3.1 Negação do velório na pandemia da COVID-19

O velório é um dos rituais mais marcantes no processo de enfrentamento do luto. Faz parte das culturas de todos os povos nas mais remotas épocas, sendo, embora sua realização ganhe nuances própria de acordo com os costumes hábitos de cada lugar. Segundo Giamattey *et al* (2021), todas as culturas estabelecem cerimônias e rituais para se despedirem de seus mortos. Este é um ato necessário para que as pessoas ligadas àquele que partiu possam manifestar sua dor, seu apeço, sua solidariedade de modo verbal e não verbal.

Para os autores,

Neste sentido, a prática dos rituais se relaciona, diretamente, com as mudanças no ciclo vital e entendemos que o indivíduo se modifica à medida que ultrapassa as

fronteiras que demarcam a passagem de uma posição, estados e status para a seguinte. Para além da imensa variedade de rituais existentes na vida humana, jazem as formas que permeiam o senso de comunidade específico de cada sociedade, ao mesmo tempo que revelam a forma com que esta se estrutura e reestrutura diante das mudanças que ocorrem no percurso da vida (GIAMATTEY *et al*, 2021, p.3).

Nesse sentido, o velório pode ser entendido como uma quebra das relações entre o enlutado e o indivíduo falecido. Isso ocorre porque durante esse ritual, ocorre a materialização da perda, não espaço para a abstração e, assim, diante da concretude da morte, o sujeito enlutado, no momento em que está sendo acolhido por seus pares, involuntariamente, entra num transe reflexivo.

Segundo Mota (2011) na Antiguidade Grega e Romana, os ritos fúnebres apareciam como um momento privilegiado no qual a família e a própria cidade ostentavam sua glória, riqueza ou, num sentido inverso, exprimiam sua inquietação e fragilidade. Para o autor os atos da peça se sucediam numa divisão mais ou menos clara: a exposição do cadáver, o elogio da memória, a deposição na tumba, a cremação ou inumação e por fim o culto após a morte. Assim,

Se podemos conceber a morte enquanto fator desagregador, que força a resistência das amarras sociais, por outro lado, pensando na criteriosa organização que os funerais aparentavam na Antiguidade, podemos compreendê-los como expressão ou encenação autorizada do desespero de onde o próprio sentido de continuidade saía renovado (MOTA, 2011, p.1).

Sobre esse assunto, Giamatthey *et al*, (2021) ressalta que os ritos fúnebres coincidem com a fase inicial do luto. É possível encará-los como espaços potentes para a elaboração da perda, contribuindo para o bem-estar psíquico, pois, mesmo sofrendo com a perda, o ritual auxilia na organização psíquica da vida sem o ente querido. Além disso, o ritual em si é organizado de tal maneira que a despedida possa ser feita em conjunto por todos que estabeleceram algum tipo de vínculo afetivo com a pessoa que faleceu.

E acrescenta que:

Os ritos fúnebres coincidem com a fase inicial do luto. É possível encará-los como espaços potentes para a elaboração da perda, contribuindo para o bem estar psíquico, pois, mesmo sofrendo com a perda, o ritual auxilia na organização psíquica da vida sem o ente querido. Além disso, o ritual em si é organizado de tal maneira que a despedida possa ser feita em conjunto por todos que estabeleceram algum tipo de vínculo afetivo com a pessoa que faleceu.

Sem o ritual do velório, entendemos que a elaboração da perda ocorre de maneira mais lenta, pois nega ao enlutado a possibilidade de reelaboração dos vínculos construídos cotidianamente com o sujeito falecido. Com a pandemia da COVID-19, os rituais fúnebres, principalmente o velório passou a ser negado para as famílias enlutadas como uma forma de se evitar a propagação do vírus.

Nesse sentido,

A pandemia veio de uma forma avassaladora, atropelando a organização e realização dos rituais funerários e de despedidas das famílias e seus desdobramentos: funeral, cremação, sepultamento, luto. Exemplo disso observamos na abertura de valas comuns nas cidades mais impactadas pela pandemia devido à incapacidade dos serviços funerários de atenderem o alto número de óbitos em curto tempo causados pela COVID-19, gerando assim um cenário de enterros coletivos a céu aberto. Além de que, nas cidades onde o serviço funerário ainda tem capacidade de atender às demandas de enterros e velórios, a facilidade do contágio pelo vírus impossibilitou que esses eventos ocorressem com mais de dez pessoas presentes, durando apenas uma hora ou menos. Foram surgindo novos modos de se despedir dos entes queridos; em alguns lugares, estão sendo organizados os chamados ‘velórios virtuais’, orações por aplicativo e grupos de apoio online: o ‘novo’ luto durante a pandemia como um modo de aproximar afetivamente as pessoas e permitir a despedida (GIAMATTEY *et al*, 2021, p.3).

Para os autores, o velório e o enterro são rituais clássicos que dão à família e aos amigos a oportunidade de estruturar a perda e se despedir daquele que se foi. Agora, mediante a pandemia, foram proibidos ou limitados, para evitar o contágio do vírus visto que a transmissão da COVID-19 pode perdurar por até 72 horas após a morte, além de funerais serem locais de muito contato e proximidade física.

### 2.3.2 Os símbolos do luto

O estudo do luto implica, necessariamente, tratar dos seus símbolos, que se configuram como uma forma de expressão de um momento tão doloroso. Os símbolos do luto não são universais, pois cada cultura tem sua forma de externalizar seus sentimentos diante da morte. No Brasil uma fita preta, em forma de laço, simboliza o luto, como demonstra a figura 1.

Figura 1 - Símbolo do luto- fita preta.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=simbolo+de+luto>, Internet (2023)

A figura acima, representada por uma fita preta é símbolo do luto na cultura ocidental. A fita traz a ideia de consciência diante da morte, por sua vez, o preto traduz tristeza. Segundo Pacheco (2011), os

símbolos armazenam energia psíquica liberável e reutilizável pelos dinamismos do aparelho psíquico nos processos de elaboração psicológica e no processo de individuação. O trabalho com o símbolo permite movimentar a energia psíquica que ele detém e transformá-la, ancorando sua energia num simil libidinal, isto é, em uma expressão nova de carga energética semelhante (PACHECO,2011 p.86)

A energia de que fala a autora armazenada pelos símbolos tem a função de levar uma comunicação imediata ao receptor. Os símbolos falam por si. Não precisam de uma terceira pessoa para explicá-lo. A linguagem dos símbolos foge a racionalidade e a logicidade porque estão diretamente conectadas com fatores psíquicos.

Um exemplo da força do símbolo pode ser dado a partir da figura da bandeira a meio mastro, conforme se verá a seguir:

Figura 2 - Símbolos do luto -bandeira a meia mastro.



Fonte: Folha press, Internet (2003)

Quando há uma bandeira em frente a uma repartição pública a meio mastro, não se pode ter outra ideia se não a de que a nação, ou cidade, está em luto. Essa forma de expressão do luto indica que a morte de algum elemento importante do governo ou de uma personalidade de expressão nacional. A figura acima data do dia da morte do jogador Pelé, ocorrida em 29 de dezembro de 2022.

Outro símbolo do luto é o uso de roupa preta em funerais. Estudos apontam que o costume de se usar roupa preta em momentos fúnebres surgiu na Europa, por volta do século XVI, sendo, pois, um hábito implantado pela aristocracia. Essa forma de simbolização do luto

foi recepcionada por todas as classes sociais a partir do século XVIII, vindo, desse modo, a fazer parte de praticamente toda a cultura ocidental.

#### **2.4 A construção da Narrativa e o Luto**

As narrativas são uma forma de exposição de fatos que comporta uma gama de acontecimentos sejam reais ou frutos da imaginação. Segundo Mauro e Martino (2016, p.46), “a narrativa é um espaço de encontro com o outro”. Esse outro de que tratam os autores podem estar contracenando, trocando interações com o sujeito da história, ou pode se materializar apenas no seu subconsciente, como ocorre nas narrativas em que envolve o luto.

Deste modo o ato de narrar implica também uma vivência afetiva com o mundo que se vai narrar. No caso do luto a sua narrativa se implica em uma forma de expressão daquilo que se vivenciou dentro do processo da perda do seu ente querido.

Luna e Moré (2017) fizeram uma pesquisa com 12 enlutados e relatam que esse processo de luto depende de como o sujeito que vivencia passa por uma estrutura de mudança de significado. Para os autores:

As narrativas indicam que o processo de luto implica a busca por significados no relacionamento com a pessoa que morreu e também por atribuir significado às novas experiências e situações vivenciadas a partir da perda. Conclui-se que o processo de transformação do mundo presumido se dá a partir de duas direções: na manutenção de significados. Previamente consolidados e na articulação de novos significados e possibilidades identitárias (LUNA E MORÉ, 2017, p. 154).

Estudar o processo de narrativa do luto é ir além da aparência, além do dito e aprofundar na constituição do sujeito em relação, na qual o sujeito é implicado a partir da sua relação com sua cultura, e afetividade em relação com o ente querido perdido. A partir do episódio do luto, para Maia (2003; p. 4), há um limite que se constrói no limiar da narrativa. Nisso a suma importância da narrativa no processo do luto como um instrumento capaz de trazer benefícios não só para o sujeito que o comunica, através da narrativa o seu sofrimento, quanto para aqueles que podem se beneficiar com instrumentos que podem auxiliar outros sujeitos que passam também por esse processo.

De acordo Levine (2007), o luto é uma reação natural e esperada ao rompimento de um vínculo; é um processo de elaboração de uma perda significativa. Assim, o seu significado é determinado de modo individual, subjetivo e contextualmente por quem a vivencia. Nesse sentido, o período que perpassa o luto abre a possibilidade de se perceber nele inúmeros enredos, histórias que convergem com passado existente entre o ser que fica com aquele que

partiu. Não é por outra razão, que muitos são os estudos acadêmicos que se encarregam de acompanhar as narrativas do luto.

A perda é uma experiência básica na nossa constituição enquanto sujeitos, já que é, a partir dela, que podemos aceitar a nossa mortalidade, a nossa impotência, enfim, os nossos limites humanos “[...]. *Narrar também é uma experiência básica. É o ato de narrar que nos permite organizar nossas experiências em uma ordem temporal. Em outros termos, quando narramos, organizamos nossa história*” (OLIVEIRA e RODRIGUES, s.d. p.2).

Freud (1957) *apud* Sá (2010) articula uma perspectiva do luto como um processo psicológico individual com características específicas e dinâmicas. Este descreveu o luto como sendo um processo doloroso centrado na perda e no sofrimento, e que deveria ter uma duração limitada no tempo. Por isso, um dos conceitos mais marcantes e históricos ligados ao estudo do luto é o conceito de “trabalho de luto” proposto por Freud, sendo que a recuperação da perda bem-sucedida requeria a conclusão deste “trabalho de luto”.

Para Sá (2010), em geral, as perdas têm um forte impacto nas pessoas, mas nem todas as mudanças que decorrem duma perda são negativas. Pessoas com boa capacidade de adaptação descrevem ter experienciado aspectos positivos e negativos com a perda. Essas experiências podem ser construídas, conforme Villegas (1995) *apud* Sá (2010), sobre a base de uma estrutura narrativa, estando por sua vez a identidade pessoal e a coerência narrativa da vida amplamente dependentes da construção de significados. Nesse sentido,

As narrativas possuem um poder transformativo uma vez que o indivíduo tem a capacidade de re-narrar os acontecimentos de vida, atribuindo-lhes novos significados. Por isso, o significado narrativo não se constitui como algo eterno e permanente, mas, pelo contrário, está sempre sendo transformado na contínua atividade de construção sobre a nossa experiência (SÁ, 2010, p. 29).

Manttia (2000) *apud* Sá (2010) entende que organizar narrativamente a experiência é, acima de tudo, conferir-lhe sentido, sentido esse que é continuamente reconstruído ao longo da trajetória existencial, inevitavelmente repleta de experiências diversificadas como é característico dos seres humanos.

Ainda de acordo com Sá (2010) construir uma narrativa, implica situar no espaço uma determinada experiência, organizar no discurso o contínuo movimento de tempo congregando o passado, o presente e o futuro e em que o narrador expressa de onde veio, onde está e para onde irá. Para a autora,

O processo narrativo espera-se complexo através da inclusão de elementos sensoriais, emocionais, cognitivos e de significação, numa construção narrativa que se mostre proativa e criativa. Por último, uma narrativa que apresente diversidade ao nível dos conteúdos, dos temas que aborda e do que lhes dá corpo (p.e. personagens, acontecimentos, ações, emoções) permite a articulação de uma multiplicidade de experiências, refletindo com uma organização própria a própria multiplicidade do mundo. O indivíduo também deverá ser capaz de perspectivar a sua experiência de

uma forma alternativa, de construir novos significados para o acontecimento (SÁ, 2010, p. 32).

Silva (2011) elenca que o processo narrativo do luto passa por várias etapas: a) Recordação: Não é um processo evocativo, mas sim construtivo (ato criativo); b) Objetivação: corresponde a um grau de complexidade dos processos sensoriais; c) Subjetivação emocional e cognitiva: Exige-se ao paciente o princípio criativo, ou seja, uma visão multifacetada da experiência; d) Metaforização: As metáforas podem ser vistas como formas de condensação do significado das narrativas. É através delas que as redundâncias da expressão narrativa configuram uma multiplicidade de significados; e) Projeção: criação de suas próprias memórias do futuro internacionalizando novas metáforas de si próprio e do seu dia-a-dia de modo a atualizar novos significados, emoções, cognições e sensações.

### 3 JORNADA METODOLÓGICA: O ENREDO DE UMA CAMINHADA

Neste momento, apresentamos a metodologia utilizada para nortear a realização deste estudo, entendendo esse processo, sem desconsiderar os demais, como o ponto chave de uma pesquisa, pois é através dele que encontramos a segurança necessária para se enveredar numa caminhada tão exaustiva, porém gratificante como é o caso de um trabalho dissertativo. Evidenciar a metodologia a ser adotada contribui significativamente com o sucesso que se espera alcançar, pois a metodologia demarca os passos a serem dados pelo pesquisador, dirige a investigação e leva ao alcance dos resultados almejados.

A metodologia em nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilita a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ ou questões de investigação.

[...] é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observadas para a construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.14).

Utilizamos como procedimentos técnicos a pesquisa bibliográfica (inerente ao estudo científico) e a pesquisa de campo com pessoas que perderam algum familiar por Covid-19. Severino (2010, 123), assevera que:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos consoantes dos textos (ANDRADE, 2010, p. 25).

Como percebemos, a pesquisa bibliográfica é fundamental no desenvolvimento de qualquer trabalho de pesquisa científica, pois é através dela que o pesquisador aprimora seus conhecimentos na área estudada através de obras já publicadas. A partir dessa iniciativa ganhamos segurança para elaborar nossas análises e conclusões acerca do objeto estudado.

Quanto à abordagem do problema, configura-se em pesquisa qualitativa. Por pesquisa qualitativa, Marconi e Lakatos (2010), consideram que tal abordagem tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano, fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamentos.

Ressaltamos que esse processo de interpretação e análise nos cobra um distanciamento dos fatos ora interpretados e analisados, pois do contrário, ocorreria uma fuga da nossa parte da condição de pesquisadores. Não é por outra razão, que perseguimos com afinco a fidedignidade no registro dos relatos que nos foi confiados. Mesmo quando da interpretação das informações,

não nos furtamos de permitir que cada narrativa pintasse sua história com as cores únicas que somente podem acontecer no campo das subjetividades, tendo, evidentemente, a preocupação por seguir os métodos da pesquisa científica.

Quanto ao objetivo geral se caracteriza como uma pesquisa descritiva. Sobre o que vem a ser a pesquisa descritiva, Gil (2012, .42), diz que as pesquisas descritivas:

Possuem como escopo principal a descrição das características de determinada população ou ser classificados sob este título e uma das características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionário e a observação sistemática.

Consideramos oportuno informar que o raciocínio utilizado se amparou no método dedutivo. Segundo Gil (2012) esse método parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis para se chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica.

### **3.1 Participantes do Estudo**

Elegemos 3 (três) sujeitos para esta pesquisa, que foram selecionadas a partir da vivência do luto na comunidade onde elas residem, que é atravessada pelos dois vínculos de trabalho do pesquisador – sacerdote e psicólogo. Nesse universo, buscamos levantar e compreender a realidade pós-Covid-19, no que diz respeito ao luto em que passaram a partir da perda de um familiar em decorrência da pandemia. As participantes foram identificadas no decorrer deste estudo por algo que as representasse e não por nomes.

Nessa perspectiva, ao final da entrevista, pedimos para que cada participante definisse como se via depois de todos os problemas enfrentados. A primeira entrevistada apontou que se sentia uma árvore em processo de florescimento. Assim, no decorrer da análise dos dados, será identificada como **ÁRVORE**. A segunda participante declarou-se forte diante das adversidades, nesse sentido, quando nos referirmos a ela, chamaremos de **FORTALEZA**. E, por fim, a terceira entrevistada ao ser questionada qual a imagem que tinha dela mesma frente ao processo de luto em que vivenciou, ela se definiu como forte e valente, como uma onça; portanto sua identificação será **ONÇA**.

Deste modo, as três participantes que se voluntariaram a participar deste estudo, são mulheres, têm entre 27 e 75 anos de idade, residem em Palmas - TO e perderam entre 1 e 2 membros da família por morte em decorrência da COVID- 19.

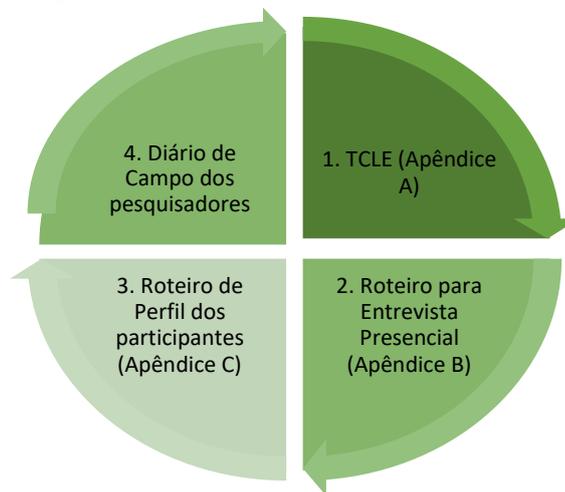
Como critérios de inclusão das pessoas que participaram do estudo, foi observado: a) Que a pessoa desejasse participar voluntariamente de todas as atividades da pesquisa; b) Ter a idade mínima de 18 anos; c) A apresentação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido

(TCLE ) devidamente assinado em tempo hábil; d) Ter perdido um ou mais familiares vítimas de COVID-19; e) Ser cidadão residente na cidade de Palmas – TO. Foram excluídos deste estudo os sujeitos que estão em luto por amigos, vizinhos ou outro motivo que não seja por COVID 19.

### 3.2 Instrumentos de coleta de dados

Utilizamos três instrumentos de pesquisa neste estudo, a figura a seguir mostra o trâmite de aplicação, inseriu-se assim o Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE) como ponto de partida:

Figura 3 - Instrumentos de coleta de dados



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

O Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE) têm por finalidade possibilitar, aos sujeitos da pesquisa, o mais amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada, seus riscos e benefícios, para que a sua manifestação de vontade no sentido de participar (ou não), seja efetivamente livre e consciente.

A entrevista traz três eixos norteadores, intimamente ligados aos objetivos específicos do estudo, com perguntas chave a serem lembradas no momento da entrevista. Para Lincoln (2006), o uso de entrevistas como instrumento científico de coleta de dados deve ser o reflexo de um planejamento metodológico consciente e informado. Isto porque, por trás de uma escolha técnico-instrumental, há o enquadramento da pesquisa em um paradigma científico, que oferece ao pesquisador contornos e definições claras a respeito do tipo de problema que é possível

investigar, como é possível fazê-lo, qual tipo de raciocínio envolvido, qual a postura adotada pelo pesquisador e, finalmente, que tipo de conhecimento pode ser obtido.

A partir dessas premissas, estabelecemos um processo de escuta, onde oportunizamos que cada sujeito se expresse ao seu modo e tempo, o que nos possibilitou compreender e identificar qual ponto dentro das fases do luto cada um se encontra. Por esse motivo, julgamos que a opção por adotar a entrevista presencial, onde cada entrevistado fala livremente sobre cada questão levantada, foi a mais adequada para essa pesquisa.

### 3.3 Procedimentos para coleta de Dados

Para a coleta e discussão dos dados contamos com a participação de uma assistente de pesquisa, pesquisadora de luto no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFT (PPGCOM/UFT). Esta estratégia foi adotada para se evitar o viés no olhar do pesquisador responsável, uma vez que já tinha acontecido um contato anterior para atendimento quanto ao luto.

Inicialmente levantou-se 5 contatos de pessoas enlutadas por covid 19, por perda de familiar, das quais apenas 3 se dispuseram a colaborar com a pesquisa, conforme segue:

Quadro 2 - Dados das participantes

Descrição	Árvore	Fortaleza	Onça
Idade	27	75	40
Estado Civil	Viúva	Viúva	Solteira
Filho (s)	1	2	0
Escolaridade	Superior	Fundamental	Superior
Profissão	Auxiliar de Almojarife	Aposentada	Comerciária

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Realizamos as entrevistas nos seguintes dias e horários, estabelecidos, como explicitamos abaixo:

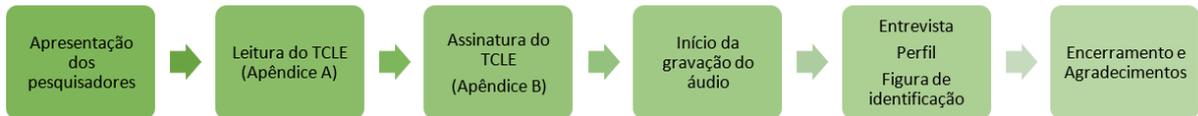
Quadro 3 - Descrição das entrevistas

Participante	Data da entrevista	Horário	Forma
<i>Árvore</i>	13/12/2022	17h30m	Presencial
<i>Fortaleza</i>	14/12/2022	17h30m	Presencial
<i>Onça</i>	27/12/2022	10h30	Online

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

As entrevistas aconteceram nas dependências do consultório particular do pesquisador principal. Foram conduzidas pelo pesquisador e pela assistente. Delimitou-se um tempo máximo de duas horas para cada entrevista, para que não ficasse muito cansativo e se perdesse o foco da pesquisa. No dia da entrevista seguimos este passo a passo:

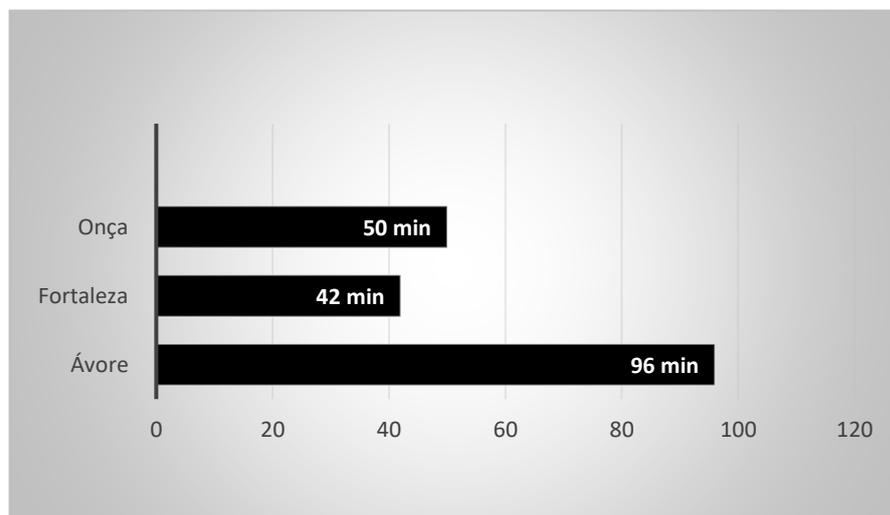
Figura 4 - Passos para a realização da entrevista.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Ao final de cada entrevista o pesquisador principal e a assistente discutiam as impressões dos dados coletados, tecendo anotações e construindo o Diário de Campo (APÊNDICE C, D e E), onde optamos por dividi-lo em 3 partes, cada um relacionado a cada participante, onde relatamos as formas como deu cada entrevista e alguns dos relatos sobre o processo de enfrentamento do luto empreendido pelas entrevistadas. Os registros dessas impressões no Diário de Campo aconteciam logo após a cada entrevista, o que permitiu uma melhor compreensão das narrativas que nos foram apresentadas, muito semelhantes ao que Monteiro (2018) que utilizou o Diário de campo para o registro de seus sentimentos relacionados às sessões, cujo teor serviu de amparo para a análise dos resultados. E Pereira (2019) que considerou o uso do Diário de Campo como importante ferramenta para registro muito importante e acompanhamentos dos sentimentos das clínicas pesquisadas no decorrer das sessões.

Gráfico 1 - Tempo de cada entrevista (em minutos)



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Para Lincoln (2006), o uso de entrevista como instrumento científico de coleta de dados deve ser reflexo de um planejamento metodológico consciente e informado. Isto porque, por trás de uma escolha técnico-instrumental, há o enquadramento de uma pesquisa em um paradigma científico que oferece ao pesquisador contornos e definições claras a respeito do tipo de problema que é possível investigar, como é possível fazê-lo, qual tipo de raciocínio envolvido, qual a postura adotada pelo pesquisador e, finalmente, que tipo de conhecimento pode ser obtido.

A partir dessas premissas, estabelecemos um processo de escuta, onde oportunizamos que cada sujeito se expresse ao seu modo e tempo, o que nos possibilitou a compreender e identificar qual ponto dentro das fases do luto cada sujeito se encontra. Por esse motivo, julgamos que a opção por adotar a entrevista presencial ou online, onde cada participante pudesse falar livremente como o método mais adequado para se buscar informações sobre a vivência do luto.

### **3.4 Estratégias para análise dos dados**

A análise dos dados é o momento em que o pesquisador se debruça sobre o material coletado para, num exercício de confronto com a teoria, encontrar as razões e sentidos neles presentes. Para Gil (2012) a análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Ainda segundo o autor, a análise de dados é o processo de formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado. A análise dos dados é um processo complexo que envolve retrocessos entre dados pouco concretos e conceitos abstratos, entre raciocínio indutivo e dedutivo, entre descrição e interpretação. Estes significados ou entendimentos constituem a constatação de um estudo.

Adotamos, nesse sentido, a análise da narrativa defendida por Motta (2013), que se trata de uma técnica hermenêutica de “interpretação dos discursos a respeito de uma realidade constituída de fenômenos concretos e abstratos” (MOTTA, 2013, p. 124). Para este mesmo autor, a interpretação dinâmica e sistemática é de suma importância para haver a aproximação da essência do fenômeno narrativo, desvelando as diversas camadas do objeto empírico.

Posto isto, explicitamos que para apresentação dos resultados, além dos modelos tradicionais, como tabelas, gráficos e quadros, também fizemos uso, intencionalmente de uma escrita muito similar daquela utilizada pelos textos narrativos, embora, tivemos o cuidado de não nos distanciarmos dos ditames da pesquisa acadêmica. Ao optarmos por uma aproximação com a linguagem da narrativa, buscamos estabelecer uma analogia com os modelos narratológicos. Nesse sentido, inicialmente se fez um resumo de cada participante sobre a experiência com o luto. Na sequência aprofundou-se a narrativa de cada participante, que foram intitulados da seguinte forma: Narrativas sobre o processo de (re) florescimento de uma árvore; Narrativas sobre os tijolos que compõem uma muralha de fortaleza e Narrativas sobre os sinais contidos no rugido de uma onça.

É através dessas pontuações de linguagens metafóricas que expomos os relatos das narrativas das participantes, que mais à frente confrontaremos com os olhares dos autores abordados no referencial teórico deste estudo. Assim, optamos pelo uso de arquétipos no decorrer da análise. Essa escolha se deu pelo fato de que os arquétipos representam um modelo que define um dado comportamento, sendo, pois, um recurso utilizado nas narrativas e que representa padrões do comportamento humano.

A discussão dos resultados fez-se por três eixos de análise:

Quadro 4 - Eixos norteadores de análise

<b>Eixo 1 - Narrar a experiência de luto na pandemia pela COVID-19 de cinco sujeitos residentes em Palmas – TO</b>	<b>Eixo 2 - Identificar as narrativas usadas por esses sujeitos na busca pela ressignificação desse luto</b>	<b>Eixo 3 - Delinear as consequências do luto na vida dos participantes</b>
1. Você perdeu alguém próximo, amigo ou ente, vítima da pandemia do novo coronavírus? 2. Quantas pessoas foram perdidas? Há quanto tempo? (traçar uma linha do tempo com o que vivíamos no país – antes das vacinas, durante a vacina, chegou a tomar vacina?) 3. Conte para mim como foi a sua experiência com o luto desta(s) pessoa(s) 4. Como a perda desta pessoa te impactou? 5. Como foi o processo de receber o diagnóstico até o sepultamento? 6. Como foi o	9. Você costuma falar desse luto? Como você tem se expressado? 10. Se a resposta anterior for sim, o que o motiva a compartilhar? 11. Descreva como você exteriorizou seu luto. (Por exemplo, tornou-se uma pessoa triste, deixou de comer, passou a chorar mais frequentemente, ficou mais carente, não quis mais sair com os amigos etc). 12. Você conseguiu ressignificar a dor do luto? 13. Como você ressignificou a dor do luto? 14. O que você tem feito para buscar esta ressignificação?	16. Como você está hoje diante de tudo que vivenciou? 17. O luto trouxe alguma consequência para a sua vida pessoal, familiar, trabalho? 18. Se sim, quais? (Exemplo, diminuição de renda, perdeu emprego, teve depressão... brigas na família) 19. Você gostaria que houvessem ações sociais, como encontros grupais com pessoas em mesma situação, para que estas questões pudessem ser discutidas, amenizando a dor e o sofrimento do luto?

<p>7. Você participou das burocracias do sepultamento?</p> <p>8. Como você ficou depois do sepultamento? Como foram os dias, semanas, meses seguintes? Diante da situação do nosso país e da reação dos governantes o que você pensou?</p>	<p>15. Você tem alguém que lhes inspira a lidar melhor com o luto? Você consegue identificar pessoas (e instituições) que podem ser suas redes de apoio nesse momento de luto? (se for pessoas ver se são amigos, parentes, vizinhos)</p>	
--	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

### 3.5 Aspectos éticos

Os sujeitos participantes da pesquisa tiveram a garantia da privacidade em todo o percurso, assim como suas identidades mantidas em sigilo. Vale explicitar que durante a entrevista, mantivemos o cuidado de não expor os participantes, sendo, pois, respeitado a todo momento sua condição de enlutado. Por esta razão, informamos aos sujeitos participantes que poderiam desistir dessa empreitada em qualquer que seja sua fase. Em tempo, lembramos que tivemos o cuidado de buscar a proteção das informações que foram coletadas e dos dados pessoais dos participantes

Nessa perspectiva, os aspectos éticos estão implicados na elaboração dessa pesquisa, tendo em vista que, nosso objeto de estudo se tratava de seres humanos. A resolução nº 466/2012 ressalta critérios na pesquisa envolvendo seres humanos, sendo individual ou coletivamente e o envolva de forma direta ou indireta, incluindo o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos. Desse modo, necessária a assinatura do TCLE (Apêndice A), possibilitando, desse modo, suas participações de forma livre e consciente na pesquisa.

De acordo com Vieira e Zouain(2005), o respeito a todas e quaisquer pessoas, independente do gênero ou condição financeira, religiosidade e estrutura cultural deve estar entre a base da pesquisa. Com isso, a confiança, a segurança, todas as características que visam a proteção tanto da imagem quanto das informações são critérios da pesquisa, com objetivo de não trazer nenhum tipo de prejuízo emocional ou físico para os entrevistados.

Todas as informações que foram coletadas e dados pessoais dos participantes serão protegidos e respeitados, os nomes dos participantes serão resguardados.

### 3.6 Riscos

O sofrimento psíquico dos entrevistados e incômodos nas perguntas são possíveis de riscos e que, podem, inclusive se manifestarem durante a entrevista. Nessa hipótese,

estabelecemos que caso houvesse tais ocorrências, seria comunicado à supervisão da pesquisa e também o possível encaminhamento aos serviços de psicologia na cidade de Palmas–TO. Felizmente, todo o percurso se deu de forma tranquila, não havendo, desse modo, a necessidade desses recursos. Também asseguramos o atendimento psicológico em unidade particular caso algum participante venha a apresentar sofrimento psíquico ou algum dano psicológico decorrente desta pesquisa.

Os participantes foram informados sobre a possibilidade de interromper a participação na pesquisa caso sentissem qualquer tipo de incômodo; também foi garantida a liberdade de externalizar ou não as suas condições de falar tanto o seu pensamento e opinião ao que se refere às perguntas que foram feitas nos encontros do grupo, sem nenhum tipo de coação ou intimidação.

Além disso, o pesquisador propôs-se a atender individualmente no consultório o participante que sentir necessidade após a realização deste trabalho. Até o presente momento não foram solicitados atendimentos.

### **3.7 Devolução aos participantes da pesquisa**

As três participantes foram convidadas pelo pesquisador, de forma individual, para apresentação acerca dos resultados da entrevista, em um encontro presencial, no mesmo local onde foi realizada a entrevista de forma individual. No sentido de dar publicidade aos resultados da pesquisa, disponibilizamos o *link* do repositório na UFT onde será depositada a Dissertação e *link* quando de sua publicação em periódicos científicos. Entendemos que, assim, a ciência tenha maior possibilidade de chegar até os participantes, como forma não somente de agradecimento, mas, também, de cumprir sua atividade-fim, que é de produção de conhecimento.

#### 4. RESULTADOS

Este Capítulo é composto por três tópicos. No primeiro apresentamos o grau de proximidade entre a participante e o familiar falecido, na sequência apresenta-se um resumo das narrativas das participantes e por fim a Análise Narrativa das participantes.

As participantes apresentam o seguinte grau de proximidade com o familiar falecido em decorrência da pandemia de Covid-19.

Quadro 5 - Proximidade com a pessoa que perdeu na pandemia de COVID- 19.

Participante	Pessoa que perdeu para a COVID-19
ÁRVORE	Esposo
FORTALEZA	Filha e esposo
ONÇA	Pai

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Do exposto, percebemos uma estreita proximidade entre as participantes e a pessoa que ocasionou o motivo do luto. Por esse motivo, o processo de análise das narrativas, obrigatoriamente deve considerar três pontos: o antes, o durante e o depois da perda. É oportuno dizer que todas essas mortes aconteceram no auge da pandemia da COVID- 19, o que nos faz lembrar que podemos entender como fatos recentes o que, de certa forma, são achados importantes para esse momento dessa reflexão.

Diante das falas, das reações, dos questionamentos, das pausas, da maior ou menor velocidade da expressão das participantes, percebemos que cada sujeito encaram a morte de uma forma diferente, fato que faz com que cada fase do luto seja mais curta ou prolongada. Outro fator que afeta essa busca diz respeito ao nível de relacionamento empreendido entre o enlutado e o sujeito falecido.

A tabela abaixo expõe a maneira como as participações expuseram suas percepções sobre o tipo de relacionamento que mantinha como o objeto da perda.

Quadro 6 - Marcadores de relacionamento/proximidade com o sujeito falecido

Participante	Tipo de relação com o falecido
ÁRVORE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Companheiro</i></li> <li>• <i>Cuidado</i></li> <li>• <i>Afeto</i></li> <li>• <i>Amor</i></li> <li>• <i>Cuidado</i></li> </ul>

<b>FORTALEZA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Companheiro</i></li> <li>• <i>Afeto</i></li> <li>• <i>Longo período de convivência</i></li> <li>• <i>Harmonia</i></li> </ul>
<b>ONÇA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Proteção</i></li> <li>• <i>pai</i></li> <li>• <i>Amizade</i></li> <li>• <i>Carinho</i></li> <li>• <i>Harmonia</i></li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Conforme vislumbramos no referencial teórico, as fases do luto não ocorrem da mesma forma para o conjunto de pessoas, nem tão pouco todos os sujeitos perpassam necessariamente por todas elas. O luto não é uma sequência obrigatória, que se vive uma fase, para em seguida, entrar na outra. Os indivíduos têm suas histórias próprias, vivências, experiências grupais e solitárias, são seres que comportam subjetividades singulares, e por esse motivo, cada um enfrenta as situações que lhes são impostas de maneira distintas. Fatores como maior ou menor proximidade com o morto, religiosidade, personalidade dentre outros interferem diretamente no processo de enfrentamento do luto.

#### 4.1 Resumos das narrativas das participantes

##### Resumo do depoimento de ÁRVORE

ÁRVORE, 40 anos de idade, viúva e mãe de um jovem de 17 anos nos relatou que perdeu seu marido para a COVID 19 há um ano e oito meses. Disse que morava com o marido, filho e sogro, que é portador de comorbidades, razão pelo qual ela tinha uma grande preocupação com a pandemia. Revelou que tomava todos os cuidados protocolares indicadas pelas autoridades de saúde para se proteger do vírus e, ao mesmo tempo, cobrava de todos da família, embora seu marido discordasse dela, pois não acreditava na pandemia. Ela foi a primeira da família a contrair a doença. Seu marido foi o segundo, que não resistiu e veio a óbito. Ela contou que após a morte do marido passou dois meses sem retornar para casa, o que segundo ela, contribuiu para a prolongação do seu luto, pois foi como se tivesse morrido exatamente no dia em que ela voltou para casa. Outro fator relevante no seu relato, diz respeito a questões burocráticas, pois no dia seguinte ao enterro do marido, recebeu cobranças quanto a inventário e partilha de bens. Ela relatou que nunca quer acreditar na morte do marido, prefere crer que ele esteja viajando. Mesmo assim, ela acredita que está em fase de transição no que diz respeito ao luto. Portanto, se considera uma árvore em processo de (re) florescimento.

Resumo do depoimento de FORTALEZA.

FORTALEZA tem 75 anos, é viúva e mora sozinha próxima aos seus dois filhos. Ela começou falando de sua idade e enfatizando que é católica e uma mulher de muita fé. Disse que era mãe de três filhos. Dois homens e uma mulher. Durante toda sua fala, foi possível perceber a importância que ela dispensa a religiosidade. Ela relata que perdeu filha e marido para a pandemia da COVID 19 em menos de 24 horas. Relatou que embora tenha ficado triste o que é normal nessa situação ela procurou entender que filha e marido atenderam um chamado de Deus. Ela acredita que não tem do que reclamar porque foram vários anos de felicidade com a família completa. Ela revelou que todos os filhos moram próximo a sua casa e que sempre foram muitos unidos. Ela também disse que a partir do momento em que a filha foi internada, ela sempre teve a impressão de que não iria voltar. Mesmo assim, contou que foi um impacto a morte da filha, seguida da morte do esposo. Ela disse que para uma mulher de 75 anos que perdeu duas pessoas em menos de 24 horas e não ter uma depressão suportar tudo tinha que ser muito forte.

E, por fim, trazemos à tona o resumo da entrevista de ONÇA.

ONÇA contou que tem 27 anos e que perdeu o pai para a pandemia da COVID 19. Ela conta que não tiveram um atendimento excelente na Unidade de Saúde que fez o primeiro atendimento. Disse que quando seu pai precisou de uma UTI, foi informada de que não tinha vaga, fato que a levou a entrar na justiça. Ela contou que para agilizar o processo, ela chamou uma equipe de TV, que após a reportagem ir ao ar, e com a repercussão negativa para o Estado, imediatamente conseguiram uma UTI para seu pai. Contou que durante todo o período de internação os médicos permitiram que ela visitasse seu pai, o que ela estranhou, pois isso não era permitido. Ao mesmo tempo, os profissionais de saúde lhe diziam para apoiar seu pai, pois o estado dele era grave, fato que fez com que ela entendesse que não teria mais chances de melhoras. Ela conta que o velório foi rápido e reservado apenas para os familiares. Revelou que até hoje evita falar sobre o assunto. Disse ainda que a fé pois toda a família é muito católica - que vem contribuindo com a superação do luto. E, por fim, disse que se considera uma guerreira, forte e valente, como uma onça.

#### **4.2 Análises das Narrativas das participantes**

Para melhor entender as narrativas relatadas pelas participantes, optamos por uma exposição em separado, de tal modo que, pudéssemos vislumbrar visões distintas de como ocorre o enfrentamento do luto. Para tanto, as personagens pelas quais nos defrontamos, trata-

se de três mulheres com idades diferentes, profissões que variam de comerciária a aposentada e olhares sobre a superação do luto ora convergentes, ora divergentes.

Não é exagero frisar que as perdas se deram durante o auge da pandemia da COVID-19 em 2021, sendo, aliás, a razão de ser deste estudo, traçar um panorama analítico sobre como se deu o processo de luto nesse contexto e a busca pela resignificação, para tanto, nos valemos de histórias narradas pelas personagens centrais desse enredo.

As análises das narrativas corroboram que o luto é uma das fases mais duras em que passam seres humanos. Mas, também, revelam que esse processo pode trazer resignificações que desaguam em autoconhecimento. ÁRVORE, FORTALEZA e ONÇA são personagens que se aproximam e se distanciam pelas suas vivências, algo que ficou constatado a partir de suas respostas.

#### 4.2.1 Narrativas sobre o processo de (re) florescimento de uma árvore

ÁRVORE iniciou dizendo que perdeu o esposo para a pandemia da COVID-19 em 29 de março de 2021. Ela relatou que o sogro que passava o período de pandemia com ela e o esposo e o filho, passou a morar com outro familiar. Ela atualmente trabalha e mora com seu único filho de 17 anos. Segundo ela, o momento trouxe-lhe muitos medos, pois sua preocupação maior era com o sogro, idoso com patologias. O fato de os meios de comunicação noticiarem diuturnamente sobre as inúmeras mortes ocasionadas pela doença fez com que ela desenvolvesse uma espécie de ritual, tanto ao sair de casa com uso de máscara e álcool em gel dentro da bolsa, quanto quando chegava, pois, tomava banho, fazia novamente o uso do álcool em gel e lavava a roupa que estava usando. Ela relatou:

*A pandemia mudou minha rotina dentro de casa [...] eu parava em casa com meu filho e meu sogro e meu esposo não [...] quando meu marido chegava em casa eu já vinha com álcool em gel. Ele dizia que eu estava ficando insuportável, louca. Que isso não era normal [...]*

Segundo a entrevistada, seu esposo rejeitava o uso de equipamento de segurança. Para ele, a pandemia da COVID-19 era uma invenção da mídia. Fato que, segundo ela, foram determinantes para que seu esposo contraísse a doença. *“Ele até saía com a máscara, mas logo tava pendurada na orelha. Eu falava, você pode pegar e resistir e eu posso pegar e não resistir”*, relata ÁRVORE.

Entretanto, ÁRVORE, mesmo com todos os cuidados foi a primeira da família a contrair a doença. Ela relata que ao desenvolver os sintomas procurou imediatamente uma Unidade de Saúde. Porém, o médico não pediu o teste de COVID, como ela, na condição de estudante de

enfermagem, havia realizado um trabalho sobre os sintomas da doença, não teve dúvida de que estava contaminada. Exigiu o teste que foi feito. Deu positivo. Ela foi medicada e orientada a voltar para casa. O sogro e o filho tiveram que ir para casa da cunhada, como medida de segurança. Ela acrescentou que durante o período em que estava em isolamento, nunca deixou de ter os cuidados do esposo.

*Eu fui a primeira a pegar COVID, mas meu marido não deixou de cuidar de mim [...] quando falei que estava com a doença ele achou que era coisa da minha cabeça. Quando fiz o teste ele acreditou [...] somente quando ele começou a perder pessoas próximas foi que veio a levar a sério.*

Ela continuou sua história:

*Eu pequei em novembro de 2020 e ele em março de 2021 [...] os primeiros sintomas dele foi tosse e muitas dores no corpo. Pedi para ele fazer o teste, mas ele não quis[...] quando foi ao médico já estava com 25% do pulmão comprometido, mesmo assim foi liberado para voltar para casa. Depois de dois dias ele retornou ao médico. Não pude acompanhá-lo. Ele me ligou do hospital dizendo que estava sendo transferido para uma UTI e só consegui falar isso. Ele internou no dia 16 [de março de 2021] e faleceu no dia 29 [de março de 2021] [...] da funerária foi direto para o cemitério.*

A notícia da morte do marido de ÁRVORE chegou para ela às 5h40 da manhã. O celular tocou. Na tela apareceu UTI, era assim que ela tinha salvo o contato do hospital. O médico não teve protocolos. Foi direto: disse que o estado era muito delicado, que todas as equipes fizeram tudo que estava ao alcance, mas não teve jeito. Ele morreu depois de uma parada cardíaca. ÁRVORE relatou que não quis acreditar, mesmo tendo consciência de que desde sua entrada na UTI o estado de saúde do esposo era grave.

Seguindo o protocolo, não houve velório. A pandemia da COVID -19 ensinou ao mundo uma nova maneira de se despedir dos entes queridos. Não há a possibilidade de velório, o que também, pode trazer uma reconfiguração na forma como o luto é vivenciado. Em diversos momentos da entrevista, ÁRVORE lamentou o fato de que não pode oferecer uma despedida justa ao esposo.

ÁRVORE relatou que sentiu muita raiva. Ela informou que não teve sentimento de culpa, pois tinha certeza que fez de tudo que podia para cuidar do esposo. No primeiro momento ela se isolou, não queria falar sobre a morte do marido.

Ela nos relatou que pegava uma cadeira, se sentava no fundo do quintal e chorava. O coração que antes pulsava de alegria, agora era um terreno fértil para a tristeza. Ela passou a ser uma árvore sem folhas, sem flores, sem vida.

*No primeiro momento eu não queria falar sobre o assunto, as pessoas me perguntavam, mas eu não queria falar. Ficava no meu canto chorando, preferia ficar isolada. As falas das pessoas me traziam raiva.*

Desde que o marido fora internado, ÁRVORE e o filho foram para a casa da cunhada, fato que se estendeu ainda por dois meses depois da morte dele. Um problema com o imóvel da família a fez voltar para casa.

*[...] no dia que voltei para casa foi como se ele tivesse morrido naquele dia.*

ÁRVORE compreendeu que o fato de ter deixado a casa onde conviveu por 15 anos com o marido não ajudou em nada a superação, pois ao retornar, todo o sofrimento vivenciado no dia da morte dele, se repetiu. Perguntas e respostas em forma de monólogos submergiram em seu inconsciente. E, assim, ela continuou por meses seguidos, “*no meu mundo, chorando*”, como relatou na entrevista.

Mas, como ocorre nas situações em que se tem dificuldade para expor sentimentos, ÁRVORE recorreu às redes sociais para desabafar.

*No início coloquei algumas mensagens nas redes sociais, isso durou um ano. Colocava fotos, vídeos.*

Ela relatou que inicialmente fez uso desse recurso com muita frequência, pois era uma forma de exteriorizar seus sentimentos. As redes sociais, enquanto veículos de comunicação onde se tem a escolha de não interação com um interlocutor, se destacam como meio de desabafo de indivíduos diante do luto, sendo, pois, um instrumento a mais de ajuda no processo de luto.

ÁRVORE percebeu que o luto não é discutido entre as pessoas, embora, todos nós, mais tarde ou mais cedo teremos que nos deparar com ele. Ela nos disse que acreditava que grupos de discussão são importantes no enfrentamento do processo do luto. Ela relatou que chegou a participar de um grupo de viúvas, onde cada uma narrava suas experiências. Para ela isso também contribuiu para que se chegasse ao patamar em que se encontra, embora até hoje ela evita falar sobre o assunto. Mesmo diante dessa recusa, atualmente, ÁRVORE se percebeu num processo de transição. Ela preferiu acreditar que o marido está viajando.

*A dor da perda é uma só. Mas tem diferença de sentimento por uma pessoa que se convive todos os dias. Nós convivemos 15 anos juntos. Hoje parei de postar coisas nas redes sociais. Mas todo dia falo no meu marido. Não consigo falar o pai do meu filho. Falo meu marido. Assim mesmo: no presente.*

Para ÁRVORE, a partir da perda do esposo para a pandemia da COVID-19, ela passou a enxergar o mundo de uma outra forma. Entendeu que cada pessoa tem uma dor diferente e que cada uma tem uma forma diferente de atravessá-la. Quando interrogada como ela se

pintaria, se descreveria diante de tudo que passou ela foi contundente: “*Eu sou uma árvore começando a brotar*”. Observamos isso em nossa entrevistada, a garra, a força e a busca pela ressignificação em que ela demonstrou em suas falas sobretudo, pelo filho, que precisa dela conforme não deixou de frisar, não se tem dúvida de que estamos diante de uma ÁRVORE em processo de florescimento.

#### 4.2.2 Narrativas sobre os tijolos que compõem uma muralha de fortaleza

Diante dos nossos olhos, estava uma FORTALEZA, de 75 anos, aposentada, viúva pela COVID-19 e mãe de três filhos (dois homens e uma mulher). Em 24 horas ela perdeu a filha e o esposo, mais precisamente em 15 e 16 de setembro de 2020, respectivamente, portanto, quase um ano antes da aplicação da primeira dose da vacina contra a Pandemia da COVID-19, fato que ocorreu somente em 17 de janeiro de 2021. Hoje ela mora só, mas bem próximas aos dois filhos, pois as construções de suas casas foram feitas em lotes limítrofes.

*Primeiro, minha filha adoeceu [...] passou 15 dias internada. No dia seguinte em que minha filha foi para o hospital meu esposo foi levado ao hospital também e já foi internado [...] com minha filha eu tive contato por vídeo chamada [...] meu marido não quis falar com ela por vídeo chamada, ele não tinha coragem.*

FORTALEZA relatou que toda a família tinha uma boa convivência e que a internação repentina de dois de seus membros foi um choque para todos. Embora ela revelou que desde o momento em que a filha foi intubada, ela perdeu todas as esperanças de sua recuperação, “*sempre tive impressão de que minha filha não voltaria [...]*”, conta.

Um dos fatores que trouxe revolta à família foi a comunicação deficiente da equipe do hospital em relação ao estado da filha, que foi intubada no quarto dia em que se encontrava internada, sem qualquer comunicação por parte do hospital. Segundo FORTALEZA, houve um questionamento por parte da família, mas a resposta foi que a paciente havia autorizado a intubação.

Essa falha do hospital em comunicar à família sobre o procedimento a ser feito gerou revolta e apreensão para todos os envolvidos, justamente num momento em que o equilíbrio seria essencial, pois se tratava de duas pessoas internadas e, portanto, o esforço para enfrentar a situação exigia duplicidade de atenção.

*A gente questionou porque eles não conversaram com a gente sobre esse procedimento, mas eles disseram que minha filha tinha consentido.*

FORTALEZA não concordou que a filha tivesse em condições de ter o poder de decisão, pois estava debilitada. O sentimento é de que houve descaso por parte do hospital em relação à família. Ela não culpa a equipe médica pela morte da filha, embora se recuse a compreender como os profissionais foram tão desumanos e insensíveis diante uma situação tão dolorosa.

Conforme o coração de FORTALEZA denunciava, a filha não resistiu e veio a óbito, nas suas próprias palavras: *“o impacto foi tão grande quando sabemos que ela morreu. Mas antes dela meu marido morreu. E 24 horas depois foi ela”*. Duas mortes em menos de 24 horas e a família, a partir daquele dia só estaria completa nas fotos, expostas em quadros, na parede.

*Nós éramos 5 pessoas muito amigas [...] E fica assim... a gente não queria aceitar. Meu marido foi sepultado à tarde: aí de manhã...chegou a notícia... na mesma hora... como é que fiquei né? A sorte que sou de muita fé. Eu não perdi eles, eu devolvi pra Deus.*

O processo de luto exige que as pessoas se amparem em alguma coisa para suportá-lo. FORTALEZA buscou forças na fé. Ela se conformava dizendo para si mesma que foram muitos anos de alegria e felicidade ao lado do esposo e da filha e havia chegado o momento de Deus tê-los junto de si.

*A fé, o suporte, foi o alimento, foi tudo. A fé que me sustentou. Como você perde duas pessoas em menos de 24 horas e não cai em depressão?*

Outro fator que contribuiu com a superação da dor foi o apoio que teve de amigos e familiares. Ela contou que tanto o esposo quanto a filha sempre estão nas suas conversas, mas não se refere a eles com tristeza, pois acredita que a missão de cada um estava cumprida na terra.

*Eu não deixei de falar deles. Sempre choro. Mas não são lágrimas tristes. Mas lá as pessoas que eu estava acompanhando onde pessoas... oito pessoas da mesma família morria ou só tinha um filho e morria [...] eu me colocava no lugar das pessoas.*

Nessa fala, FORTALEZA demonstrou empatia diante das inúmeras vítimas da COVID 19 e, ao mesmo tempo, era mais um refúgio em que buscava para superar a perda da filha e esposo. O processo do luto também é um chamado a reflexão, é o momento em que os sujeitos se percebem como seres vulneráveis, infinitos, cuja fragilidade requer um olhar para fora de si mesmo e se passe a considerar os demais.

Diante do inevitável, FORTALEZA se manteve firme e revelou que os laços familiares se acentuaram ainda mais. Entretanto, ela tem uma queixa, não sobre a morte da filha e esposo, mas com a forma em que o poder público, principalmente, o Governo Federal tratou a pandemia da COVID-19. Para ela,

*O governo foi péssimo em não ter trazido a vacina antes [...] só fiquei revoltada com o governo. Quantas vezes a gente viu ele desdenhar, ele não acreditava [...] fiquei revoltada com o governo.*

A questão da forma como o governo tratou a gestão da pandemia não surgiu espontaneamente, foi um questionamento premeditado, pois entendemos que os fatores políticos, sociais e econômicos estão entrelaçados em qualquer que seja os aspectos de nossas vidas. Essas conexões são importantes para o entendimento de questões relevantes como o caso da pandemia da COVID-19 que ceifou milhões de vidas.

Sendo assim, levantamos alguns questionamentos tais como: uma outra forma de gerir a crise da pandemia da COVID-19 teria evitado tantas mortes? O atraso na compra da vacina foi determinante para o agravamento da pandemia? FORTALEZA não tinha as respostas, embora tenha convicção de que faltou amor, compreensão e respeito ao próximo diante uma situação tão grave como a que viveu o país.

Quando questionada como ela se definiria, se tivesse a oportunidade de se desenhar, como se retrataria, ela novamente recorreu a fé e foi breve afirmando que *“a fé que eu tinha me fez fortalecer. É isso, sou forte”*. O percurso pelo qual passou foi muito duro, ainda mais quando se trata de uma mulher de 75 anos. Mesmo assim, foi possível perceber em suas falas e gestos, um ser *“que aceita, que compreende”*, como ela mesma afirmou. Ao final da entrevista, a sensação que temos é de que não estamos diante de uma senhora narrando seu processo de luto de esposo e filha, pela sua autoestima, nos sentimos diante de uma muralha de FORTALEZA.

#### 4.2.3 Narrativas sobre os sinais contidos no rugido de uma onça

ONÇA tem 27 anos, trabalha e estuda e mora com a mãe e o irmão. Ela contou que seu pai começou a sentir os sintomas da COVID-19 em 17 de janeiro de 2021, vindo a falecer em 03 de fevereiro de 2021. No início todos acreditavam se tratar de uma renite devido ao clima. Segundo ela, essa reação só aparecia depois das 18 horas. Cinco dias se passaram e a situação não melhorava, foi então que depois de uma crise respiratória em que ele passou às 2 horas da madrugada que resolveram procurar os serviços médicos. Em diversos momentos da entrevista, percebemos sua dificuldade em tratar do assunto, sua voz embargava. Fazia pausas. E até chorava. Principalmente, quando se lembra de que seu pai foi um homem batalhador que sempre se preocupou com a família.

Por opção, a participante ONÇA, fez do seu relato em grande parte em desabafo sobre o tratamento dispensado ao pai na rede pública de saúde.

*No hospital não pediram teste de COVID, nós exigimos e deu positivo. Meu pai foi medicado e mandado de volta para casa. No dia 23 de janeiro a gente viu que a medicação não estava fazendo efeito. Marquei uma consulta que foi feita no dia 28 de janeiro e os dois pulmões já estavam comprometidos [Choros]*

*Fizeram pouco caso da gente eu que peguei meu pai e coloquei na cadeira de rodas e levei pra dentro da UPA [...] eu tive que ameaçar chamar a televisão para poder conseguir UTI [...] o meio de comunicação que chega nas classes de baixa renda é a televisão. Eu expus o caso e muita gente ficou sabendo porque também estavam perdendo parentes.*

*Foi um descaso para ser atendido. Com 3 dias que a gente tava na UPA o médico informou que meu pai precisava de uma UTI, porque lá já não atendia mais as necessidades dele. A gente teve que entrar na justiça para conseguir tratamento.*

Essa fala nos fez revisitar um preocupante problema que recai sobre o sistema de saúde no Brasil, como a questão da judicialização da saúde. Muitos são os efeitos decorrentes desse processo, tais como reconfigurações administrativas e orçamentárias, levando os gestores a mudarem o percurso estabelecido pela gestão no que se refere às metas e objetivos traçados pela gestão. Não obstante, tal medida promove outros entraves como o afastamento da equidade e a descontinuidade das políticas públicas até então planejadas.

Durante a pandemia da COVID-19, muitas foram as ações judiciais contra o Sistema Único de Saúde, conforme se noticiou nos meios de comunicação e, que uma rápida busca nas produções acadêmicas se corrobora em diversos artigos que se propuseram a refletir sobre a questão. Além da judicialização da questão, ONÇA acrescenta que para agilizar o atendimento ao pai, recorreu a televisão.

*Eu tive que ameaçar a chamar a televisão para que meu pai conseguisse UTI.*

E não ficou só em ameaça. ONÇA requisitou uma equipe de reportagem que se dirigiu até o hospital, os fatos expostos e após a repercussão negativa, seu pai foi encaminhado para uma UTI. Ela classificou como revoltante precisar chegar a esse ponto, mas acreditou que de qualquer forma foi importante para que outras pessoas tomassem conhecimento do caso e, também, pudessem agir na hipótese de se deparar com uma situação semelhante à dela.

*Quando meu pai foi pra UTI o médico já me falou que o estado dele era grave, pois os dois pulmões já estavam comprometidos. O médico deixou bem claro que ele estava muito grave. Com 4 dias que ele estava na UTI foi entubado. Daí, perdi todas as esperanças. Dos sete pacientes que estavam ali só eu como acompanhante podia entrar. E isso me fez perder ainda mais as esperanças. Por que dos 7 só ele podia receber visitas? Durante o período em que ele ficou na UTI eu tinha contato com ele. Visitava. Tocava nele. Mas nunca peguei COVID.*

ONÇA começou a viver o processo do luto de forma antecipada, pois era ela que o acompanhava diariamente no período em ele estava internado. Ela contou que nos primeiros dias de internação eles trocavam palavras e que ele se lamentava como depois de tanta luta poderia se encontrar naquela situação. Em determinadas ocasiões, seu pai informava de

documentos, de senha de bancos, de algum negócio pendente, o que a levou a experimentar um luto antecipado.

*Quando o médico me falou que meu pai estava numa situação grave, eu pedi pra Deus se fosse pra ele voltar pra casa e ficar vegetando eu queria que Deus levasse porque sei que não era isso que ele queria. Porque eu ia ver meu pai pedindo a morte em casa, acamado, porque ele tinha uma vida ativa. Não esperava que fosse tão cedo. Não era o que a gente queria, mas foi o melhor pra nós porque ele estava sofrendo muito.*

Após ser comunicada da morte do pai, ONÇA pediu para vê-lo, ela relatou que não teve qualquer reação, mas entende que todo o sofrimento que passou no percurso foi menor do que aquele momento, em que viu seu pai morto. O enterro foi rápido, apenas 10 minutos no cemitério, caixão lacrado, e com a presença apenas das pessoas da família. Ela conta que evitar falar sobre o assunto, pois isso maximiza a dor da perda.

ONÇA, por livre iniciativa, voltou a falar das deficiências do Sistema Público de Saúde. Ela classifica como revoltante o descaso pelas pessoas que pagam impostos e quando precisa não dispõe de um tratamento digno. Nesse momento, questionarmos se ela vislumbrava uma relação entre o alto número de morte pela COVID-19 com a gestão da pandemia pelo Governo Federal, ocasião em que ela se limita a dizer “*eu acredito na ciência. Eu me vacinei. Acho que depois da vacina teve uma melhora*”.

O processo do luto tornou ONÇA mais próxima de sua mãe e irmão. Sobre o irmão ela contou que percebeu nele um certo remorso pelo fato de que sempre deu mais atenção aos amigos do que a situações que envolvesse a família. A perda do pai aliado a oportunidade de se ter um velório, fez com ela reconsiderasse alguns conceitos, pois lhe permitiu perceber a brevidade da vida.

Ela lamentou o fato de seu pai ter trabalhado tanto e não ter direito de se vestir depois de morto. Segundo ela, quando viu seu pai morto, ainda no hospital, estava nu, dentro de um saco e, assim ela acreditava que foi a forma como ele foi enterrado.

ONÇA afirmou que entende que é importante expor sobre a perda de um ente querido, “*embora eu tenha dificuldade de falar, mas não posso ver só por mim*”. Ela pontuou que sua família é muito católica e tiveram apoio de amigos no decorrer do processo de luto. Ao mesmo tempo em que apontou a fé como um alicerce no enfrentamento da perda do pai, ela demonstrou que ainda está longe da superação, embora reconheça que depois de tudo passou a se sentir mais forte e isso se deve porque para ela precisa lutar pela mãe, que precisa muito dela.

Assim como fizemos com as entrevistadas anteriores, pedimos para que ela apontasse uma imagem que trouxesse o reflexo de como se sentia depois do enfrentamento de tudo que nos relatou. Ela, talvez se lembrando da peregrinação que fizera para conseguir uma UTI para

o pai, muitas das vezes, até mesmo perdendo o controle quando, no calor da emoção, se fala coisas impensadas, ela disse que se via forte e valente como uma onça. Concordamos com ela, e que ao superar essa etapa de sua vida, seus rugidos sejam menos angustiantes e mais alegres, de tal modo que, venha a servir de consolo para outras pessoas quando se depararem diante do inevitável processo do luto.

Considerando que a primeira dose da vacina da COVID-19 foi ministrada em 17 de janeiro de 2021 e, como se sabe para grupos de riscos e profissionais da saúde, ONÇA relatou que seu esposo não chegou a tomar a vacina contra a doença.

## 5 DISCUSSÃO

Neste ponto, estabelecemos um olhar mais analítico voltado para as narrativas apresentadas anteriormente, buscando um diálogo com as bibliografias estudadas sobre a vivência do luto durante a pandemia da COVID-19. Nesse contexto, não é possível se prender num roteiro cronológico em que se estabelece um começo, meio e fim. Isso ocorre porque os relatos são introspectivos e, nesse sentido, nos deparamos com um *vai e volta* na construção dos fatos aos quais passamos a analisar. Por esse motivo, chamamos a atenção para o fato de que as análises estão organizadas sem obedecer a uma ordem, tal como foi feito na apresentação de cada narrativa das participantes no item anterior.

A proposta, é descrever como as três mulheres, que perderam familiares por COVID 19, vivenciaram o processo de luto sendo, esse, portanto o objeto maior que perseguimos nesse trabalho dissertativo. Para tanto, os dados serão divididos em três eixos de discussão, o primeiro traz uma breve exposição do cenário antes do luto, o segundo durante o luto e o terceiro, centra na busca pela resignificação empreendida pelas participantes.

### 5.1 Prólogo: a vida antes do luto

Iniciamos o primeiro eixo de análise na perspectiva de vislumbrar como era o cotidiano das participantes antes da perda do familiar. Ambas contaram que com a morte, houve uma mudança repentina em suas rotinas. ÁRVORE morava com o marido, filho e sogro, que passava um período na casa dela. Com a pandemia da COVID-19, foi necessária uma reconfiguração no cotidiano da família, pois ela tinha uma preocupação em manter os cuidados protocolares emitidos pelos órgãos de saúde. Por outro lado, seu esposo não acreditava na gravidade da situação. A modificação na convivência da participante foi algo bastante frisado pela participante. O fato de o esposo ser negacionista não trouxe frustração a ÁRVORE quando de sua morte, embora ela reconheça que, talvez, a história seria contada de outra forma, caso ele tivesse tomado os cuidados necessários.

Os relatos de FORTALEZA apontaram para uma família bastante unida. Mesmo com os filhos crescidos, moravam próximos uns dos outros. Ela e o esposo adquiriram terrenos limítrofes onde construíram as casas para os filhos. Assim, era possível uma convivência diária. Não se reuniam apenas em datas comemorativas, mais sempre que possível estavam juntos sejam para almoços, ou reuniões onde demonstravam o carinho que sentiam uns pelos outros. E, ONÇA morava com o pai, a mãe e o irmão. Ela contou que eram uma família bastante unida

e solícitos, embora percebia que o irmão era mais afastado, pois preferia a companhia dos amigos.

Observamos que as narrativas que compõem o mosaico de vida das participantes estão voltadas para uma boa relação com a(s) pessoa(s) que partiu(ram). Isso não significa que o processo de vivência do luto seja menos doloroso, embora, talvez, não seja tão marcado pelo sentimento de culpa, caso fosse o contrário. Outro fator que convergem nos relatos diz respeito a mudança que o luto impregnou em suas rotinas fato que nos remete a Bowlby (1997), quando ele diz que o luto traz uma quebra nas relações até então mantidas pelos sujeitos.

Os relatos contidos nesse primeiro eixo trazem uma normalidade nas relações das participantes com o sujeito falecido, analogicamente, a teoria da narrativa nos ensina que uma história precisa se iniciar de forma harmoniosa. Essa característica deve ser quebrada com a entrada em cena de um antagonista, que com suas invertidas, passa a criar inúmeros conflitos, que vão dando fôlego ao desenvolvimento do enredo. Evidentemente, que essa lógica se refere a tramas ficcionais, mas na vida real, ela também aparece, embora com adaptações advindas das relações sociais diante da concretude da vida.

A busca pela ressignificação sinaliza para novas narrativas norteadas por singularidades, pois como lembrou Levine (2007), o enfrentamento que se adota diante da morte é algo subjetivo, portanto, cada pessoa tem sua maneira peculiar de vivenciar o luto.

Essa forma de viver o luto é influenciada, também, pelo o contexto em que se deu a morte do familiar, no caso da pandemia da COVID-19, a demora do Governo Federal em ofertar a vacina teve reflexos nas perdas de ambas as entrevistadas, tendo em vista que, elas se deram antes da campanha de vacinação, fato que FORTALEZA classificou como revoltante. ÁRVORE não fez qualquer consideração nesse sentido, e ONÇA diz que tomou a vacina e que acredita na ciência, o que permite entender que, embora não tenha deixado explícito, ela entende que o retardamento da vacina influenciou no alto número de mortes em decorrência da doença.

Obviamente que a demora em garantir a vacina à população contra a COVID-19, foi decisiva para o alto número de morte, pois como podemos vislumbrar, com a popularização do imunizante contra o Coronavírus, as taxas de letalidade diminuíram consideravelmente, conforme acompanhamos pelos meios de comunicação, com informações amparadas pelas próprias fontes oficiais.

Esse erro advindo do próprio Governo Federal foi o responsável por afetar a vida de milhões de pessoas, tantos daqueles que contraíram a doença e obtiveram a cura, quanto dos que perderam seus familiares para a Pandemia da COVID-19. Essa última constatação se revestiu de novas nuances no que diz respeito ao enfrentamento do luto, pelos diversos fatores

já mencionados neste estudo, dentre os quais vale destacar a negação dos rituais fúnebres aos familiares do falecido, fator que agrava, sobremaneira, o processo de enfrentamento do luto.

## **5.2 Narrativas do luto: uma árvore sem folhas, uma muralha em ruínas e o rugido triste da onça**

Esse segundo eixo de análise buscamos compreender como se deu a trajetória das participantes a partir do momento em que receberam a notícia da infecção pela COVID-19 pela pessoa que perdera para a pandemia. Para um melhor entendimento, optamos por dividir os relatos em subeixos de análise das narrativas, pois entendemos que essa abordagem nos leva a uma melhor compreensão sobre as narrativas das participantes.

### **a) A notícia da doença: a quebra da normalidade**

A pandemia da COVID-19 mudou a rotina das participantes, isso ficou evidente nas narrativas que abordavam os momentos seguintes a infecção pelo vírus. ÁRVORE conta que a partir da internação do marido ela, juntamente com o filho, passaram a morar na casa de uma cunhada. E, ÁRVORE também acompanhou o marido até o momento em que ele foi conduzido para a UTI, a partir daí, não era permitido um contato mais próximo, porém, juntamente com um grupo de amigos, se reuniam no corredor do hospital, onde oravam e cantavam músicas religiosas.

FORTALEZA também teve sua rotina alterada, tendo em vista que, a doença acometeu dois membros da família. Ela não teve mais contato físico com a filha e o esposo desde que eles foram internados.

ONÇA, teve todo seu roteiro modificado, pois era ela a responsável por acompanhar o pai durante sua internação. Um dos fatores que lhe gerou revolta diz respeito ao atendimento que seu pai recebeu, segundo ela, houve um descaso por parte dos funcionários da rede pública de saúde, além de uma grande dificuldade em conseguir uma UTI para o pai, uma vez que não havia vagas nos hospitais públicos e o pagamento do convênio entre governo e a rede privada estava em atraso, razão pela qual, mesmo tendo UTI vagas, não era disponibilizada uma para seu pai. Para vencer esse entrave, ela recorreu ao judiciário e, em um dado momento pediu uma equipe de televisão para mostrar a situação da rede pública de saúde.

Por outro lado, FORTALEZA, manifestou revolta quanto a demora do Governo Federal na compra da vacina, classificando o fato como um descaso. Sobre a vacina, ÁRVORE e ONÇA acreditam que houve uma redução nos casos de infecção por COVID-19.

Nesse ponto, entendemos ser oportuno fazer uma analogia entre os relatos das participantes e a teoria da narrativa, no que diz respeito a quebra da normalidade na trajetória dos personagens. Esse fator é necessário nas obras ficcionais para que haja uma ação que mova a história até atingir o clímax e, por fim, ao desfecho. Nesse sentido, podemos dizer que a pandemia da COVID-19 foi responsável por mover personagens reais dentro de suas próprias histórias.

O que diferencia uma história real, como as narrativas das participantes, é que suas histórias são escritas pela mão invisível da realidade e, sendo assim, não é possível simplesmente se chegar a um final feliz depois de um salto no tempo, como ocorre na ficção. No auge da pandemia, ocorrido em 2021, a quebra da normalidade foi marcada pelo estabelecimento de novas regras de uso dos espaços públicos, houve a perda da individualidade, restrições do direito de ir e vim, com o fechamento do comércio e a proibição de aglomerações de pessoas e, além desses fatores restritivos, houve o aumento da procura pelos serviços de saúde, o que ampliou os transtornos para aqueles que recorreram a eles como relatou ONÇA, enfim, trouxe muitas mortes e retirou o direito dos enlutados de realizar os rituais fúnebres.

A Pandemia da COVID-19, embora esteja estabilizada, ainda não se deu por encerrada, da mesma como o processo do luto ainda atormenta as participantes desta pesquisa, conforme finalizou ONÇA: *“Atualmente sigo minha vida tentando suportar essa fase, que mesmo não sendo tão recente, ainda não aprendi a conviver totalmente com a dor da saudade”*.

## **b) O período de internação**

O período de internação pela COVID-19 para FORTALEZA e ONÇA foi uma espécie de luto antecipado. A primeira, em seus relatos, deixou claro que desde que a filha fora internada, não acreditava em sua recuperação, o que não ocorreu em relação ao esposo, pois para ela, o fato de ele ter adoecido estava ligado muito mais ao fato da doença da filha do que pelo vírus, tamanha era a sintonia familiar.

ÁRVORE não conheceu esse fenômeno do luto antecipado, pois sempre teve fé na recuperação do marido. Nos relatos dela, há uma manifestação de crença muito latente, o que mais tarde, se transformou em revolta, uma vez que, teve suas expectativas frustradas com a morte do marido. Suas narrativas são marcadas pelo fato de que o esposo via a pandemia da COVID-19 como uma invenção da mídia. Ela conta que essa visão dele foi alterada quando se viu diante de inúmeros casos de mortes de pessoas próximas. Com isso, interpretamos que, talvez, sua negação se dera como uma forma de camuflar suas angústias frente ao período pandêmico vivenciado.

Nas narrativas das participantes observamos uma queixa na proibição de acompanhar seus familiares durante a internação, apenas ONÇA relatou que a equipe médica permitiu e estimulou que ela se mantivesse ao lado do pai, e justificavam tal atitude dizendo que ele precisava muito dela naquele momento. Esse fato, conforme ela relatou, gerou desconfiança de sua parte no que diz respeito a possibilidade de cura do pai, fato que se confirmou com a morte dele. Ela acredita que os médicos já prevendo a partida dele, não a privaram de acompanhá-lo em seus últimos momentos.

Durante a pandemia, um dos fatores que mais preocupava familiares e vítimas da doença, era a possibilidade de ser intubados. ÁRVORE relatou que seu marido ainda diante das primeiras manifestações de síndromes gripais, se recusou a buscar de imediato cuidados médicos, fato que só ocorreu com o aumento progressivo dos sintomas. Porém, muitos dos infectados não necessitou de internação, a própria ÁRVORE, antes mesmo do esposo, contraiu COVID-19, mas foi orientada pela equipe médica da Unidade de Saúde onde procurou ajuda a se recuperar em asa.

Segundo documento de Protocolo Clínico do Governo de Pernambuco no auge da Pandemia da COVID-19, cerca de 20% dos contaminados precisavam de internação para internação hospitalar para o tratamento doença. Nesse sentido, o processo de internação dos doentes vítimas da pandemia,

[...] deve ser aberto, transparente, razoável e inclusivo para pacientes, familiares, UTI e funcionários que não pertencem à UTI. Perante tais prioridades, algumas situações clínicas são de maior relevância para a internação em UTI e devem ser tidas como mandatórias para a internação em UTI. Os casos não contemplados nos critérios de admissão devem ser avaliados individualmente, sempre consultando a coordenação médica da UTI. Além dos casos expostos, a presença de acometimento pulmonar extenso no exame de imagem deve indicar uma maior monitorização do paciente e assim, caso haja disponibilidade de leitos, na presença do diagnóstico de COVID-19, esse deve ser encaminhado à UTI (BRASIL, 2020, p.5)

Assim, esses sujeitos necessitavam de acompanhamento mais próximo no sentido de se evitar a gravidade dos sintomas. Com a nova reconfiguração dos protocolos durante a pandemia da COVID-19, o doente não pode mais contar com o apoio de um familiar, sendo, pois de responsabilidade dos profissionais da saúde não somente os cuidados médicos do paciente, mas todas as demais formas de assistência. No auge da pandemia, chegou a tramitar um Projeto de Lei 4759/20 que visava à garantia do direito a pessoa diagnosticada com a doença terá o direito a ser acompanhada por pessoa de sua escolha durante internação em unidade de terapia intensiva (UTI).

De acordo com a justificativa do Projeto, essa prática traz benefício tanto para o paciente quanto para os familiares e equipe médica, pois o aumento de cuidados em relação ao doente

precisa de acomodação, conforto, segurança e acompanhamento integral, para definição segura da alta ou internação hospitalar.

### **c) A notícia da morte**

A notícia da morte de um ente querido é um dos momentos mais angustiantes de que podemos experimentar, se equiparando, apenas, como a hora do enterro. As narrativas de ÁRVORE dão conta de que acordou as 5h40 da manhã com uma ligação do hospital. Ela relatou que o médico não teve muito rodeio e informou que foi feito de tudo mas o marido não resistiu, embora a equipe médica tenha feito de tudo para evitar o contrário, fato que a deixou incrédula.

O mesmo fenômeno ocorreu com ONÇA que em suas narrativas disse que o sofrimento sentido naquele instante foi muito menor que aquele vivenciado durante todo o período em que acompanhou o pai internado. Somente FORTALEZA relatou que embora tivera um choque, tendo em vista que, esposo e filha morreram num intervalo de menos de vinte e quatro horas, ela se sentia confortada, pois que ficou foi todo o tempo que conviveram de forma harmoniosa.

Esses apontamentos presentes nas narrativas de ONÇA e FORTALEZA nos remete a Bowen (1998), quando ele diz que nenhum outro evento vital provoca nas pessoas mais pensamentos dirigidos pela emoção e mais reações emocionais nos envolvidos como a morte. Os conceitos de sistemas de relacionamentos “abertos” e “fechados” abordados pelo autor são utilizados para descrever a morte como um fenômeno familiar.

### **d) E o velório?**

Conforme frisa Giamattey *et al*, (2021) a pandemia veio de uma forma avassaladora, atropelando a organização e realização dos rituais funerários e de despedidas das famílias e seus desdobramentos: funeral, cremação, sepultamento, luto. O autor cita como exemplo abertura de valas comuns nas cidades mais impactadas pela pandemia devido à incapacidade dos serviços funerários de atenderem o alto número de óbitos em curto tempo causados pela COVID-19, gerando assim um cenário de enterros coletivos a céu aberto. Outro fator que pesava no auge da pandemia, segundo o autor, era de que cidades onde o serviço funerário ainda tem capacidade de atender às demandas de enterros e velórios, a facilidade do contágio pelo vírus impossibilitou que esses eventos ocorressem com mais de dez pessoas presentes, durando apenas uma hora ou menos.

Ainda sobre o luto em tempos de pandemia da COVID-19, o autor esclarece foram surgindo novos modos de se despedir dos entes queridos; em alguns lugares, estão sendo organizados os chamados ‘velórios virtuais’, orações por aplicativo e grupos de apoio online: o ‘novo’ luto durante a pandemia como um modo de aproximar afetivamente as pessoas e permitir a despedida (GIAMATTEY *et al*, 2021, p.3). No relato três participantes, percebemos a ausência de velório. Ambas foram unânimes em narrar que os falecidos foram levados diretos do hospital para funerária e cemitério.

Sobre os impactos da pandemia da COVID-19 nos rituais de luto Giamatthey *et al*, (2021) a pandemia veio de uma forma avassaladora, atropelando a organização e realização dos rituais funerários e de despedidas das famílias e seus desdobramentos: funeral, cremação, sepultamento, luto. Exemplo disso observamos na abertura de valas comuns nas cidades mais impactadas pela pandemia devido à incapacidade dos serviços funerários de atenderem o alto número de óbitos em curto tempo causados pela COVID-19, gerando assim um cenário de enterros coletivos a céu aberto. Além de que, pontua os autores, nas cidades onde o serviço funerário ainda tem capacidade de atender às demandas de enterros e velórios, a facilidade do contágio pelo vírus impossibilitou que esses eventos ocorressem com mais de dez pessoas presentes, durando apenas uma hora ou menos. Ainda, segundo os autores, foram surgindo novos modos de se despedir dos entes queridos; em alguns lugares, estão sendo organizados os chamados ‘velórios virtuais’, orações por aplicativo e grupos de apoio online: o ‘novo’ luto durante a pandemia como um modo de aproximar afetivamente as pessoas e permitir a despedida.

Segundo Teixeira e Martins (2021) as informações cotidianas da pandemia e dos seus impactos com relação à gestão da morte produzem inquietações que merecem ser submetidas ao olhar acadêmico, visto que as transformações nos rituais e práticas fúnebres no Brasil produzem consequências nas dinâmicas socioespaciais que nos instiga a discutir e analisar. De acordo com o autor,

Homenagear e demonstrar carinho e apreço por um familiar ou amigo morto faz parte de diversas culturas. São vários os hábitos e os rituais simbólicos para lidar com a morte do ente falecido, os quais estão perdendo valor no contexto da pandemia atual. Dentre alguns, destacam-se, no caso da cultura brasileira, as homenagens póstumas; leituras de mensagens e discursos no velório cujas visitas intermitentes podem durar toda uma noite, como se fosse uma vigília com rezas/orações e momentos de choro e de despedida no ambiente residencial ou em capelas mortuárias, onde a família do morto oferece lanche ou pelo menos água, café e biscoitos; presentear o falecido com coroa de flores também é parte do costume. No enterro (comumente em cidades pequenas do interior) ainda ocorrem carreatas acompanhando o falecido seguindo o carro da funerária (quando é o caso); dentro do cemitério, percorrendo estreitas alamedas ou caminhos, vizinhos, conhecidos, amigos e familiares acompanham o caixão até que o mesmo seja baixado na cova; se forma um cortejo envolto em muita tristeza e, às vezes, grande comoção. Há, ainda, a missa de corpo presente e o luto de

forma geral que, nos dias atuais, tem sido abafado, contido, o que não vem sem traumas, sofrimento. De modo geral, esses rituais compõem parte da sociabilidade (TEIXEIRA E MARTINS, 2021, p. 210).

A falta dos rituais fúnebres retarda a superação do luto, pois segundo Giamattey *et al*, (2021), são esses rituais que espaços potentes para a elaboração da perda, contribuindo para o bem-estar psíquico, pois, mesmo sofrendo com a perda, o ritual auxilia na organização psíquica da vida sem o ente querido.

#### e) O enterro

ÁRVORE relatou que o enterro do marido foi muito rápido, não durando mais que dez minutos, onde os familiares e um pequeno grupo de amigos puderam acompanhar de longe, ela se lamentou pelo fato de que não pode oferecer um enterro digno a ele. Da mesma forma aconteceu com ONÇA, que também nos relatou um ritual às pressas e quase sem expectadores, que lhe trouxe insatisfação. Por outro lado, FORTALEZA relatou que, embora não tenha tido velório, tanto do esposo quanto da filha, o cortejo de ambos foi marcado por um grande número de pessoas, fato que ocorreu devido o tempo em que residem na cidade e pela profissão que o esposo exercia, fizeram bastante amigos, nesse ponto, retomemos a Pacheco (2011), quando diz que os símbolos permitem movimentar energias psíquicas e os transforma em novas cargas de expressos semelhantes.

Embora os familiares de FORTALEZA tenham falecido no auge da pandemia da COVID-19, nos dias 15 e 16 de setembro de 2020, chama atenção o fato de que, segundo seus relatos, várias pessoas acompanharam o cortejo, mesmo não sendo possível uma maior aproximação com falecido. Sobre essa peculiaridade que fugia às regras impostas pela Pandemia, FORTALEZA explicou que o fato se deu pelo fato de ser ela e o esposo pioneiros de Palmas - TO, portanto, bastante conhecido e pelo trabalho exercido por muito tempo por ele, o de construtor. O sepultamento dos familiares das outras participantes seguiu os protocolos adotados no período, sendo reservado apenas à família.

Sabe-se que os rituais de despedida são organizadores, importantes para um processo de luto normal dos indivíduos e o impedimento de viver esse momento pode trazer intensos sentimentos de raiva, horror, choque que são somados a uma experiência de luto na comunidade, não apenas restrito ao âmbito familiar ou social mais próximo, aumentando o risco de luto complicado e de retomada de investimento nas situações necessárias para o enfrentamento da vida. É necessário desenvolver ou estimular junto aos enlutados, uma possibilidade de ritualizar e dar significado ao que estão enfrentando (BRASIL, 2021, p.4).

Segundo com esse mesmo documento, (BRASIL, 2021) de modo geral, a recomendação para os rituais fúnebres é que ocorram velórios com poucas pessoas, ou seja, apenas as pessoas

mais próximas ao falecido; que o sepultamento seja feito com caixão lacrado, que não haja procedimento de tanatopraxia (limpeza, tratamento e maquiagem do corpo para o velório) e que, após o velório de, no máximo 1 hora de duração, o corpo seja cremado.

As narrativas sobre o enterro vislumbram a importância que é dada pela sociedade aos rituais fúnebres. Ao mesmo tempo em que observamos um certo consolo em FORTALEZA pelo grande número de pessoas que acompanharam o enterro do esposo e filha, o mesmo não pode ser visto nos relatos de ÁRVORE e ONÇA, o que nos remete a Giamattey (2021) quando afirma que o ritual auxilia na organização psíquica da vida sem o ente querido.

Cada sujeito tem uma forma diferente de manifestar e comunicar seus sentimentos diante do luto. Sendo momento “um processo natural de resposta a um rompimento de vínculo mediante a perda de alguém ou algo significativo para a vida”, conforme Giamattey *et al* (2021), é natural que seu extravasamento seja revestido de singularidade. Nos relatos de ÁRVORE percebemos que houve um recolhimento de sua parte, uma fuga de qualquer situação que a convidasse a falar sobre o esposo. Inicialmente, ela fez uso das redes sociais onde postava fotos e vídeos de momentos vivenciados com o marido. Esse espaço também era utilizado para a escrita de pequenas frases de carinho. Com o tempo, teve a consciência de que tal atitude não trazia qualquer contribuição para o enfrentamento do luto e abandonou as redes sociais, mas continuou em seu isolamento. Em seus relatos, percebemos um alto grau de negação, pois ela prefere acreditar que o esposo esteja em viagem.

Sobre o processo de vivência do luto Gomes (2022) em sua dissertação de Mestrado intitulada *A Comunicação da dor do luto perinatal no Instagram*, abordou a questão do luto em decorrência do falecimento de crianças. Segundo a autora, o instagram foi o espaço privilegiado por essas mães enlutadas que fizeram uso dessa rede social “reivindicando espaço para falar de seus sentimentos, da perda e do filho que existiu e existe no coração” (GOMES, 2022, p.32).

Para a autora:

Nesse contexto, é válido destacar que as redes sociais, para além da exibição de momentos alegres e fotos bem-produzidas, abrem espaço para o relato de perdas e luto, tornando-se um ponto de encontro para muitos enlutados socializarem a dor, expondo-a ao olhar alheio (GOMES, 2022, p.41).

Nesse ponto, achamos oportuno lembrar um fato ocorrido recentemente, a morte de Erasmo Carlos em 22 de novembro de 2022, evento que bem exemplifica a questão do enfrentamento do luto. A revista Istoé, edição de 14 de dezembro de 2022, traz uma matéria em que põe em evidência o desabafo da viúva do cantor no *Instagram*, do qual reproduziremos abaixo:

*“Dei uma estagnada esta semana. Alguém talvez diga que é uma fase do luto. Afinal, quantas fases tem essa porcaria? Onde fica a fase do chefão? Será que passar de fase nesse jogo é bom ou ruim? Quantas vidas ainda tenho? Bom, tanto faz, o que sei é que a cabeça de viúva é uma coisa muito louca... esqueci muitas coisas das últimas semanas com esse misto de tristeza, tormento, fim... bom, não sei se é normal, amor, mas estou concluindo que é comum. Ontem e hoje foram os piores dias, não precisei tanto de você quanto ontem e hoje. Tudo tem sido motivo de lágrimas e sinônimo de angústia”, escreveu Fernanda.*

*“A morte nunca foi um tabu nas nossas conversas, aliás, nada era um tabu para nós, mas acho que não demos a devida atenção ao assunto. Amor, a morte precisa ser explorada e conversada sem medo para o bem de todos, a gente precisa falar da própria morte, da morte do outro, comentar as mortes sem receios religiosos, sem ver como pecado ou mau agouro. O que é inevitável precisa ser tratado de frente, porque as dívidas que ficam não são pequenas”, seguiu.*

*“A gente precisa parar de tratar a morte por apelidos. Nunca vi alguém deixar de morrer por não ter falado de morte, mas sei que é o destino de todo mundo, inclusive de quem não fala. Naturalizar a morte ajuda a gente a lidar com esse desafio apenas com o sofrimento necessário. Esse não é o meu caso, amor. Peguei a cota de sofrimento de muitas pessoas... espero que você desculpe os devaneios da sua viúva e continue me amando”.*

Como percebemos a viúva de Erasmo Carlos buscou alento nas redes sociais, espaço em que utilizou para comunicar seu sofrimento diante do luto. Entretanto, cada sujeito tem uma maneira de se comportar diante do luto, no caso de ONÇA se observa uma recusa em falar do assunto.

*Eu não procuro falar muito, procuro guardar pra mim. Em eventos de família, principalmente da dele, eu evito ir porque tudo vão falar nele. Eu procuro não estar presente em locais que vai me trazer lembranças dele. Procuro lembrar dos momentos bons [...] prefiro não falar, não ficar recordando. Falar do meu pai é muito difícil.*

Por outro lado, FORTALEZA não sentiu dificuldade em falar do esposo e da filha. Seus relatos dão conta de que está sempre lembrando das pessoas que perderam para COVID-19, é uma maneira de mantê-los vivos tanto na sua memória quanto das demais pessoas que os amava. A falta do ritual do luto no contexto da Pandemia da COVID-19 fez oposição ao pensamento de Freud (1957) *apud* Sá (2010), quando diz que a recuperação da perda, ou seja, a superação, exija que se viva o luto.

Retomemos a Worden (1998) quando lista as categorias no processo de luto normal, dividindo-as em:

- Sentimentos: tristeza, raiva, culpa, ansiedade, solidão, fadiga, desamparo, choque, anseio, emancipação, alívio e estarecimento;

- Sensações físicas: vazio no estômago, aperto no peito, nó na garganta, hipersensibilidade ao barulho, sensação de despersonalização, falta de ar (respiração curta), fraqueza muscular, falta de energia e boca seca;
- Cognições: descrença, confusão, preocupação, sensação de presença e alucinações;
- Comportamentos: distúrbios de sono, distúrbios do apetite, comportamento aéreo, isolamento social, sonhos com a pessoa que morreu, evitar lembranças do falecido, procurar e chamar pela pessoa, suspiros, hiperatividade, choro, visitar lugares e carregar objetos que lembrem o falecido.

Todos esses elementos formam observados na trajetória das participantes no processo de enfrentamento do luto, embora em tempos e intensidade diferente, tendo em vista que o luto não se manifesta de forma padronizada para cada indivíduo.

### **5.3 Costurando retalhos de perda: a busca pela ressignificação**

Esse terceiro e último eixo de análise acompanham os passos das participantes em busca da ressignificação. Para o iniciarmos a discussão sobre os relatos das participantes no que diz respeito a ressignificação, retomemos a Luna e Moré (2017) que perceberam o processo de luto como uma busca por significados no relacionamento com a pessoa que morreu e também por atribuir significado às novas experiências e situações vivenciadas a partir da perda. As colocações dos autores são evidentes nas falas das participantes, pois percebemos que ambas buscam amparo em algo para seguir diante do luto.

Nesse sentido, os relatos de ÁRVORE nos fazem perceber que ela depositou sua necessidade de se manter firme na figura do filho. Por outro lado, FORTALEZA buscou amparo na fé. E ONÇA precisou se manter forte, pois sabia que a mãe precisava dela. Isso nos faz perceber que o luto exige a adoção de novos rumos que, de uma forma ou de outra, aos poucos, vão abrindo horizontes para que possamos compreender a necessidade da busca por uma ressignificação.

Sobre o processo de ressignificação, Strauch (2017, p. 2), afirma que:

[...] é inevitável revisitar nossa própria história, os momentos de luto, dor e perdas vivenciados em diferentes épocas, dimensões e sentidos - experiências de vida que significam alguma forma de enlutamento, situações de despedida, mudança ou saudade. O luto é uma reação natural à privação do convívio de alguém ou de algo significativo. Em alguns casos, no entanto, ele se torna "cristalizador" de papéis, "imobilizador", "estagnador", tornando-se necessário o apoio psicológico para que a espontaneidade e a criatividade voltem a fluir nas múltiplas funções desempenhadas. Assim, é preciso refletir sobre "Quem/O quê", "Quando", "Onde" e "Como" foi a perda, lembrando os sentimentos presentes à época do fato vivido. Em seguida, vem um "Por quê", na busca de certezas que nunca serão alcançadas, e o que nos resta é descobrir estratégias possíveis de como seguir adiante.

Ressignificar é transformar algo que nos traz sofrimento em possibilidades de se conhecer novas e construtivas experiências. No que diz respeito ao luto, observamos algo de positivo nas falas das participantes, principalmente nos relatos de FORTALEZA, quando ela diz que “*a partir daí nos juntamos mais*”, se referindo a relação com os dois filhos.

A partir das narrativas, foi possível associar cada participante com o arquétipo da identificação pelas quais indicaram, onde presenciamos, pelos seus relatos, um grau de aproximação. Os arquétipos são imagens que se pode atribuir a algum ser a partir de suas características subjetivas e objetivas. Construímos esse modelo ao qual atribuímos a cada participante a partir de suas narrativas e comportamentos durante a entrevista.

O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo - representações que podem ter inúmeras variações de detalhes - sem perder a sua configuração original. Existem, por exemplo, muitas representações do motivo irmãos inimigos, mas o motivo em si conserva-se o mesmo. Meus críticos supuseram, erradamente, que eu desejava referir-me a ‘representações herdadas’ e, em consequência, rejeitaram a ideia do arquétipo como se fosse apenas uma superstição. Não levaram em conta o fato de que se os arquétipos fossem representações originadas em nossa consciência (ou adquiridas por ela) nós certamente os compreenderíamos, em lugar de nos confundirmos e espantarmos quando se apresentam. O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias. (Jung, 2008, p. 67).

Os arquétipos são representações simbólicas as quais atribuímos a pessoas de acordo com diversos fatores dentre eles citamos a personalidade, os desejos, a forma como encara os desafios e demais comportamento que o caracteriza. Com base nesses pressupostos, as participantes deste estudo, a partir de suas narrativas, foram identificadas por arquétipos, conforme demonstrado a seguir:

Quadro 7 - Arquétipos de identificação das participantes

Participante	Significado do arquétipo
ÁRVORE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Simboliza crescente</li> <li>• Perseverança</li> <li>• Busca por resultados</li> <li>• Conexão entre o mundo físico e espiritual</li> </ul>
FORTALEZA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Força</li> <li>• Durabilidade</li> <li>• Intransponível</li> <li>• Forte</li> </ul>
ONÇA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Garra</li> <li>• Força</li> <li>• Independência</li> <li>• Autoconfiança</li> <li>• Autossuficiência</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023), com base nos estudos de Vogeler (2015)

O processo de ressignificação também esteve presente nos relatos de ÁRVORE quando disse que precisaria seguir em frente, pois tinha um filho para cuidar. E, ONÇA, na necessidade de contribuir com a mãe. Relembrando Kubler-Ross (1982) *apud* Macedo (2004), quando nos ensina que apesar de ser uma experiência dolorosa, é possível que se produzam sentidos a partir dela. Nesse sentido,

Entende-se, pois, a importância de compreender esse processo, atemporal e singular, dado que cada pessoa lida com o luto de um jeito diferente e em seu tempo. Assim como entende-se que ressignificar as memórias ligadas ao ente perdido é um percurso delicado (Kubler-Ross, 1982 *apud* Macedo, 2004, p. 128)

Esse olhar nos permitiu sinalizar para a dificuldade do enlutado seguir adiante, pois o autor ainda considera o processo de resolução/elaboração do luto como um caminho complexo. Novamente retomemos a Kubler-Ross (1982) *apud* Macedo (2004), quando nos ensina sobre as fases do luto as quais reconstituímos resumidamente:

- **Negação:** momento de uma dor intensa, no qual o enlutado se nega a falar sobre o assunto;
- **Raiva:** momento onde os sentimentos do enlutado se volta para a revolta diante da situação, pois percebe a impossibilidade de reversão da perda.
- **Negociação:** momento em que o enlutado passa a negociar consigo mesmo perante a inversibilidade da situação e, passa a se conforta a partir de suas crenças religiosas;
- **Depressão:** momento mais doloroso do luto, pois o enlutado se isola e evita abordar sobre o assunto e evitar qualquer ação ou objeto que lhe remete ao ente querido que se fora;
- **Aceitação:** momento em que o enlutado compreende a realidade e o desespero, dor e sofrimento dão lugar a aceitação da perda.

As participantes, em seus relatos demonstraram que as fases do luto não ocorrem de forma linear, podendo até mesmo ocorrer duas fases simultâneas, é o caso de ÁRVORE e FORTALEZA, ou estagnar em uma delas, como ocorreu com ONÇA.

A partir da análise dos relatos das participantes e nos amparando nos ensinamentos de Kubler-Ross (1982) *apud* Macedo (2004), vislumbramos a fase do luto em que cada uma se encontra, conforme se expõe no quadro abaixo:

Quadro 8 - Fase do luto em que se encontram os sujeitos da pesquisa.

Participante	Fase do luto
ÁRVORE	Depressão/Aceitação
FORTALEZA	Raiva/Aceitação
ONÇA	Negação

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Nesse ponto, chamamos a atenção para a importância das narrativas de pessoas enlutadas, entendendo, esse processo, como um exercício de ajuntamento dos retalhos da perda, pois,

E, entendendo como é difícil dinamicamente passar por uma experiência de luto, em tempos em que não se fala sobre dores, nada mais justo do que falar com uma pessoa que tenha passado por isso, ou falar consigo mesmo, pois sabemos que, para a psicanálise, a palavra é poderosa e através dela construímos nosso mundo (KUBLER-ROSS, 1982 *apud* Macedo, 2004, p. 153).

Nesse sentido, além de se buscar um motivo, para a partir dele se manter firme na caminhada pós-luto, as interações com outros sujeitos que vivenciaram e superaram situações semelhantes, permite ao enlutado elaborar conexões com o passado-presente-futuro, sendo esta formatação, uma ferramenta importante na busca pela resignificação, pois como lecionou Manttia (2000) *apud* Sá (2010), a organização das narrativas confere sentido, permitindo, assim, a organização de experiências diversificadas. Esse olhar nos levou aos seguintes entendimentos:

a) As narrativas do luto decorrente da pandemia da COVID-19 são permeadas de *idas e voltas*, não obedecendo uma linearidade, pois são relatos que extravasam os mais diversos sentimentos de forma introspectiva;

b) O processo de resignificação do luto decorrente da pandemia da COVID-19 é afetado não somente pela ausência dos relacionamentos antes construídos com o sujeito falecido, mas também pela negação dos rituais fúnebres nos moldes como se encontram estabelecido, fato que causa uma desaceleração no processo de superação do luto;

c) As consequências do luto na vida das participantes trouxeram grandes impactos em suas relações sociais, tanto positivos como se aproximar mais dos familiares quanto negativos como o isolamento, advindo da dificuldade de sua superação.

Todas as participantes, ao seu modo, mesmo inconscientemente, conforme podemos vislumbrar em suas narrativas, não se sucumbiram diante dos obstáculos. FORTALEZA encontrou apoio na fé. ÁRVORE, inicialmente frequentou um grupo de viúvas enlutadas. E ONÇA buscou amparo na proximidade com a mãe. A pré-disposição em contar essas histórias e a forma de contar, diz muito sobre o processo de superação da perda pelo enlutado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escutar, transcrever e analisar as narrativas do luto frente à pandemia da COVID-19 nos levou ao entendimento de que para a vivência do luto, embora seja uma realidade consciente de todos os sujeitos, não é possível estarmos preparados diante de sua concretização. Notamos pela lente das participantes, através de seus relatos, que não existe um modelo pronto que amenize o sofrimento diante de uma perda de tamanha dimensão, como o caso de uma pessoa que faz parte do nosso cotidiano.

Comprendemos que o luto advindo da pandemia da COVID-19 trouxe outras barreiras, até então, jamais vivenciadas, pois, devido aos protocolos de saúde, não era permitido a realização de velório. Sabemos que o velório faz parte de praticamente todas as culturas, embora cada uma se vale de rituais diferentes, associam a cores distintas, rezam ou cantam, choram ou caem em gargalhadas, mas não se pode fugir de que todas as formas de despedidas do seu ente querido significam um ritual de passagem. No auge da pandemia, essa cultura foi quebrada. E essa ruptura, até então inimaginável em nossa sociedade, contribuiu para que as fases do luto enfrentado pelas participantes fossem prolongadas, ou ao menos, que as submergiram em tantos outros conflitos, que do contrário, talvez jamais teriam conhecido.

Não é por outra razão, que embora os levantamentos realizados se revestiram com o objetivo de compor uma pesquisa acadêmica, tivemos a sensibilidade de nos colocar como um canal de escuta, onde as participantes pudessem extravasar seus sentimentos e percepções diante de uma perda repentina e que, pelo motivo como se deu, ganharam um novo *script*. E, assim, elas não desperdiçaram a oportunidade. Em determinados momentos, tivemos a impressão que estivéssemos diante de uma escuta clínica, tamanha foi a disposição das participantes em falar sobre o processo de luto, que pelo curto período em que se deu, ainda que, em maior ou menor grau, lutam para ressignificação.

Essa era uma preocupação constante, em não confundir as duas condições: a de pesquisador-clínico, com a de clínico-pesquisador. Isso equivale dizer que, enquanto profissional da área de psicologia, não havia espaço (e tempo suficiente) para ser um clínico-pesquisador, mas como o arcabouço de conhecimentos da psicologia me vi como um pesquisador-clínico, com um olhar atento para o fenômeno do luto na vida das participantes. Nessa trajetória, nos debruçamos também em entender como ocorre a construção das narrativas do luto no contexto da pandemia da COVID-19, identificando como as participantes utilizam esses elementos na busca pela ressignificação. Foi preciso, nessa perspectiva, voltar nosso olhar para o campo da comunicação, tentar fazer essa conexão entre o que foi levantado e os recursos

utilizados pelas participantes para extravasar seus sentimentos. A comunicação, tal como a entendemos, não só opera como campo informacional, ou como possibilidade da expressão dos sentimentos, mas como campo de criação e da esperança. Nesse sentido, esta dissertação abre possibilidades para futuras pesquisas na interfase entre comunicação, estudos sociais, psicologia, estudos da subjetividade e psicanálise.

Destarte, ao narrar a experiência do luto na pandemia das três participantes compreendemos que falar sobre o processo de luto pode ser um bálsamo para quem se encontra submerso nesse pântano. Essa iniciativa serve para que o enlutado revise seu histórico com o ser ausente e, nesse processo, seja capaz de juntar os retalhos que ficam depois de uma separação ocasionada pela morte. Sentimos essa necessidade e, ao mesmo tempo, defendemos a implantação, pelo poder público, de canais de escuta, que ofereçam respaldo às pessoas em processo de luto, ainda mais quando percebemos que a pandemia da COVID 19 ainda teima em surpreender, tirando, repentinamente, nossos entes queridos. Doravante, a morte é uma realidade, que nos defronta diuturnamente, de várias formas, de muitas direções. Por mais que queremos, é impossível não nos depararmos com ela. Talvez, essa seja a principal razão de se dispensar uma atenção para essa problemática, pois dependendo da forma como um sujeito lida com o luto, ele pode se acarretar em patologias, principalmente, no que diz respeito a saúde mental.

Nessa busca de trazer contribuições para o enfrentamento do luto, quando da apresentação dos resultados e, principalmente, na discussão e análise dos dados, optamos pela utilização de arquétipos e alegorias. Desta forma, identificamos as narrativas usadas pelas participantes na busca pela ressignificação. Uma ÁRVORE, um muro de FORTALEZA ou rugido de uma ONÇA, foram recursos de que lançamos mão intencionalmente, não para criar suspenses, mas, sobretudo, no intuito de melhor levar a compreensão dos fatos narrados.

E, os fatos narrados, pelo menos na nossa concepção, apontaram para o entendimento de que o vínculo que mantemos com o falecido, faz parte do nosso processo de reconstrução. Sim, o luto é na verdade o fim e, ao mesmo tempo, um recomeço. É o (re) florescer de uma árvore. A (re) construção de um muro. Ou a transição de um rugido triste de uma onça, para um outro, que emite alegria. O uso dessas metáforas nas narrativas de luto na pandemia da COVID-19 deu uma certa leveza ao fardo que colocamos sobre nossas costas ao tratar de um assunto de tão complexo, mas que nos permitiu compreender o paradoxo advindo da consequência do luto na vida das colaboradoras desta pesquisa.

Não foi só isso. Compreendemos, também que, o encerramento de um ciclo exige de cada um de nós um constante repensar, adaptações, reflexões e predisposição para nos

lançarmos na mudança do roteiro nosso individual e, a partir disso, continuar nossas histórias, sem o personagem que outrora fazia parte dos nossos enredos. O período de pandemia da COVID-19, embora triste e que nos trouxe muitos sofrimentos, não deixou de nos presentear com inúmeras oportunidades de autoconhecimento.

Não podemos esquecer de mencionar que os diversos teóricos utilizados foram primordiais para compreendermos os dados levantados. Tanto os autores que discorreram sobre o luto nas circunstâncias habituais quanto aqueles que se encarregam desse fenômeno especificamente ocasionado pela COVID 19 elucidaram diversas dúvidas que levantamos durante o processo de análise das respostas das participantes. Esse último, embora a pandemia seja um fato recente, já apresenta um vasto acervo de pesquisas, o que corrobora a importância e pertinência de se olhar para essa problemática e, mais que isso, oferecer contribuições relevantes que sirva de parâmetros, não somente para novas empreitadas acadêmicas, mas, sobretudo, para os embates cotidianos que se defrontam a partir do momento em que nos deparamos com a realidade do luto.

Com a obrigação de atender aos ditames de uma pesquisa acadêmica, ou seja, de responder aos objetivos propostos, descrevemos e analisamos as narrativas de sujeitos que perderam familiares próximos para o novo Coronavírus entre 2020 e 2022. Também não negligenciamos desnudar as formas utilizadas pelas participantes para desabafar sobre o luto em que estava vivenciando. Constatamos que apenas uma se utilizou das redes sociais para fazer essa ponte, entre o que sentia o mundo exterior. A segunda, talvez pela idade e pouca familiarização com tecnologias preferiu o embate físico com amigos e parentes, situações em que falava sobre as perdas, de filha e marido, quase que simultaneamente. E, a terceira, preferiu se recolher, evitar falar sobre o assunto, ou expor sua condição diante da tela fria de um computador ou celular.

Em tempo, respondendo ao questionamento levantado no problema desta pesquisa, afirmamos que cada sujeito tem uma percepção singular diante do luto, embora não esteja imune a convergências, fator que torna peculiar os passos de ressignificação de cada indivíduo. Percebemos que a ruptura repentina ocasionada pela COVID 19 com seus entes queridos traz um entrave a esse processo — o de ressignificação após o luto. Nesse sentido, o luto foi compreendido, nessa perspectiva, como um divisor de águas, dando a possibilidade de se colocar no quadro de fotos um antes e um depois, esse, talvez, seja o ponto mais nítido de semelhanças entre as formas como cada participante adotou para o enfrentamento do luto. As diferenças, deixamos que suas próprias palavras revelem. Assim, *“prefiro acreditar que ele esteja viajando”*, conforme desabafou ÁRVORE, sobre a perda do marido. Por sua vez,

FORTALEZA crê que tudo que aconteceu “*foi a vontade de Deus*”. E ONÇA, prefere não [...] *não ficar recordando. Falar do meu pai me traz muito sofrimento*”.

Como todo estudo científico, este também teve limites e dificuldades. O primeiro diz respeito aos limites impostos por questões externas, como a da aceitação dos sujeitos em participar das entrevistas, pois inicialmente convidamos cinco participantes, das quais, apenas três se dispuseram a contribuir com este estudo. Aliado a esse entrave, nos deparamos, também, com outro imposto pelo próprio período pandêmico vivenciado na universidade, que nos levou a lidar com um tema tão complexo, limitando o contato físico com professores e com os orientadores, pois as atividades do Mestrado tiveram que se adaptar a essa nova realidade, se materializando, através de atividades remotas. Sim, sou um mestrando da pandemia!

No que diz respeito à localização de participantes é oportuno apontar que houve dificuldades nesse sentido, tendo em vista que, o desenrolar desta pesquisa se deu em final de ano. Nesse sentido, busquei por participantes na comunidade onde atuo como pároco o que, contribuiu para minimizar os percalços iniciais na busca por participantes.

Mesmo com todas essas dificuldades, foi possível chegar a esse resultado, embora percebemos lacunas deixadas no decorrer de nossa trajetória. A título de sugestões para pesquisas futuras, seria importante escutar o olhar masculino para o luto, pois nessa pesquisa teve como figuras centrais três mulheres, cujos relatos de suas narrativas sobre o luto em tempos de pandemia nos levaram a refletir sobre a busca pela resignificação após uma ruptura ocasionada pela morte. Como seria, então, a percepção vislumbrada, se os sujeitos dessa pesquisa fizessem parte do universo masculino? Isso ocasionaria alguma diferença no processo de vivência do luto? Outra sugestão de pesquisa futura é sobre o impacto do luto nos ambientes de trabalho, organizações que perderam seus trabalhadores e, como os demais colegas de trabalho vivenciaram o processo. Fica, também, a partir deste estudo, sugestões para pesquisas futuras sobre o impacto do não velório e o desaparecimentos dos rituais fúnebres na Pandemia da COVID-19.

Conhecer as experiências de outros indivíduos no enfrentamento do luto pode ser um alento para quem passa por esse momento, embora reconhecemos que não é possível uma receita pronta, pois os sujeitos não são iguais e, assim, diferentes são suas reações diante da morte. No entanto, acreditamos que seja observando o (re) florescimento de uma ÁRVORE, contando os tijolos de uma muralha de FORTALEZA ou mesmo escutando os rugidos de uma ONÇA, é possível tirarmos lições importantes para adaptá-las, se for o caso, para quando nos depararmos com o inevitável momento do luto. Esse assunto nos leva a outras discussões que

não foram contempladas nessa dissertação, viés que pode servir de apontamentos para novos estudos.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ana; PINTO, Marta; DUARTE, Raquel. Grief and mourning during the COVID-19 pandemic in Portugal. **Acta Medica Portuguesa**, n. 33, v. 9, p. 543-545, 2020. Disponível em: <https://actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/14345>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

AMARAL, Natália Dantas. Luto em decorrência da morte do genitor pela COVID-19: estudo com contribuições da Psicologia Analítico.

<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-29032022-154141/pt-br.php>>, acesso: 18 jan. 2023.

BRASIL. **Protocolo Clínico do Governo do Pernambuco**.

//efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://paraiba.pb.gov.br/diretas/saude/>, acesso em: 12 de fev. De 2023.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. CNS, 2012.

\_\_\_\_\_. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia da COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19**. 2021. Disponível em:

<<file:///C:/Users/denilsoncosta/Downloads/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>>, acesso em: 16 de fev. de 2023.

BAKHURST, Davi; SHANKER, Stuart G. **Jerome Bruner: Language, Culture, Self**. Londres: SAGE, 2001.

BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Arned, 1997.

BOELEN, Paul A.; LENFERINK, Lonneke. I. M. Comparison of six proposed diagnostic criteria sets for disturbed grief. **Psychiatry Research**., v. 285, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32000105/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

BONANNO George A. Loss, trauma and human resilience: Have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events. **American Psychologist**, v 59, n. 01, p.:20-28, 2004. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0003-066X.59.1.20>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BONANNO, George A. Resilience in the face of potential trauma. **Psychological Science**, v. 14, n. 3, p. 135-138, 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.0963-7214.2005.00347>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BOWEN, Murray. A reação da família à morte. In: WALSH, Froma; MCGOLDRICK, Monica. **Morte na família: sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 105-117.

BOWLBY, John. **Apego, Perda e Separação**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BROMBERG, Maria Helena P. F. **A psicoterapia em situações de luto**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

BROWN, Ana C. *et al.* Implications of parental suicide and violent death for promotion of resilience of parentally-bereaved children. **Death Studies**, v. 31, n. 4, p. 301-335, 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07481180601187092>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRUNER, Jerome. **Actos de Significado: por uma psicologia cultural**. Lisboa: Edições 70, 1997.

CAO, Wenjun. *et. al.*. The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China. **Psychiatry Research**, v. 287, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165178120305400?via%3Dihub>. Acesso em: 15 abr. 2022.

CASTILHO, Euclides Ayres; KALIL Jorge. **Ética e pesquisa médica: princípios, diretrizes e regulamentações**. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 38, n. 4, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/GZy9PjftnYchjHYc3tW6fwt/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CASTLE, Jason; PHILLIPS, Willian. Grief rituals: aspects that facilitate adjustment to bereavement. **Journal of Loss and Trauma**, v. 41, n. 8, p. 41-71, 2003. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15325020305876>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CAYCHO-RODRÍGUEZ, Tomás *Et al.* COVID-19 bereavement in Ten Latin American countries: measurement invariance of the pandemic grief scale and its relation to suicidal ideation. **OMEGA-Journal of Death and Dying**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00302228211048566>. Acesso em: 15 mar. 2022.

COSTANTINI, Massimo *et. al.* Response and role of palliative care during the COVID-19 pandemic: a national impact survey of hospices in Italy. **Palliative Medicine**, v. 34, n. 7, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0269216320920780>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CORONAVÍRUS//BRASIL. Painel Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 31 out. 2022.

CREPALDI, Maria Aparecida *et. al.* **Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas**. **Estudos de Psicologia** v. 37, e200090, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfncxMXwrbCtWSxJKwBkm/?lang=pt>. Acesso em: 25 mai. 2022.

DANTAS, Clarissa Rosalmeida *Et al.* **O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia**. **Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SgtgR9xSwqBSYjr5Mm3WSwG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 mai. 2022.

DESAI, Sanjay V.; LAW, Tyler J.; NEEDHAM, Dale M. **Long-term complications of critical care**. *Critical Care Medicine*, v. 39, n. 2, p. :371-379, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20959786/>. Acesso em: 22 mai. 2022.

EISMA, Maarten C. *et. al.* **Complicated grief and posttraumatic stress symptom profiles in bereaved earthquake survivors: a latent class analysis.** *European Journal Psychotraumatology*, v. 10, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/20008198.2018.1558707>. Acesso em: 15 jul. 2022.

EISMA, Maarten C.; BOELEN, Paul A.; LENFERINK, Lonnek. Prolonged grief disorder following the Coronavirus (COVID-19) pandemic. *Psychiatry research*, v. 288, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165178120309847?via%3Dihub>. 20 set. 2022.

FARIA, Aline Ferreira de. **Dos silêncios do luto à comunicação: um olhar sobre a exposição do sofrimento de mães que perderam os filhos.** 2017. 193 f. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CRUZ\\_aac75dfbf3d04e2c3c10c1a2cba0b614](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CRUZ_aac75dfbf3d04e2c3c10c1a2cba0b614). Acesso em: 20 jul. 2022.

FERGUSON, Neil; *et. al.* **Report 9: mpacto f Non-Pharmaceutical Interventions (NPIs) to reduce COVID19 mortality and healthcare demand.** London: Imperial College, 2020. Disponível em: <https://www.imperial.ac.uk/mrc-global-infectious-disease-analysis/covid-19/report-9-impact-of-npis-on-covid-19/>. Acesso em: 10 set. 2022.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa.** Porto Alegre: Artmed, 2012.

GIAMATTEY, Maria Eduarda padilha *et al.* **Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações.** 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zGDv9BZ6Lc44fxJFBbz8ktC/?lang=pt&format=pdf>, acesso em: 19 de jan. 2023.

JUNG, C. G. (2008). **O Homem e seus Símbolos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de Pesquisas.** São Paulo: Atlas, 2012.

GOMES, Rannatricia Sampaio; RODRIGUES, Jefferson da Silva; SILVA NETO, Luiz **Gomes da.** Luto e necropolítica: possíveis impactos na saúde mental da população pobre na pandemia. *Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências*, v. 5, n. 1, 2022. Disponível em: <https://riec.univs.edu.br/index.php/riec/article/view/242>. Acesso em: 10 set. 2022.

GOMES, Janete Monteiro. **A comunicação da dor do luto Perinatal no Instagram.** Dissertação (Mestrado Acadêmico)- Universidade Federal do Tocantins- Campus Universitário de Palmas, UFT, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4326>>, acesso em 19 de Març. 2023.

GONÇALVES, Alexandre Leopoldo. **Um modelo de descoberta de conhecimento baseado na correlação de elementos textuais e expansão vetorial aplicado à engenharia e gestão do conhecimento.** Florianópolis, SC, 2006. 196 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88650/236626.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 set. 2022.

GONÇALVES, Lucimar Vieira Lopes; SOUZA, Maria Dias. **O processo de elaboração de luto das pessoas que perderam familiares no curso da pandemia de COVID-19.**

Guanambi-BA, 2021. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Guanambi. Disponível em:

<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17815>. Acesso em: 15 set. 2022

HAMID, Wasia; JAHANGIR, Mohmad Saleem. Dying, death and mourning amid COVID-19 pandemic in Kashmir: A Qualitative Study. **OMEGA - Journal of Death and Dying**, v. 85,

n. 3, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0030222820953708>.

Acesso em: 15 ago. 2022.

HERNÁNDEZ, Arelis R.; BERMAN, Mark. Grief amid the pandemic: live-streamed

funerals, canceled services and mourning left ‘unfinished’. **The Washington Post**, 23 mar.

2020. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/national/grief-amid-the-pandemic-live-streamed-funerals-canceled-services-and-mourning-left-unfinished/2020/03/23/9201e996-6bdf-11ea-abef-020f086a3fab\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/national/grief-amid-the-pandemic-live-streamed-funerals-canceled-services-and-mourning-left-unfinished/2020/03/23/9201e996-6bdf-11ea-abef-020f086a3fab_story.html).

Acesso em: 10 out. 2022.

HO, Cyrus S.; CHEE, Cornelia Y. I.; HO, Roger CM.. **Mental health strategies to combat the psychological impact of COVID-19 beyond paranoia and panic.** **Annals, Academy of Medicine**, v. 49, n. 1, p. 1-3, 2020. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32200399/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

JOHANNSEN, Maja *et al.* **Psychological interventions for grief in adults: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials.** *Journal Of Affective Disorder*,

v. 253, p. 69–86, 2019. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032718330763?via%3Dihub>.

Acesso em: 10 set. 2022.

KAMENS, Sarah.. Controversial issues for the future DSM-V. **Society for Humanistic Psychology Newsletter**. Disponível em: <http://www.apadivisions.org/division-32/publications/newsletters/humanistic/2010/01/dsm-v.aspx>.

Acesso em: 19 mai. 2022.

KASTENBAUM, Robert. **Psicologia da Morte**. São Paulo: USP, 1983.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte, separação e processo de luto. In: KOVÁCS, Maria Júlia.

**Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 153-169.

LEE, Sherman A.; NEIMEYER, Robert A. Pandemic grief scale: A screening tool for

dysfunctional grief due to a COVID-19 loss. **Death Studies**, v. 46, p. 1–11, 2020. Disponível

em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/07481187.2020.1853885>. Acesso em: 10 set. 2022.

LEVINE, David P. Subjectivity and Mourning. In: LEVINE, David P. **The Capacity for**

**Civic Engagement**. New York: Palgrave Macmillan, , p. 91-103, 2011

LISBÔA, Márcia Lucrecia; CREPALDI, Maria Aparecida. **Ritual de despedida em**

**familiares de pacientes com prognóstico reservado**. *Paidéia*, v. 13, n. 25, p. 97-109, 2003.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/4nL7kbrXkHNPpTF8yLZhtgB/?lang=pt>.

Acesso em: 15 out. 2022.

LINCOLN, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa — teorias e abordagens**. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2006.

LOBB, Elizabeth A. *et al.* **Predictors of complicated grief: a systematic review of empirical studies**. *Death Studies*; v. 34, p. 673–698, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07481187.2010.496686>. Acesso em: 17 set. 2022.

LUCENA, Carlos; PREVITALI, Fabiane; BRETTAS, Anderson. **Trabalho e Educação sob o Corona Vírus no Brasil**. In: LUCENA, Carlos; PREVITALI, Fabiane; BRETTAS, Anderson (Orgs.). **Pandemia Covid-19: a distopia do século XXI**. Uberlândia: Navegando, 2020. p. 123-136. Disponível em: <https://livrandante.com.br/2020/09/24/carlos-lucena-outros-orgs-pandemia-covid-19/>. Acesso em: 12 de ago. 2022.

LUKACHAKI, Karolina Reis dos Santos *et al.* **Luto e COVID-19: alguns aspectos psicológicos**. *Cadernos de Psicologia*, n. 1, 2020. Disponível em: <https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/luto-e-covid-19-alguns-aspectos-psicologicos/>. Acesso em: 20 set. 2022.

LUNA, Ivania Jann; MORÉ, Carmen Ojeda. **Narrativas e processo de reconstrução do significado no luto**. *Revista M*, v. 2, n. 3, p. 152-172, 2017. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/8154>. Acesso em: 25 set. 2022.

MARQUES, Rita de Cassia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. **A pandemia de Covid-19: Interseções e desafios para a história da saúde e do tempo presente**. *Coleção História Do Tempo Presente*, v. 3, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/pandemia-de-covid-19-intersecoes-e-desafios-para-historia-da-saude-e-do-tempo-presente>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MACEDO, João Carlos Gomes Martins de. Elizabeth Kubler- Ross: a necessidade de uma educação para a morte. (Dissertação). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/55602602.pdf>, acesso em> 13 de jan. 2023.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade**. *Parágrafo*, v. 4, n. 1, p. 43-49, 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/download/377/376>. Acesso em: 26 set. 2022.

MAZORRA, Luciana. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto**. 2009. 256 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15837>. Acesso em: 28 out. 2022.

MARCONI, Maria Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MCGOLDRICK, Monica. **Ecos do passado: ajudando as famílias a fazerem o luto de suas perdas**. In: WALSH. Froma; MCGOLDRICK, M. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed, ., p. 76-104, 1998.

MOTA, Ilka de Oliveira; GINACH, Erich Lie. **Os Sentidos Do Luto Na Pandemia De Covid-19 No Brasil. Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 63. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v63i00.8665222>. Acesso em: 28 set. 2022.

MOTA, Tiago Eustáquio Araújo. **Ritos de morte e celebração heróica na Roma de Virgílio: os funerais de palante e a memória de Anquises**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300548999\\_ARQUIVO\\_TextoANPUH\\_NACIONAL-ThiagoEustaquioAraujo.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300548999_ARQUIVO_TextoANPUH_NACIONAL-ThiagoEustaquioAraujo.pdf), acesso em : 19 de Marc. 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

MONTEIRO, Thais Moura. “**Nos passamos por por uns maus bocados**”: análise das narrativas do trabalho dos Serv(i)dores pública Federais. Dissertação (Mestrado Acadêmico) Curso de pós- graduação (Mestrado) em Comunicação e Sociedade. Universidade Federal do Tocantins, UFT, 2018.

NADEAU, Janice Winchester. **Families Making Sense of Death**. Thousand Oaks, CA: Sage. 1998.

OLIVEIRA, Sibeles. **Comoção ou luto coletivo? O que sentimos com notícias de mortes por covid. Viva Bem UOL**, 12 jun. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/06/12/comocao-ou-luto-coletivo-o-que-sentimos-com-noticias-de-mortes-por-covid.htm>. Acesso em: 25 ago. 2022.

ORNELL, Felipe *et al.* “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 42, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>. Acesso em: 28 out. 2022.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

PARKES, Colin Murray. **Amor e Perda: as raízes do luto e suas complicações**. São Paulo: Summus, 2009.

PACHECO, Bernadete. **Memórias, sonhos e símbolos de um processo de luto**. 2011. (Dissertação). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15070/1/Bernadete%20Pacheco.pdf>, acesso em: 21 de jan.2023.

PEREIRA, Jordana de Sousa. **O Trabalho em pauta: a fala das jornalistas sindicalizados no Tocantins**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) Mestrado em Comunicação e Sociedade. Universidade Federal Tocantins, UFT, 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico**. 2 ed. Novo Hamburgo, RS: Freevale, 2013.

PATTISON, Natalie. End-of-life decisions and care in the midst of a global coronavirus (COVID-19) pandemic. **Intensive and Critical Care Nursing**, v. 58, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.iccn.2020.102862>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PRODANOVE, Cleber; FREITAS, Ernani. **Metodologia do Trabalho Científico**. Novo Hamburgo, FEEVALE, 2013.

RANDO, Therese A. **Treatment of complicated mourning**. Illinois: Research Press, 1998.

SÁ, Mônica Alisson Correa de. **Narrativa protótipo do luto na população portuguesa**. 2010. (Dissertação). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/322752925.pdf>, acesso em 20 de jan. 2023.

SCHMIDT, Beatriz *et al.* **Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19)**. **Estudos de Psicologia**, v. 37, e200063, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SHAPIRO, Ester R. **Grief as a family process: a developmental approach to clinical practice**. New York: The Guilford Press, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo. Cortez, 2010.

SHOJAEI, Seyedeh Fahimeh; MASOUMI, Roya. The importance of mental health training for psychologists in COVID-19 outbreak. **Middle East Journal of Rehabilitation and Health Studies**, v. 7, n. 2, e102846, 2020. Disponível em: <https://brieflands.com/articles/mejrh-102846.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022.

SILVA, Daniela Reis. Impacto do luto na criança: uma questão para a terapia familiar sistêmica. In: MAZORRA, Luciana; TINOCO, Valéria (Orgs.). **Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos**. Campinas: Livro Pleno, p. 171-201. 2005.

SILVA, Daniela Reis. Famílias e situações de luto. In: OSORIO, Luís Carlos; VALLE, Maria Elizabeth Pascoal. **Manual brasileiro de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, p. 376-398, 2008.

SILVA, Virginia Natalia Barbosa da. **A Eficácia de uma Intervenção Cognitiva Narrativa no Luto Complicado em Viúvos**. 2011. (Dissertação). Disponível em: [https://repositorio.cespu.pt/bitstream/handle/20.500.11816/179/Tese%20de%20Mestrado\\_Virg%C3%ADnia%20Nat%C3%A1lia%20Barbosa%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=O%20luto%20prop%C3%B5e%20quase%20que,aus%C3%A2ncia%20de%20uma%20forma%20permanente](https://repositorio.cespu.pt/bitstream/handle/20.500.11816/179/Tese%20de%20Mestrado_Virg%C3%ADnia%20Nat%C3%A1lia%20Barbosa%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=O%20luto%20prop%C3%B5e%20quase%20que,aus%C3%A2ncia%20de%20uma%20forma%20permanente), acesso em 20 de jan. 2023.

SILVA, Isabella Navarro *et al.* **Ajudando as crianças a enfrentarem o luto pela perda de pessoas significativas por COVID-19**. *Revista da Sociedade Brasileira de Enfermagem Pediátrica*, v. 20, p. 85-90, 2020. Disponível em: [10.31508/1676-3793202000000129](https://doi.org/10.31508/1676-3793202000000129). Acesso em: 25 jun. 2022.

**SINDSEP-PE. Desmonte da saúde e descaso com a pandemia dobrou mortes no Brasil**. **Ascom Sindsep-PE**, 18 ago. 2022. Disponível em: <https://www.sindsep-pe.com.br/noticias-detalle/desmonte-da-saude-e-descaso-com-a-pandemia-dobrou-mortes-no-brasil/11412#.Y2YQxHbMLrc>. Acesso em: 02 nov. 2022.

SOUSA, Maria Goreti da Silva. CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. *Horizontes*, v. 33, n. 2, p. 149-158, 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149/102>. Acesso em: 25 mai. 2022.

TAYLOR, Steven. **The psychology of pandemics: preparing for the next global outbreak of infectious disease.** Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2019.

TEIXEIRA, Paloma Barcelos; FREIRE, Ana Lucy Oliveira. **Transformações socioculturais de rituais funerários e das práticas cemiteriais em tempo de pandemia.** Ciência Geográfica - Bauru - XXV - Vol. XXV - (1): Janeiro/Dezembro - 2021. Disponível em: <[https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXV\\_1/agb\\_xxv\\_1\\_web/agb\\_xxv\\_1-15.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXV_1/agb_xxv_1_web/agb_xxv_1-15.pdf)>, acesso em: 19 de Marc. 2023.

TOTH, Paul L.; STOCKTON, Rex; BROWNE, Frederick. College student grief and loss. In: Harvey John; Miller Eric (Eds.). **Loss and trauma: General and close relationship perspectives.** Philadelphia: Brunner-Routledge, p. 237-248, 2000.

VICKIO, Craig J.; CAVANAUGH, John C.; ATTIG, Thomas W. Perceptions of grief among university students, **Death Studies**, v. 14, n. 3, p. 231-240, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07481189008252364>. Acesso em: 25 out. 2022.

VICTOR, Guitelle. St.; AHMED, Saeed. **The importance of culture in managing mental health response to pandemics.** In: HUREMOVIC, D. (Ed.). **Psychiatry of pandemics: a mental health response to infection outbreak.** Cham: Springer, 2019.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. **Pesquisa Qualitativa Em Administração - Teoria E Prática.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.

REVISTA ISTOÉ, disponível em <<https://istoe.com.br/viuva-de-erasmo-carlos-usa-rede-social-para-desabafar-sobre-luto-dei-uma-estagnada/>>, acesso em 13 de fev. 2023.

WADE, DorothyM. *et al.* **Intrusive memories of hallucinations and delusions in traumatized intensive care patients: an interview study.** **Br. J. Health Psychol.**, v. 20, n. 3, p. 613–631.2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24944013/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

WALLACE, Cara L. *et al.* **Grief during the COVID-19 pandemic: considerations for palliative care providers.** **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 60, n. 1, p. 70-76, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32298748/>. Acesso em: 29 jul. 2022.

WALKER, Patrick G. *et al.* **The global impact of COVID-19 and strategies for mitigation and suppression.** Imperial College COVID-19 Team, 2020. Disponível em: <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/Imperial-College-COVID19-Global-Impact-26-03-2020.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.

WALSH, Froma. Beliefs, **Spirituality, and Transcendence: Keys to Family Resilience.** In: MCGOLDRICK, Monica. **Re-Visioning Family Therapy: Race, Culture, and Gender in Clinical Practice.** **The Guilford Press, 1998.**

WALSH, Froma. A dimensão espiritual da vida familiar. In: WALSH Froma. (Ed.), **Processos normativos da família: diversidade e complexidade.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

WANG, Haowei. *et al.* Mourning in a pandemic: the differential impact of widowhood on mental health during COVID-19. **The J. Gerontology**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geronb/gbac085>. Acesso em: 10 jul. 2022.

- WEIR, Kirsten. Grief and COVID-19: mourning our bygone lives. **American Psychological Association**, 2020. Disponível em: <https://www.apa.org/news/apa/2020/grief-covid-19>. Acesso em: 18 set. 2022.
- WOLFELT, Alan D.; DEBERRY, John. **Understanding Your Grief: Ten Essential Touchstones for Finding Hope and Healing Your Heart**. Chicago: Independent Publishers Group, 262p. 2021.
- WORDEN, J. Willian. **Grief counseling and grief therapy: a handbook for the mental health practitioner**. New York: Springer, 2018.
- ZHANG, Chenxi.*et al.* Survey of insomnia and related social psychological factors among medical staffs involved with the 2019 novel coronavirus disease outbreak. **Frontiers in Psychiatry**, v. 11, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.00306>. Acesso em: 28 set. 2022.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos-lhe para participar da Pesquisa intitulada “Narrativas de luto na pandemia por COVID-19”, oriunda da Universidade Federal do Tocantins, sob a responsabilidade do pesquisador Lenicio da Silva Nascimento, solteiro, residente em Palmas - TO, psicólogo, o qual pretende conduzir esta entrevista que terá duração máxima de 2 horas. O objetivo geral deste estudo é descrever a narrativa do luto de sujeitos que perderam familiares próximos para o novo coronavírus entre 2020 e 2022. Especificamente busca-se narrar a experiência de luto na pandemia pela COVID-19 de cinco sujeitos residentes em Palmas-TO; Identificar as narrativas usadas por esses sujeitos na busca pela ressignificação desse luto; Delinear os possíveis destinos que os participantes enlutados deram ao luto.

Sua participação se fará por meio de participação na entrevista, respondendo algumas perguntas e dialogando com o pesquisador, esta entrevista será gravada (em áudio) e/ou registrada de forma escrita a partir da assinatura desta autorização.

Os eventuais riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são sentir algum mal-estar ou incômodo durante a entrevista, pois serão tratadas questões voltadas ao seu processo de luto.

Caso seja necessário, o participante terá acompanhamento e assistência permanente durante o estudo, ou mesmo após o término ou interrupção do estudo, podendo procurar o pesquisador, inclusive para encaminhamento a uma unidade médica, com despesas para o pesquisador. Casos de urgência e emergência decorrentes de sua participação na pesquisa procurar o Centro de Saúde mais próximo de onde estiver e contatar o pesquisador pelo telefone: (63) 9 9957-8488, para que este providencie total assistência.

Se aceitar participar, estará contribuindo para a realização do processo de compreensão acerca nas narrativas que envolvem o luto.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Depois de consentir sua participação, o participante poderá desistir, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo, e sem nenhum prejuízo. Não haverá nenhuma despesa ou remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada.

O acesso aos dados coletados será permitido à orientadora deste estudo, professor Dra Liliam Deisy Ghizoni e ao co-orientador professor Dr. José Fernando Patiño Torres, ambos docentes no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins - UFT. Todo o material coletado ficará sob a responsabilidade do pesquisador Lenicio da Silva Nascimento por cinco anos.

Para informações, esclarecimentos ou dúvidas sobre a pesquisa, em qualquer fase do estudo, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço: Quadra 1203 Sul, Qi 36, Alameda 14, Lote 04, Plano Diretor Sul, CEP: 77019-443 Palmas - TO; telefone: (63) 9 9957-8488, e-mail: lenicionascimento@uol.com.br. Caso queira poderá entrar em contato com a Orientadora da pesquisa Prof. Dra Liliam Deisy Ghizoni, poderá fazer pelo email: ldghizoni@gmail.com.

Esta pesquisa corresponde e atende às exigências éticas e científicas indicadas na Res. CNS 466/2012 que contém as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Estou ciente de que o resultado do trabalho poderá ser publicado em artigo científico ou outro meio científico de divulgação, preservando em sigilo o nome dos participantes. Este termo de consentimento será guardado pelos pesquisadores e, em nenhuma circunstância, ele será dado a conhecer a outra pessoa.

Eu, \_ , fui informado (a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação e que caso me interessar, posso receber os resultados da pesquisa quando forem publicados. Por tudo isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo e que posso sair quando quiser. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Reclamações e/ou insatisfações relacionadas à participação do trabalhador na pesquisa poderão ser comunicadas por escrito à Secretaria do Comitê de Ética da UFT, e o seu nome será mantido em anonimato. Este documento será assinado em duas vias, uma via ficará comigo e outra com o pesquisador.

Assinatura do Participante

## APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista semi-estruturada

<b>Eixo 1- Narrar a experiência de luto na pandemia pela COVID-19 de cinco sujeitos residentes em Palmas - TO</b>	<b>Eixo 2-Identificar as narrativas usadas por esses sujeitos na busca pela ressignificação desse luto</b>	<b>Eixo 3-Delinear as consequências do luto na vida dos participantes</b>
<p>Você perdeu alguém próximo, amigo ou ente, vítima da pandemia do novo coronavírus?</p> <p>Quantas pessoas foram perdidas? Há quanto tempo? (traçar uma linha do tempo com o que vivíamos no país – antes das vacinas, durante a vacina, chegou a tomar vacina?)</p> <p>Conte para mim como foi a sua experiência com o luto desta(s) pessoa(s)</p> <p>Como a perda desta pessoa te impactou?</p> <p>Como foi o processo de receber o diagnóstico até o sepultamento?</p> <p>Como foi o sepultamento?</p> <p>Você participou das burocracias do sepultamento?</p> <p>Como você ficou depois do sepultamento? Como foram os dias, semanas, meses seguintes?</p> <p>Diante da situação do nosso país e da reação dos governantes o que você pensou?</p>	<p>10. Você costuma falar desse luto? Como você tem expressado?</p> <p>11. Se a resposta anterior for sim, o que o motiva a compartilhar?</p> <p>12. Descreva como você exteriorizou seu luto. (Por exemplo, tornou-se uma pessoa triste, deixou de comer, passou a chorar mais frequentemente, ficou mais carente, não quis mais sair com os amigos etc).</p> <p>13. Você conseguiu ressignificar a dor do luto?</p> <p>14. Como você ressignificou a dor do luto?</p> <p>15. O que você tem feito para buscar esta ressignificação?</p> <p>16. Você tem alguém que lhes inspira a lidar melhor com o luto?</p> <p>17. Você consegue identificar pessoas (e instituições) que podem ser suas redes de apoio nesse momento de luto? (se for pessoas ver se são amigos, parentes, vizinhos)</p>	<p>18. Como você está hoje diante de tudo que vivenciou?</p> <p>19. O luto trouxe alguma consequência para a sua vida pessoal, familiar, trabalho?</p> <p>20. Se sim, quais? (exemplo, diminuição de renda, perdeu emprego, teve depressão...brigas na família)</p> <p>21. Você gostaria que houvessem ações sociais, como encontros grupais com pessoas em mesma situação, para que estas questões pudessem ser discutidas, amenizando a dor e o sofrimento do luto?</p>

## APÊNDICE C

**DIÁRIO DE CAMPO DE PESQUISA****1. Identificação**

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Nome do pesquisador: Lenicio Nascimento

Nome Assistente de Pesquisa: Janete Monteiro

Nome do entrevistado/enlutado: Arvore brotando

Data: 13/12/2012

Local: Clínica do pesquisador

Horário: 17h30m

**2. Atividade Realizada**

A entrevista teve início às 19h40, logo após a chegada da entrevistada/enlutado, em razão da Covid-19, a quem fui apresentado pelo Lecínio e que explicou o nosso trabalho. ÁRVORE se apresentou e o pesquisador iniciou perguntando sobre quem ela perdeu, há quanto tempo, e como foi para ela o impacto da notícia da pandemia.

**ADOCIMENTO**

Ela narrou com uma riqueza de detalhes todo o processo de adoecimento, morte, velório e o luto vivido pela morte do marido em março de 2021 após quase um mês de internação. ÁRVORE contou que ficou em pânico nos primeiros meses da pandemia. Limpava tudo do supermercado, vivia preocupada e o marido dizia que ela estava perturbada em razão de cuidados extremos na opinião dele. Ela narrou que foi a um enterro de um parente e adquiriu Covid-19, passou bem mal. Ficou isolada, teve leve falta de ar e o marido não saiu do lado dela em nenhum dos 14 dias. Dessa forma ela dormia de máscara para evitar passar para ele. Assim, ao final do isolamento, o marido e o filho fizeram exames e não haviam pegado o vírus. Para ele, a Covid era invenção da mídia e a quantidade de mortes divulgada era absurda,

Narrou à vida do marido como motorista, as inúmeras viagens a trabalho na pandemia e a total ausência de medo da parte dele. Nos finais de semana, saía com os amigos até que sentiu os sintomas de gripe e febre. Mesmo assim, com todos os sintomas, continuou saindo para trabalho e ainda foi para o lago no fim de semana para pescaria com amigos, pegando chuva. Quando a falta de ar ficou complicada é que aceitou ir ao hospital e lá já ficou internado

por dias na enfermagem, depois foi transferido para UTI de outro hospital e em seguida intubado. O hospital fazia ligação de vídeo e ela interagia com ele, desde os primeiros dias, ocasião que ele chorava pedia para ela e o filho se cuidarem. Pediu desculpas pelas farras e verbalizou que se tivesse ficado em casa, quando ela pediu, com a família, não estaria vivendo aquela situação.

### MORTE

Como estudante de enfermagem disse que sabia da gravidade dele, mas sempre há esperança e não queria acreditar na morte.

“Ao receber a notícia da morte o meu mundo desabou”. A ligação veio as 5h40m da manhã e ela conta que sempre deixava o celular perto e no volume máximo para ela atender prontamente. Disse que quando foi informada pulava, gritava na casa, não conseguia se controlar. Indaguei sobre o apoio recebido nesta fase do luto antecipatório (antes da morte) e ela citou o apoio da amiga dela após a morte também. Neste momento ela retomou o fato de que insistiu para ver o corpo ainda no hospital. Enfrentou resistência da equipe médica, mas quis ver mesmo assim. Detalhadamente falou que o técnico abriu a cortina, o lençol, o zíper de outro saco e ressaltou o corpo nu, amarrado sem roupa.

O velório não houve. O enterro foi com poucas pessoas. Não pode abrir o caixão para despedida final.

### LUTO

Relatou que não conseguiu voltar para casa ao sair do enterro. “Fui para casa da minha cunhada. Passei dois meses lá. A volta para casa foi terrível. Parecia o primeiro”.

Recebeu muito apoio e sentia segurança com a cunhada e a amiga.

Relatou que logo nos primeiros não queria falar com ninguém e a cunhada dizia: ela está ali no mundo dela. Perguntei sobre o que a incomodava ao chegar alguém para falar com ela e ÁRVORE disse que eram frases como: Deus quis assim; “acho que foi negligência”. Ela conta que a forma de falar das pessoas feria ela.

Novamente ressaltou que esteve ao lado do marido o tempo todo.

“A dor do luto é muito grande e ainda ter que tratar de inventário e divisão de bens é muito difícil”. Relatou com tristeza o fato de ter sido cobrada de imediato por divisão de bens.

Após a morte, o celular não toca porque sempre deixa no silencioso. Quando ele tocava remetia ao dia da morte e isso causava ansiedade.

Falou também que por 5 meses não trabalhou e nem estudou. Não conseguiu manter as obrigações diárias. Após esse período precisou trabalhar para garantir o sustento dela e do filho

e conseguiu vaga num supermercado. Ficou lá por dois meses. Fez uma amiga e desabafava com ela e chorava. Depois procurou outro local com folga aos finais de semana. Quando foi chamada em outro emprego foi um momento em que ela ficou satisfeita e começou a reagir para dá sequência a vida. Voltou para faculdade também.

Como suporte diz que teve o emprego, a religião e alguns amigos mais próximos.

Contou que usou muito, no início, as redes sociais para divulgar as fotos e falar da sua dor e que atualmente não faz mais isso.

Quando perguntei sobre o que ela achava da temática LUTO ser falado e tratado nas escolas a fim de que esse tema fosse naturalizado desde a infância, ela concordou e disse que deu uma palestra sobre sua história na faculdade e teve boa aceitação, de forma que o Luto pela Covid-19 poderia ser tema de debate em sala de aula.

Participou de um grupo de viúvas organizado pela Igreja e gostou de participar. Mas não se reconhece como viúva.

Por fim, contou que escreve diariamente tudo que passou e passa no processo de adoecimento do marido e o luto.

## **2. Aspectos do Relato (forma de recepção do entrevistado, recursos de linguagem, metáforas, hipérboles, comparações, a ênfase da fala em que?)**

ÁRVORE demonstrou calma, paciência e uma conversa tranquila. Aceitou minha participação com tranquilidade e demonstrou simpatia. Na narrativa, observei a ênfase no fato de que ele, o marido, não acreditava na doença e teve resistência em ir ao hospital, além de dizer que não saiu do lado dele, e mesmo hospitalizado ia para lá constantemente, ficava do lado de fora, rezava, pagava tudo que precisava e que o hospital não dispunha, a exemplo de fisioterapia pulmonar extra, entre outras coisas, momentos em que ela se desesperava.

Em alguns momentos ela retomava falas anteriores e até pensei em interromper em alguns momentos, mas logo observei que ela precisava de espaço de fala, que estava com os olhos marejados. Era preciso deixar falar em respeito e em apoio. Foram duas horas de narração diretas.

Falou do apoio constante que teve da cunhada e de uma amiga. Após uma hora de entrevista, o pesquisador fez perguntas sobre o luto em si e ela respondia, mas voltava para relato das circunstâncias do adoecimento.

Fala dele no presente uso o termo meu marido e disse que estudou sobre as fases do luto e identifica que não está na aceitação.

Usou durante o relato termos como desespero, pânico, e “meu mundo desabou”. Ressaltou muito o adoecimento. Descreveu o telefonema da notícia, que recebeu as 5h40m da manhã e que por isso o toque do telefone a incomoda até hoje.

Relatou que escreve todas as vivências num caderno e quando o pesquisador perguntou qual a imagem a descreveria, ela de pronto respondeu: uma árvore que está brotando.

### **3. Reflexões críticas: sentimentos surgidos durante a sessão.**

Senti-me emocionada com o choro dela em alguns momentos, como quando relatou que um dia ela e outras famílias estava rezando fora do hospital pelos doentes e uma pessoa passou a mão no vidro da janela lentamente. Aquela descrição me remeteu a uma despedida, uma vontade de tocar e abençoar a pessoa, enfim foi emocionante.

### **4. Observações**

ÁRVORE se retraiu muito para falar da sua própria dor. Não obteve o espaço que precisava, apesar de ter sido apoiada pela amiga e pela cunhada, por isso mostrou necessidade de dar todos os detalhes. Deixou de ir a aula naquela noite para estar conosco contando sobre o marido e a perda.

Falou que não gosta de ouvir o telefone tocar, não se reconhece viúva e muitas vezes imagina que ele está viajando; que ainda sofre muito e não tem aceitação. Ao mesmo tempo ao se definir como uma árvore brotando, revela uma oscilação neste processo, que não é linear e por isso cheios de emoções variadas: ora se vê melhor, brotando, ora ainda se pergunta porquê ou se vê barganhando com Deus, como diz ela.

## APÊNDICE D

**DIÁRIO DE CAMPO DE PESQUISA****1. Identificação**

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Nome do pesquisador: Lenício Nascimento

Nome Assistente de Pesquisa: Janete Monteiro

Nome do entrevistado/enlutado: Fortaleza

Data: 14/12/2022

Local: Clínica do pesquisador

Horário: 17h30m

**2. Atividade Realizada**

A entrevista teve início às 17h30m, logo após a chegada da entrevistada/enlutada, em razão da Covid-19, a quem fui apresentada pelo pesquisador e que explicou o nosso trabalho. Ela foi bem receptiva. Na primeira pergunta sobre quem ela perdeu, a FORTALEZA nos impactou com a resposta e disse: minha filha e meu esposo com diferença de 24h no primeiro ano de pandemia.

FORTALEZA narrou a sua história constituída por duas perdas durante a Covid-19 um no dia 15 de setembro de 2020, a filha depois dia 16, o marido, sendo a filha de 40 anos e o esposo de 83, com quem foi casada 53 anos. A narrativa foi concisa, mas linear e bem esclarecedora. Conta que a filha trabalhava numa loja e contaminou-se pela Covid dia 01 de setembro e morreu dia 16, depois de intubação e internação e o esposo, na opinião dela, não morreu de Covid. Pelo seu próprio diagnóstico, ele ficou triste e depressivo pela filha, foi internado e em razão de já ter tido AVC anos antes, teve agravantes e faleceu.

“O impacto da notícia da morte do meu esposo foi grande demais”.

E no dia seguinte mesmo horário a notícia da morte da minha filha chegou e ela ficou sem chão. “Ele foi sepultado às 15h, voltei para casa. Passei uma noite angustiada e na manhã seguinte, ela morreu. Foi momento muito difícil. Éramos 5 amigos, não apenas mãe, pai e irmãos e de repente, estar sem eles...”, conta emocionada.

O marido era construtor bem conhecido na região e FORTALEZA disse que não teve velório, mas no enterro compareceu muita gente, com máscara, álcool e os cuidados exigidos na época. “Os amigos e vizinhos não nos deixaram sós, principalmente minha amiga Iraci,

frisou. Mas desde o primeiro momento, conta ela, que a fé a amparou e ela diz: “Não perdi. Jamais digo isso, porque Deus levou”.

### LUTO

Conta que a rede de apoio foi grande. A religião a ajudou demais. A fé foi o suporte e o sustento. “Não contesto as coisas de Deus. Suportei com firmeza porque pensei que tinha gente que perdia muito mais pessoas e tivemos uma vida boa juntos”.

FORTALEZA relata que ficou sem apetite e ruim para dormir, mas não atribuiu esses fatores ao luto. Entretanto, em janeiro de 2021, após insistências de familiares e amigos, foi ao psicólogo.

Para ela, no luto, a família se uniu mais. Ela mesma não se afastou das atividades sociais e garantiu que a fé, a amizade e o amor influem muito.

Quando indagada pelo sobre que imagem a representaria nesse momento, ela disse: uma fortaleza.

### **2.1 Aspectos do Relato (forma de recepção do entrevistado, recursos de linguagem, metáforas, hipérboles, comparações, a ênfase da fala em que?).**

Deu ênfase na religião como suporte para não entrar em depressão e no convívio com os amigos. Vários momentos ela falou da fé.

### **3. Reflexões críticas: sentimentos surgidos durante a sessão.**

Senti-me bem e emocionada ouvindo aquela senhora, de 75 anos, que passou por dois lutos seguidos, ao mesmo tempo, demonstrar tanta firmeza e segurança na palavra de Deus. Demonstrar tamanha fé. Saí da entrevista fortalecida.

## APÊNDICE E

**DIÁRIO DE CAMPO DE PESQUISA****1. Identificação**

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Nome do pesquisador: Lenício Nascimento

Nome Assistente de Pesquisa: Janete Monteiro

Nome do entrevistado/enlutado: ONÇA

Data: 27/12/2022

Local: *On-line*

Horário: 10h30m

**2. Atividade Realizada**

A entrevista teve início às 10h30m, por vídeo, em razão da entrevistada está em cidade distinta dos pesquisadores. Ao adentrar a sala, fui apresentada pelo pesquisador que explicou o nosso trabalho. Ela foi bem receptiva. Uma moça de 27 anos que perdeu o pai em razão da covid-19. Ela contou todo o processo do adoecimento, que iniciou em 17 de janeiro de 2021, com sintomas leves, parecidos a uma alergia, e cinco dias depois só piorava, apresentando febre.

Conta que foi ao médico com ele, mas mesmo assim não exigiram teste de covid-19, a família que pediu. Ele voltou para casa e no dia 28 quando retornou já estava com os pulmões comprometidos. A entrevistada, cujo codinome aqui é onça, em razão de autodenominar-se assim, diz que fizeram pouco caso na UPA, onde ele ficou 7 dias. Relata que precisou entrar na justiça porque diziam que não havia leito disponível nos hospitais e, dia 30 de janeiro, ligou no Hospital Santa Tereza e tinha leito. Nesse momento, relata que foi revoltante precisar recorrer à justiça para ter acesso a saúde pública, sendo preciso expor o caso na imprensa.

Onça diz que via ele se despedindo aos poucos, que foi um momento difícil. Conta que os amigos dele deram muito apoio a ela e em 03 de fevereiro de 2021, ele faleceu aos 53 anos. Ela disse que visitava ele todo dia e que sempre conversava com ele, mas quando foi intubado ela perdeu a esperança. “Eu abraçava ele e sentia que minha energia ia chegar até ele e até os médicos diziam que isso ia melhorá-lo.

**Notícia da morte**

Mas o impacto da notícia da morte é grande, diz ela. Não era o que família esperava e queria. Ei vi o corpo e não tinha reação. “Eles abriram o plástico preto e eu o vi”. Mas, o

sepultamento foi o mais desesperador. “Apenas dez minutos no cemitério, com caixão lacrado e não pude ver o rosto”, diz.

Para onça, os dias seguintes ao falecimento do pai foram muito difíceis, mas ela evitava falar dele. Diz que guardou para ela a dor do luto. Acrescenta que o irmão sente remorso por não ter dado tanta atenção ao pai.

Ela diz que procurou evitar ir à casa dos pais em cidade vizinha por 15 dias. Mas conta também que recebeu apoio dos amigos dele que estiveram bem presentes e que eles ligavam muito para a mãe dela.

Onça repete (chorando) que falar dele é muito difícil e por isso opta por não falar. Diz que se inspira muito na mãe e no aprendizado que teve com o pai e que o suporte da mãe é ela.

Conta que não teve dificuldade financeira e contou com apoio jurídico no inventário. Mas no trabalho teve dificuldade porque as pessoas lá conheciam o pai.

Sobre vacina, ela diz: O meu pai não tinha sido vacinado ainda. Ela se vacinou e diz que acredita na ciência.

Quando indagada sobre a importância de grupos de encontro de enlutados, ela responde que acredita que é uma boa forma de ajudar o outro porque só quem passou sabe.

Relata que neste processo teve suporte espiritual e que a família é muito católica.

Ela chorou o tempo inteiro da entrevista que durou 55 minutos.

Quando indagado sobre a imagem que se vê garante que é uma onça: forte e valente.